

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

TIAGO ZILLES FEDRIZZI

**VACARIA ENTRE TRECHOS:
dinâmicas e trajetórias dos trabalhadores sazonais na colheita da maçã**

Porto Alegre

2020

TIAGO ZILLES FEDRIZZI

**VACARIA ENTRE TRECHOS:
dinâmicas e trajetórias dos trabalhadores sazonais na colheita da maçã**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Fedrizzi, Tiago Zilles

Vacaria entre trechos: dinâmicas e trajetórias dos trabalhadores sazonais na colheita da maçã / Tiago Zilles Fedrizzi. -- 2020.

179 f.

Orientador: Alberto Bracagioli Neto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Trabalho sazonal. 2. Cadeia produtiva da maçã. 3. Incentivos fiscais. 4. Mobilidade. I. Bracagioli Neto, Alberto, orient. II. Título.

TIAGO ZILLES FEDRIZZI

**VACARIA ENTRE TRECHOS:
dinâmicas e trajetórias dos trabalhadores sazonais na colheita da maçã**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto

Aprovado em: Porto Alegre, 06 de maio de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alberto Bracagioli Neto - Orientador
UFRGS

Prof.^a Dra. Gabriela Peixoto Coelho de Souza
UFRGS

Prof.^a Dra. Cornelia Eckert
UFRGS

Prof. Dra. Marilda Aparecida de Menezes
UFABC

AGRADECIMENTOS

O que nos faz enquanto indivíduos é a junção de vários encontros, vivências e relações. Bebemos de várias fontes do conhecimento para tornar-nos o que somos atualmente. Esse é um processo constante - e veja que incrível! – é o que nos torna diferentes de ontem e de amanhã. Portanto, seria uma tarefa árdua recordar a todas e todos nestas breves linhas, o quanto lhes sou grato pelos aprendizados, apoios e companhias ao longo dos caminhos trilhados durante o mestrado. Este é um trabalho coletivo, construído por várias mãos e cabeças, no qual algumas pessoas foram fundamentais para o fechamento desta desafiante etapa de construção.

Em especial a todos interlocutores, trabalhadoras e trabalhadores temporários, que cruzam fronteiras geográficas e psicológicas e buscam, nestes “serviços”, melhores condições de vida, resistem e movimentam as engrenagens da produção agrícola. Sem o espaço e o tempo concedidos por eles e sem a convivência com eles não teria sido possível retratar este trabalho tal como é apresentado nesta dissertação.

Aos responsáveis pelos pomares de maçã, que gentilmente abriram as portas para que eu pudesse vivenciar essa experiência nos espaços mais diretos e reais.

À equipe do Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais de Vacaria, na pessoa de Sérgio Poletto, que foi fundamental na construção de uma “ponte” com as empresas de maçã. Sem o auxílio de vocês a entrada a campo teria sido muito mais restrita.

Agradeço aos meus queridos pais, Mara e Edgar, bem como à minha irmã Vitória, pelos ensinamentos, apoio e liberdade de escolha para buscar o que eu acredito.

Sou muito grato à Carol, grande companheira que tem me ensinado muito sobre responsabilidades, afetos e sentimentos, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência.

Exalto a todas e todos os colegas de mestrado que contribuíram na construção de um senso crítico, cada qual com sua experiência numa junção de olhares interdisciplinares e transcontinentais sobre o desenvolvimento. Seja nas discussões em salas de aula, seja nos corredores ou nas confraternizações na

Ponta Grossa ou na Mariland. Wellington, Andrey, Gui, Pepo, Helena, Sasso, Pedro, Frizzo, Renata, André, Reilly, Mohamed, Júlio, exemplos de que a natureza funciona na base da cooperação. Essa rede é de resistência.

A todo o corpo docente do PGDR que regou as sementes e permitiu abrir novas perspectivas para o conhecimento, com uma educação humanizante que mostra que ciência e afeto têm espaço na academia. À Rumi Kubo, pelos incentivos no uso da linguagem visual nas nossas pesquisas e sua humildade, conhecimento e disponibilidade nas horas das dúvidas. Às professoras Flávia Charão, Daniela Oliveira e à doutoranda Andressa Ramos, pelas contribuições importantíssimas na qualificação da banca de mestrado.

Agradeço, em especial, ao meu orientador Alberto Bracagioli, pela partilha de conhecimentos, pela abertura nas orientações, por sua sensibilidade, confiança e coragem de aceitar a se aventurar comigo nesta travessia desconhecida.

À equipe do estúdio e da informática do CISADE, na pessoa do Jefferson e do Roger, pela paciência e o auxílio fundamental para a construção do material audiovisual desta pesquisa.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que em tempos sombrios continua demonstrando a sua importância e contribuição na construção dos conhecimentos que auxiliem na construção de uma sociedade melhor.

Sou muito privilegiado por ter amigos e pesquisadores como Graziela Motta, Gustavo da Rosa e Grégori Turra, que, com suas cuidadosas e carinhosas sugestões e leituras das lentes das Ciências Sociais, contribuíram neste trabalho.

Pela sensibilidade e criatividade nas ilustrações, agradeço à Juliana Britto, que topou se aventurar nos desenhos.

Ao Osvaldo Motta, pelas prosas ao redor do fogão à lenha e pela recepção na sua querência, em Vacaria, lugar que pude chamar também de minha casa por alguns meses.

Por fim, agradeço a todos os integrantes da banca que aceitaram participar deste momento significativo em minha vida. As contribuições de vocês foram imprescindíveis para a minha formação e para este contínuo processo de aprendizado.

A todas e todos, o meu sentimento de gratidão.



Ilustração elaborada por Juliana Britto a partir da fotografia do autor (2019).

"Sueñan las pulgas con comprarse un perro y sueñan los nadies con salir de pobres, que algún mágico día llueva de pronto la buena suerte, que llueva a cántaros la buena suerte; pero la buena suerte no llueve ayer, ni hoy, ni mañana, ni nunca, ni en lloviznita cae del cielo la buena suerte, por mucho que los nadies la llamen y aunque les pique la mano izquierda, o se levanten con el pie derecho, o empiecen el año cambiando de escoba.

Los nadies: los hijos de nadie, los dueños de nada.

Los nadies: los ningunos, los ninguneados, corriendo la Liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos:

Que no son, aunque sean.

Que no hablan idiomas, sino dialectos.

Que no hacen arte, sino artesanía.

Que no practican cultura, sino folklore.

Que no son seres humanos, sino recursos humanos.

Que no tienen cara, sino brazos.

Que no tienen nombre, sino número.

Que no figuran en la historia universal, sino en la crónica

Roja de la prensa local.

Los nadie, que cuestan menos que la bala que los mata."

GALEANO, Eduardo. Los Nadies: el libro de los abrazos. Siglo XXI, Madrid, 2002.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o cotidiano e as relações de trabalho vivenciadas entre os mais de 10.000 trabalhadores temporários que sazonalmente se deslocam de diferentes regiões brasileiras para a colheita da maçã no município de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Foram utilizadas ferramentas metodológicas qualitativas de caráter etnográfico, como entrevistas semidiretivas e observação participante, através da vivência no cotidiano de trabalho de três pomares distintos. Também foram utilizadas fotografias e vídeos como instrumento etnográfico, permitindo refletir e desvelar as “realidades” contadas pelas imagens e traçar narrativas do cotidiano dos atores. Neste sentido, a pesquisa visou revelar as práticas cotidianas de trabalho nos diferentes “espaços-movimento” que se mostraram riquíssimos sob os aspectos sociais para a realização da pesquisa: o “mundo de dentro”, possibilitando compreender espaços, assimetrias e relações de poder dentro dos pomares, nos quais há sobreposição do espaço de trabalho nos alojamentos, refeitórios e momentos de lazer; e o “mundo de fora”, cujos espaços transpassam as estruturas de dentro do pomar, com o enfoque específico para a rodoviária municipal como um espaço de chegadas, saídas e contratações de trabalhadores. Ao permanecer “acampado” no mesmo alojamento dos trabalhadores, pude identificar a diversidade de grupos sociais, cada qual mobilizado por estratégias, individuais ou coletivas, trajetórias, objetivos e realidades, permitindo a construção de uma cartografia dos deslocamentos e o afloramento de “categorias de atenção”: os trabalhadores do “trecho” que vivem numa espécie de saga errante e se deslocam continuamente pelo território, mantendo-se através de “biscates”, numa estratégia capaz de produzir efeitos educativos e de aprendizagem; os “formigas”, que estabelecem uma regularidade migratória no período da safra e encontram uma oportunidade de uma “gordurinha” como complemento da renda; e os “assentados”, que são agricultores familiares ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e encontram na colheita da maçã uma possibilidade de diversificação de sua renda e de estruturação de seus lotes no assentamento. Embora muitos trabalhadores permaneçam vindo para a colheita ao longo dos anos, verifiquei que grande parte deles enxerga este trabalho como um período transitório e uma possibilidade de viabilizar suas atividades nos locais de origem para não precisar mais voltar a este

serviço. Das distintas origens, aproximadamente 70% dos trabalhadores temporários são da região Sul, provenientes principalmente das regiões dos Campos de Cima da Serra, da Campanha e do Planalto do Rio Grande do Sul; 23% deles provém da região Centro-Oeste, pertencentes a etnias indígenas do Mato Grosso do Sul; e o restante deles provém das regiões Sudeste, Nordeste e Norte. As dinâmicas dessas mobilidades são permeadas por aspirações, conflitos, práticas de resistência e assimetrias de poder dentro e fora dos pomares. A constatação é que as políticas de incentivo fiscal criam espaços de dinamismo e contradições, por vezes, intensificando as assimetrias estruturalmente existentes.

Palavras-chave: Trabalho sazonal. Cadeia produtiva da maçã. Incentivos fiscais. Mobilidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the daily life and working relationships experienced from over 10.000 temporary workers who seasonally move from different Brazilian regions for apple harvest in the city of Vacaria, Rio Grande do Sul. Qualitative methodological tools of an ethnographic character were used, such as semi-directive interviews and participant observation, through the experience in the daily work of three different orchards. Photographs and videos were also used as an ethnographic instrument, allowing to reflect and reveal the “realities” told by the images, tracing narratives of the actors’ daily lives. In this sense, the research aimed to reveal the daily work practices in the different “movement spaces” that proved to be very rich on social aspects for the research: the “inside world”, making it possible to understand spaces, asymmetries and power relation within the orchards, where there is an overlapping of the work space in the accommodations, cafeterias and leisure times; and the “outside world”, whose spaces cross the structure inside the orchard, with a specific focus on the municipal road as an area of arrivals, departures and hiring workers. When staying “camped” in the same accommodation as the workers, it was able to identify the diversity of social groups, each one mobilized by strategies, whether individual or collective, trajectories, objectives and realities, allowing the construction of a cartographic of displacements as well as the emergence of “Attention categories”: the workers of the “Way” who live in a kind of wandering saga and move continuously through the territory, maintaining themselves through “odd jobs”, in a strategy able to produce educational and learning effects; the “Ants” establish a migratory regularity during the harvest period, where they find an opportunity of a “back fat” as a complement to their income; and the “settlements” who are family farmers linked to the Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) and finding in the apple harvest, a possibility in diversifying their income and structuring their lots in the settlement. Although many of the workers remain coming for the harvest over the years, I realized that most of them see this job as a transitional period and a possibility to facilitate their activities in their own places, so, no longer they need to return to this service. From different origins, approximately 70% of temporary workers are from the South, mainly from Campos de Cima da Serra, countryside and plateau of Rio Grande do Sul state; 23% of the Midwest region, belonging to

the indigenous ethnic groups of Mato Grosso do Sul; and the rest of the Southeast, Northeast and North regions. The dynamics of these modalities are permeated by aspirations, conflicts, practices of resistance and asymmetries of power inside and outside the orchards. The finding is that fiscal incentive policies create spaces of dynamism and contradictions, sometimes intensifying structurally existing asymmetries.

Keywords: Seasonal work. Apple production chain. Tax incentives. Mobility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - A travessia do pesquisador	24
Mapa 1 - Localização do município de Vacaria e municípios vizinhos em relação ao estado do Rio Grande do Sul	44
Mapa 2 - Localização da região produtora de maçã e a relação de principais municípios	54
Figura 1 - Representação da classificação das maçãs por categorias.....	61
Figura 2 - Marquises da rodoviária de Vacaria que servem de abrigo para moradores em situação de rua	62
Ilustração 2 - Diversidade no cotidiano	64
Mapa 3 - Fluxo de trabalhadores temporários da colheita da maçã em Vacaria - RS por grandes regiões de origem.....	110
Mapa 4 - Percentual dos trabalhadores temporários da colheita da maçã em Vacaria - RS por município.....	112
Ilustração 3 - Maçã e suas lidas	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABPM	Associação Brasileira dos Produtores de Maçã
AGAPOMI	Associação Gaúcha dos Produtores de Maçã
CCT	Convenção Coletiva do Trabalho
CEAGESP	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FAO	Food and Agriculture Organization of United Nations
FRIVA	Frigorífico Vacariense
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNTRAB	Fundação do Trabalho do Mato Grosso do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MPT	Ministério Público do Trabalho
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NR	Norma Regulamentadora
PGDR	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural
PIS	Programa de Integração Social
PROFIT	Programa de Fruticultura de Clima Temperado
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SAFRA	Sociedade Agrícola Fraiburgo Ltda
SDS	Secretaria do Desenvolvimento Social
SINE	Serviço Nacional de Emprego
STR	Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais de Vacaria
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UPA	Unidade de Produção Agrícola

CONVENÇÕES

As palavras ou trechos entre aspas duplas buscam, além de evidenciar citações diretas, destacar expressões utilizadas na linguagem coloquial, assim como enfatizar e dar destaque a alguns termos específicos.

Ao longo do trabalho aparecem grifos, em negrito ou itálico, com o intuito de destacar pontos relevantes ou mesmo adicionar termos para facilitar e dar coesão ao sentido da frase.

Além do mais, os termos “sazonal”, “temporário”, “migrante” e “safrista” são utilizados com o mesmo intuito para se referirem aos trabalhadores dos quais trata a pesquisa e que de uma forma ou outra exercem funções diversas de caráter temporário nos pomares de maçã.

Optei por identificar os interlocutores a partir de suas funções seguidas por letras, evitando qualquer problema em relação ao nome verdadeiro pela exposição dos relatos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	UM RIO, MUITAS MARGENS: A TRAVESSIA DA PESQUISA E DO PESQUISADOR	24
2.1	PAVIMENTANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA DE CAMPO	29
2.2	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	33
3	CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO	43
3.1	MAÇÃS E VACARIA EM NÚMEROS	51
4	ESPAÇOS-MOVIMENTO	57
4.1	RODOVIÁRIA: BASTIDORES DE CHEGADAS, PARTIDAS E CONTRATAÇÕES	57
4.2	A GRAFIA DO “MUNDO DE DENTRO”: ILUSTRANDO O COTIDIANO E AS TRAJETÓRIAS DOS TRABALHADORES	64
4.3	DOCUMENTANDO PELO VÍDEO	68
5	POMARES: ESPAÇOS DE PODER, HIERARQUIAS E ASSIMETRIAS...	69
5.1	DISPOSITIVOS DISCIPLINARES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA	72
5.2	“QUANDO A MAÇÃ É BOA TODO MUNDO GANHA MAIS”	83
6	PERCEPÇÕES E IMAGINÁRIOS EM RELAÇÃO AO TRABALHADOR TEMPORÁRIO	89
6.1	A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO “BOM” TRABALHADOR	89
6.2	“E CLARO, A CHEGADA DE UM MONTE DE GENTE ESTRANHA”	94
7	CAMINHOS DE IDAS, VINDAS E PARADAS: TRAJETÓRIAS NO CONTEXTO DO TRABALHO SAZONAL	104
7.1	CARTOGRAFIA DO DESLOCAMENTO: ORIGENS DOS TRABALHADORES TEMPORÁRIOS	107
7.2	MOVIDOS PELA MAÇÃ: ATORES E SUAS TRAJETÓRIAS	112
7.2.1	“Ser e estar no trecho”	112
7.2.2	“Que nem formiga: trabalha no verão pra no inverno se esconder” ...	115
7.2.3	“Assentados”	116
8	NARRATIVAS IMAGÉTICAS: O COTIDIANO E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA COLHEITA DA MAÇÃ	121
8.1	INCORPORANDO OS APORTES METODOLÓGICOS VISUAIS	121

8.2	USO E ORGANIZAÇÃO DAS IMAGENS NO TRABALHO DE CAMPO...	124
8.2.1	O grande espaço (Prancha 1)	129
8.2.2	Mãos que colhem, pés que migram I (Prancha 2).....	131
8.2.3	Mãos que colhem, pés que migram II (Prancha 3).....	133
8.2.4	A diversidade dos trabalhadores na rotina do pomar I (Prancha 4)...	135
8.2.5	A diversidade dos trabalhadores na rotina do pomar II (Prancha 5)..	137
8.2.6	A cancha e os cancheiros (Prancha 6)	139
8.2.7	Entre viver no lugar de trabalho e trabalhar no lugar onde se vive (Prancha 7)	141
8.2.8	A vida em seus fluxos nos pomares (Pranchas 8 a 10).....	143
8.2.9	Maçã: Má? Sã? I (Prancha 11)	147
8.2.10	Maçã: Má? Sã? II (Prancha 12)	149
8.2.11	Entre-tempos de esperas e descansos (Pranchas 13 a 15).....	151
8.2.12	Maçã enquanto coisa (Prancha 16).....	155
8.2.13	Abertura oficial da colheita da maçã (Prancha 17).....	157
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RETICÊNCIAS.....	159
	REFERÊNCIAS.....	166
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DOS TRABALHADORES SAZONAIS.....	175
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DOS PRODUTORES	176
	APÊNDICE C - RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM LOCAL E DATA DA ENTREVISTA, ORIGEM E TRABALHOS PRECEDENTES.....	177
	APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM.....	179

1 INTRODUÇÃO

“Rumo a rumo de lá, mas muito para baixo, é um lugar. Tem uma encruzilhada. Estradas vão para as Veredas Tortas-veredas mortas. Eu disse, o senhor não ouviu. Nem torne a falar nesse nome, não. É o que ao senhor lhe peço. Lugar não onde. Lugares assim são simples – dão nenhum aviso.” (GUIMARÃES ROSA, 2019, p.130).

Entre as margens destes papéis que limitam as frases deste texto encontram-se também trechos. Trechos de vida e trajetórias de trabalhadores migrantes que ligam áreas de atração e de repulsão, pontos de partida e de chegada, sendo o trecho uma travessia de vida e de trabalho. Muitos caminhos têm uma encruzilhada, “Estradas vão para as Veredas Tortas-veredas mortas”. (GUIMARÃES ROSA, 2019, p.130).

O trecho é uma categoria utilizada pelos próprios trabalhadores da colheita da maçã. Refere-se àqueles nos quais encontram no deslocamento constante pelo território seus sustentos de vida, trabalhando temporariamente em cidades e vilarejos sem neles se fixarem. Vacaria é um destino possível para aqueles que se encontram e se desencontram nas veredas deste país. Um país como o Brasil, de grande área territorial onde as assimetrias do rural, por vezes, não geram conflitos diretos mas, sim, migrações sazonais que buscam no “trecho” não só um sustento (MARTINS, 1981; GARCIA JR, 1990), mas também aspectos simbólicos de uma “passagem” por determinado local, de um amadurecimento e de aprendizados de vida (GUEDES, 2013). Áreas dinâmicas e regiões estagnadas não são apenas oposições, assim como agricultores familiares e agronegócio também não se excluem, pois coexistem “pontes” que os conectam como dimensões contrastantes das assimetrias capitalistas.

Estes caminhos têm seu ponto de partida - intervalos, paradas, retornos - e chegada em Vacaria. Este é um município que se assemelha muito aos municípios do interior do Rio Grande do Sul no que diz respeito às estruturas de comércio e produção agropecuária. O que modifica as tradicionais disposições deste cenário é encontrar, em determinados períodos do ano, pessoas pelas ruas e esquinas que, não se sabe ao certo, se são andarilhos ou pessoas em situação de rua e que se movem com parte de seus pertences pelo espaço. Estas

características que tendem a aumentar, principalmente nos períodos da safra da maçã entre os meses de janeiro e maio, é o que desenha uma das características das questões econômicas e sociais do município como um todo, movimenta cerca de 15.000 trabalhadores temporários e coloca a maçã como a grande entidade não-humana¹ agenciadora dessa realidade.

Pensando na reflexão trazida no início do primeiro capítulo de seu livro, Giddens (2008) instiga a cultivar a imaginação como forma de se libertar de circunstâncias rotineiras. Ele exemplifica, através do ato de beber uma xícara de café, para que se possa enxergar de diferentes formas os aspectos sociológicos entremeados nas mais cotidianas práticas. Para tal, lança o seguinte questionamento: “O que há a dizer, do ponto de vista sociológico, acerca de um comportamento aparentemente tão desinteressante?” como o simples ato de beber uma xícara de café (GIDDENS, 2008, p. 18). Transpondo esta exemplificação para o caso da maçã, pode-se concordar com o autor que responde que são imensas as possibilidades. Para começar, ao comer uma maçã não se está tratando simplesmente de uma fruta, de um alimento. Dificilmente dois indivíduos marcarão um encontro para “comer uma maçã”, como no caso do café que assume um papel por vezes ritualístico. No entanto, a maçã carrega também outros aspectos simbólicos de usos cotidianos e de relações. O indivíduo que consome uma maçã também está ingerindo uma trama de relações sociais atreladas à atividade da fruticultura, assim como a importância que a fruta assume no âmbito econômico, possibilitando a criação de diversos postos de trabalho e gerando renda. A maçã também é um produto importante no que diz respeito ao comércio internacional, liga países de todo o mundo pelo seu comércio e é de suma importância para os estudos socioeconômicos.

Há décadas a maçã era considerada uma fruta muito valorizada, às vezes rara, devido às limitações e restrições quanto às questões de cultivo e armazenamento, chegando inclusive a ser vendida por unidade como forma de presentear pessoas em ocasiões especiais. Atualmente ela tornou-se um produto relativamente acessível e popular a nível mundial. Isso se deve, dentre outras questões, ao desenvolvimento de novas variedades adaptadas a distintas

¹ A discussão do pós-humanismo coloca as tramas sociais não apenas como efeito das ações humanas, mas também pela intervenção de agentes não-humanos, não são apenas mobilizadas pelos seres humanos, mas podem participar, efetivamente, da ação, numa relação interativa de assemblagens de diferentes dispositivos (SELGAS, 2008; SCHMITT, 2011).

condições climáticas, ao crescimento de infraestrutura para embalagem e conservação, bem como incentivos fiscais e investimentos em pesquisa (DIEESE, 2019). Como resultado dessas questões articuladas, a maçã aparece como a terceira fruta mais consumida a nível nacional e mundial², podendo ser encontrada desde quitandas no interior da Amazônia até as redes multinacionais de supermercados das principais capitais mundiais.

Com a expansão e a consolidação da produção de determinados alimentos - incluindo a maçã - eles passaram a entrar na pauta das discussões das agendas dos programas de políticas governamentais, como de marketing a nível do consumidor, buscando divulgar e compreender a escolha dos compradores por determinadas variedades de maçã que mais lhe agradam: Fuji, Gala, Pink Lady. Como será tratado mais adiante, justamente este foi o fator responsável pela escolha das variedades mais cultivadas em Vacaria, mesmo que sejam ecologicamente pouco adaptadas. O consumidor, portanto, também passa a orientar uma série de questões no sistema produtivo da maçã, seja pela demanda de maçãs oriundas de sistemas orgânicos de produção³ ou pela exigência de empresas pela obtenção de selos de certificação que garantam aspectos de boas práticas produtivas e de responsabilidade social. Nota-se que, ao analisar o caso de uma simples maçã se identifica uma complexa rede de relações sociais que integram sujeitos que instigam a “[...] aprender a pensar sociologicamente - por outras palavras, olhar mais além” (GIDDENS, 2008, p.18).

Neste contexto, esta pesquisa está estruturada sobre uma temática ligada diretamente às dinâmicas que vêm envolvendo os espaços rural e urbano nas últimas décadas. Serão trazidos para o debate atores pouco visíveis e que se movimentam no território pela busca de empregos temporários. A partir do campo empírico de análise são denominados por diversos termos que remetem às características baseadas num imaginário dos mesmos: os trabalhadores itinerantes, sazonais, “trecheiros” ou migrantes e suas trajetórias na colheita da maçã no município de Vacaria, no estado do Rio Grande do Sul. Não se trata de

² Baseados em dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura ([FAO](#)) e da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo ([Ceagesp](#)), respectivamente.

³ A terceira maior empresa de produção de maçãs do Brasil que já importa e comercializa maçãs orgânicas no mercado interno passa a investir no plantio em sistema orgânico de produção. Atualmente, dos mais de mil hectares de pomares pertencentes à empresa, apenas cinco são destinados a maçãs orgânicas, mas com perspectivas de aumento devido à expansão do segmento nos últimos anos. ([ABPM](#))

tomar como dadas tais categorias, mas de compreender, a partir do campo, como esses trabalhadores se reconhecem no ofício da colheita ou no ofício de suas vidas, assim como o modo como eles são reconhecidos e as percepções de outros agentes, como empreiteiros e gerentes de pomar.

As constantes efemeridades dos universos empíricos de análise, seja no rural ou no urbano, têm influenciado em transformações no mundo do trabalho e na busca de abordagens teóricas e metodológicas que possibilitem dar conta das incessantes dinâmicas. Pode-se tentar imaginar o seguinte fato: a existência de um município no interior do estado do Rio Grande do Sul que, durante quatro meses do ano aumenta a sua população em aproximadamente 25%⁴. Dada a magnitude do fenômeno de deslocamento temporário envolvendo Vacaria, esta breve reflexão é instigada - e permanece instigando - pelo fato de existirem fenômenos de relevância no rural que são pouco analisados. Busca-se, dentro do possível, compreender as entranhas existentes nesses encontros e desencontros de trajetórias de trabalhadores temporários. As relações não são pautadas somente pelo poder e pela dominação econômica da mão de obra e do trabalhador, mas em processos que geram pontos de intersecção e ressignificações que merecem ser aprofundados, evitando dualidades e dicotomias.

Com o intuito de compreender as motivações e estratégias envolvidas nestes deslocamentos sazonais se poderia analisar estes aspectos sob diferentes vieses colocando, por exemplo, o foco na reprodução social, no assalariamento rural e na pluriatividade; a análise sob a perspectiva da demografia, levantando aspectos de caráter quantitativo a partir de dados secundários; ou mesmo pelo debate estruturalista da luta de classes. No entanto, o desenvolvimento de determinadas teorias esbarram - em certa medida - na compreensão de fenômenos complexos e concretos, propondo pesquisas que busquem “uma lente de aumento para os comportamentos banais, onde deveriam estar os elos que interligam os processos estruturais e práticas sociais” (CARDOSO, 2004, p.96-97). Assim sendo, entende-se que os deslocamentos pressupõem aspectos mais amplos que a linearidade entre origem e destino e consistem em processos nos quais o elemento central se encontra justamente no que está entre, nesses hiatos

⁴ Baseado na população atual do município estimada em 66.218 habitantes (IBGE, 2019), sabe-se que o número de trabalhadores durante a colheita varia de 10.000 a 15.000 trabalhadores.

onde emergem diferentes trechos e trajetórias e que, portanto, a abordagem qualitativa de ordem etnográfica se coloca como uma ferramenta compatível para tratar a riqueza do universo em análise.

Inicialmente tive a intenção de identificar de onde vêm e por quais questões estes trabalhadores atravessam diferentes unidades da federação na busca de um emprego temporário. No decorrer do trabalho de campo percebi que, embora existissem limitações - principalmente em relação à sazonalidade do processo analisado aliado ao “tempo de mestrado” - a minha inserção possibilitava iniciar uma aproximação para adentrar e vivenciar determinados espaços. Esses espaços, sob o ponto de vista social, são analiticamente ricos ao permitirem a construção de relações em campo passíveis de “estar afetado” (FAVRET-SAADA, 1990) pelo experienciado, tanto pelo seu envolvimento e engajamento na própria rotina do trabalho da colheita, como no aprofundamento da análise sobre as relações de trabalho em espaços como alojamentos, refeitórios e pomares, fazendo com que emergissem diferentes “categorias de atenção” - tratadas no sexto capítulo desta pesquisa - a partir das distintas trajetórias e estratégias dos atores envolvidos na produção da maçã em Vacaria.

Neste sentido, buscou-se organizar este trabalho tendendo a valorizar a potência dos encontros proporcionados pelos vários atores que buscam, dentre outras questões, dar pistas sobre: quais são as principais dinâmicas envolvidas nas relações estabelecidas entre os trabalhadores sazonais, empresas e o poder público em Vacaria? Mais especificamente, como se organizam e se dão as relações de trabalho e de poder a partir do próprio ambiente de convivência e de trabalho? Quem são, de onde vêm e que condições fazem com que estes trabalhadores migrem temporariamente para Vacaria? E, por fim, o que é e como é “trabalhar na maçã” e ser “trabalhador da maçã”? Essas questões serviram de fio condutor na construção da dissertação, de modo a contribuir para uma reflexão sobre as complexidades envolvidas nas idas e vindas das pessoas que trabalham na colheita da maçã em Vacaria.

Portanto, na tentativa de orientar as questões acima referidas, esta pesquisa visa compreender as relações de trabalho e “categorias de atenção” dos atores a partir de suas trajetórias e estratégias envolvidas no trabalho temporário da colheita da maçã em Vacaria, atentando às diversidades desses grupos

sociais. Esses elementos, que perfazem grande parte do trabalho, ramificam-se nos seguintes objetivos específicos:

- a) analisar as relações de trabalho e assimetrias sociais e econômicas estabelecidas nos pomares;
- b) identificar as categorias de atenção de trabalhadores pelas suas trajetórias e estratégias;
- c) revelar as práticas cotidianas de trabalho nos diferentes “espaços-movimento”.

Em suma, os desafios que se colocam são diversos, entretanto, do ponto de vista da construção do conhecimento científico, me parece fundamental a elaboração de um trabalho que, dentro do possível, não destoe da realidade, valorizando a construção de uma tessitura harmônica dos campos empírico e teórico nas discussões sobre o tema. Desse modo, de forma singela pretendo contribuir para dar luz e visibilidade aos milhares de trabalhadores que estão constantemente se reinventando, são base e dão movimento aos diversos sistemas produtivos agrícolas, dentre eles o da maçã.

Para dar organicidade à dissertação, na sequência desta introdução segue o segundo capítulo com a construção da travessia pela qual se deu a pesquisa e os caminhos que me orientaram a perpassar determinadas “veredas” (GUIMARÃES ROSA, 2019), levantando os principais aspectos metodológicos incorporados nos diferentes “espaços-movimento” nos quais se desenvolveu a pesquisa e os principais desafios dos (des) encontros na imersão a campo. A partir do meu lugar de enunciação, enquanto integrante de um Programa de Pós-graduação que busca trabalhar numa perspectiva interdisciplinar, me lanço no desafio de trazer outras linguagens - que não somente a textual - na tentativa de tratar questões de uma pesquisa de cunho social sobre tais perspectivas.

Dentre outros suportes metodológicos busquei utilizar uma abordagem qualitativa de caráter etnográfico, com o uso de entrevistas semi-diretivas e observação participante, desenvolvidas com a vivência no cotidiano dos trabalhadores entre janeiro e meados de abril da safra 2019. Na companhia da minha bicicleta – mesmo às vezes causando certo estranhamento e desconfiança por parte dos trabalhadores e proprietários dos pomares – pude permear e circular entre ambientes-chave como rodoviária, pomares de maçã e alojamentos de três

diferentes empresas. No sentido colocado por Favret-Saada (1990), o “estar afetado” pelas mesmas sensações e aflições que os trabalhadores carregam a cada “bocó⁵” repleto de maçãs colhidas, ficar acampado nos mesmos alojamentos e trabalhar junto na colheita permitiu-me traçar as diversas estratégias, trajetórias e complementaridades a partir dos atores, além de pesares envolvendo conflitos e problemáticas dentro e fora do pomar.

No capítulo seguinte, proponho adentrar no universo empírico de que trata o estudo, realizando uma contextualização histórica da região no que diz respeito às principais transformações sociais, econômicas e ambientais ocorridas ao longo do tempo. Busco compreender os principais desafios enfrentados na implantação da fruticultura temperada na região e como o cenário construído permitiu que a atividade se consolidasse, principalmente através dos incentivos fiscais, modificando as dinâmicas sociodemográficas e a paisagem do município como um todo pela chegada e saída anual de milhares de trabalhadores temporários.

No terceiro capítulo proponho uma análise a partir de uma descrição de observações na rodoviária, um dos “espaços-movimento” que representa o início e o fechamento de um ciclo de deslocamentos. Os bastidores das chegadas e partidas dos trabalhadores na rodoviária municipal são um espaço de confluência de um heterogêneo mosaico de realidades que se encontram, unindo as diversas pontas do país e evidenciando como se dá a disposição da rodoviária e como ocorrem as primeiras aproximações dos trabalhadores com os agenciadores das empresas.

O quarto capítulo busca tratar das assimetrias nas relações de trabalho sob uma perspectiva foucaultiana. Aí levanto as diferentes funções existentes no trabalho com a maçã, onde colhedor, tratorista, classificador e cancheiro são alguns dos cargos exercidos pelos trabalhadores temporários. Sendo assim, pela intersecção de distintas realidades, tento compreender como se organizam e se dão as relações de trabalho a partir do próprio ambiente de convivência e de trabalho no “mundo de dentro⁶” dos alojamentos. A partir de paralelos entre o

⁵ O bocó diz respeito à sacola de fundo falso, preso com ganchos utilizada para a colheita das maçãs. São feitas em pano ou lona e podem comportar mais de 15 kg de fruta.

⁶ “Mundo de dentro” refere-se ao espaço e relações dentro do pomar onde existe a sobreposição do espaço de trabalho com os alojamentos, refeitórios e momentos de lazer, existindo uma espécie de mundo paralelo regido por determinadas normas e disposto de uma organização no espaço. Segundo Foucault (1999, p. 202) “É beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça,

observado em campo são identificados os principais dispositivos disciplinares forjados nas relações de poder, entendendo como se manifestam as práticas de resistência que buscam direta ou indiretamente contornar as situações enfrentadas (FOUCAULT, 2015).

No quinto capítulo busco retratar, a partir do encontro com esses trabalhadores temporários, o imaginário sobre a lapidação do que vem a ser o “bom” trabalhador e as características e comportamentos disciplinares que são desejáveis. Além do mais, analiso como se dá o encontro com estes “estranhos” pela chegada de milhares de sujeitos “de fora”⁷, que carregam muitas das classificações dos estigmas socialmente construídos (GOFFMAN, 2004). A seguir busco destacar as principais formas de remuneração e acordos estabelecidos entre as empresas e os trabalhadores, atentando para as variâncias dos ganhos ligadas às alternâncias produtivas pelas questões climáticas.

No capítulo seguinte, perante a multiplicidade de origens e motivações dos trabalhadores temporários, busco dar um panorama a partir de uma visão macroanalítica das principais regiões de sua proveniência, fazendo uma análise a partir dos dados coletados e fornecidos pela Polícia Civil de Vacaria. Com isso proponho uma cartografia do deslocamento, através de mapas migratórios construídos a partir das origens levantadas. Partindo desse panorama, enquanto grande pano de fundo do fenômeno migratório, proponho ir ao encontro dos interlocutores, tratando de identificar algumas “categorias de atenção” dos trabalhadores que emergiram a partir das falas dos próprios entrevistados, levando em consideração suas estratégias e trajetórias, para além dos grupos sociais pertencentes, sendo estas os “trecheiros”, os “formigas” e os “assentados”. Portanto, busco dentro do possível, responder quem são, de onde vêm e que condições fazem com que estes trabalhadores se desloquem temporariamente para Vacaria?

Por fim, no capítulo final o leitor é convidado a percorrer o cotidiano destes “espaços-movimento” gerados pelo trabalho sazonal nos pomares, através de uma narrativa imagética de fotografias que busca revelar as relações estabelecidas

com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento”.

⁷ São colocados como sendo “de fora” todos os trabalhadores que vêm de fora do município de Vacaria, em oposição aos “nativos”, “locais” ou os que em algum momento foram “de fora” mas já se estabeleceram no município e trabalham como fixos nas empresas, conhecidos popularmente como “fichados”.

entre os trabalhadores nos diferentes espaços de convivência, desvendando o cotidiano do universo de trabalho. As 17 pranchas imagéticas são reunidas em 10 diferentes eixos temáticos, baseando-se no enfoque metodológico proposto e utilizado por alguns autores (BATESON; MEAD, 1942; ALVES, 1998), numa combinação que permite ao leitor iniciar a leitura, seja imagetivamente ou verbalmente, pelo pequeno parágrafo que as acompanha.

2 UM RIO, MUITAS MARGENS: A TRAVESSIA DA PESQUISA E DO PESQUISADOR

Ilustração 1 - A travessia do pesquisador



“Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou.” (GUIMARÃES ROSA, 2019, p.152).

Fonte: Britto (2019)

Este foi o ponto de partida de um percurso em constante descobrimento na travessia da pesquisa de mestrado. Recebido pelo meu mestre e orientador, através de uma carta na recepção dos calouros do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), o trecho deste outro grande mestre, Guimarães Rosa, tem me balizado durante os redemoinhos passados no rio da dissertação, com imersões a campo, em leituras e escritas que estimularam reflexões que apontaram para margens desconhecidas e instigantes.

Talvez - e bem provável que - as escolhas metodológicas em relação às aproximações com o tema de pesquisa aqui aprofundadas se devam, em grande parte, ao fato do que Gama (2016) destacou, que não apenas o que se experimenta em campo influenciará a produção acadêmica ou científica, mas também tudo aquilo que se conhece, sente e experimenta antes e depois dele. Neste sentido, a elaboração de um trabalho escrito - seja ele verbal ou pela luz¹ - como este, carrega aspectos únicos e dinâmicos. À medida em que se vive e experiencia novas situações, vai-se também recriando percepções, muito no sentido do ensaio enquanto gênero narrativo colocado como algo não resolvido, inacabado e que convive com as incertezas e a efemeridade das questões sociais (QUINTAS, 2000).

¹ A origem da palavra fotografia surge do grego antigo pela junção *phôs* (luz) e *graphè* (desenho, escritura) significando, portanto, a "escritura de luz" ou então o ato de "escrever pela luz".

Antes de adentrar especificamente no tema sobre trabalho e trabalhadores temporários da colheita da maçã a partir das relações nos espaços de trabalho e de convívio no qual se desenha a trama da pesquisa, gostaria de trazer alguns aspectos da minha trajetória acadêmica que orientaram algumas escolhas e fundamentam a elaboração desta pesquisa.

O início da travessia deste “rio” da dissertação se inicia ainda durante a graduação, na Faculdade de Agronomia da UFRGS, com algumas imersões em Unidades de Produção Agrícola (UPA) que me possibilitaram captar algumas questões que, na teoria, se colocavam distantes e pareciam incoerentes demais para um inquieto estudante de agronomia. Perguntas que instigam para além das questões técnicas e produtivas envolvidas, mas que buscam compreender quem são essas pessoas e seus saberes ligados às práticas agrícolas, como e por que tomam determinadas decisões em relação aos trabalhos agrícolas e não-agrícolas.

Curiosidades que me colocaram a fazer alguns desvios por outros caminhos na busca do que me chamava e interessava, tentando entender alguns processos produtivos pelo convívio e pela prática, ou seja, pelo aprender fazendo.

Fui ao sul da Bahia participar do manejo do cacaueteiro, desde a colheita ao processamento do cacau em chocolate. Também fui participar da colheita e do processamento de olivas em azeite numa oportunidade riquíssima de intercâmbio na região da Toscana, na Itália. Já fechando a graduação, fiz o estágio final obrigatório durante dois meses em cinco diferentes propriedades de produção ecológica localizadas em Antônio Prado e Ipê, no Rio Grande do Sul, com participação nas mais diversas atividades como a fabricação de erva-mate e suco de uva integral. Mais recentemente, a partir do local no qual escrevo neste momento, participei no último mês de duas práticas de trabalho tradicionais em comunidades que habitam o litoral de Santa Catarina, que há anos desejava: o cerco da pesca da tainha e o feitiço da farinha de mandioca. No engenho do Seu Léli, localizado na Praia da Ferrugem, em Garopaba-SC, “raspando” mandioca, me contou que é um “pescador-agricultor”, ou seja, pesca na época da tainha e nos meses restantes cuida de seus roçados. Com seus 85 anos de idade comentou que desde os 5 anos já ajudava seu pai na fabricação de farinha. Falou que embora seja analfabeto “tudo que é conhecimento tem uma matemática complicada no meio, quer ver só?” e me explicou detalhadamente o processo de

fabricação de engrenagens feitas em madeira, milimetricamente esculpidas, que possibilitam movimentar as prensas do engenho. Estar em contato, passar a “ouvir os silêncios” (GALIZONI; RIBEIRO, 2019), os desafios, os saberes e ambições dessas pessoas envolvidas nos distintos processos laborais é algo que me move e me encanta.

A materialização do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Produção Ecológica de Erva-Mate (Ilex paraguariensis st. Hill): Aliando conservação ambiental e renda na agricultura familiar na Serra Gaúcha* foi desdobramento do estágio final obrigatório, no qual a principal questão que se colocava era a sucessão familiar nessas unidades de produção agrícola ecológicas por parte da juventude. Tais questões resultaram no projeto preliminar, submetido e aceito para o mestrado acadêmico no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). No entanto, como já colocava o personagem Riobaldo em um dos trechos de *Grande Sertão: Veredas* “a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou” (GUIMARÃES ROSA, 2019).

Portanto, o percurso do início da pesquisa não se deu por acaso, por pressão ou mesmo pela falta de criatividade. Pelo contrário, foi necessário sair da zona de conforto, reformular o projeto, bater a cabeça várias vezes e até sentir vontade de largar tudo ao vento. No entanto, este tema me provocava, no sentido de me estimular a trazer uma outra perspectiva no âmbito do desenvolvimento rural. Como o Professor José Carlos dos Anjos explicitou algumas vezes durante a disciplina obrigatória “Desenvolvimento Rural I” do mestrado, era necessário “mudar as lentes” para enxergar e tentar compreender, minimamente, a complexidade existente da realidade e, sem grandes pretensões, construir um trabalho de campo que, através de textos e imagens, reverbere com potência as narrativas dos colocados até então como objetos de pesquisa.

Lembro como se fosse hoje, numa das últimas saídas a campo da turma de graduação na Agronomia, em 2017, na disciplina de Fruticultura de Caducifólias, com o professor Gilmar Marodin, uma das melhores das saídas de campo que tive ao longo da graduação. Durante um final de semana inteiro, o objetivo era a visita em diferentes pomares e órgãos de pesquisa com a maçã em Vacaria (RS) e São Joaquim (SC), principais regiões produtoras a nível nacional do fruto, ou melhor,

na classificação botânica enquanto um pseudofruto². Doenças, insetos, adubação e calagem, variedades, porta-enxertos, poda e condução de plantas foram também alguns dos principais pontos tratados e discutidos.

Na propriedade de um médio produtor em Vacaria, o mesmo tocou na questão da mão de obra exigida durante a colheita, principalmente da variedade Gala, que deveria ser feita num período de no máximo 45 dias, pelo fato da variedade possuir a “virada do fruto”, ou seja, o ponto de maturação muito rápido e que, portanto, demandava e movimentava milhares de trabalhadores de distintas regiões para a colheita. O produtor comentava como a produção de maçãs gerava empregos e proporcionava ótima remuneração. “Tem gente que volta pra casa com mais de R\$ 3000 por mês!”, completando com um instigamento aos estudantes de agronomia para que viessem para a colheita tirar um “extra” durante o período de férias. Fiquei realmente surpreendido com a boa remuneração que poderia ser obtida na colheita e saí de lá pensando: “por que não?”. Nos despedimos e partimos rumo a São Joaquim, onde, no dia seguinte, iríamos à estação da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), que realiza diversas pesquisas no âmbito da fruticultura temperada, numa realidade diversa à de Vacaria, composta principalmente por propriedades pequenas e de mão de obra familiar.

Alojados numa pequena pousada, nada melhor do que uma caminhada para conhecer a cidade. Na companhia de alguns colegas, saímos caminhando e encontramos um bar na periferia da cidade no qual sentamos para tomar uma cerveja e interagir com a população “local”. Era um legítimo “boteco”, desses com sinuca, mesas de plástico e máquina de som, o que tornava a simplicidade do local bastante agradável e descontraído, no entanto era visível o ar de estranhamento que causamos no local. A movimentação era constante, várias pessoas passando num grau de embriaguez notável. Até que um rapaz veio puxar assunto conosco. Papo vai papo vem, se identificou como sendo da fronteira, referindo-se à região da Campanha do estado do Rio Grande do Sul e que estava ali para trabalhar na colheita da maçã. Questionado sobre as condições do trabalho disse que “se tirar pra passagem de volta tá bom”. Logo em seguida

² A parte suculenta comestível consiste no desenvolvimento de um tecido vegetal que não o ovário, no caso da maçã é a modificação do receptáculo floral.

ofereceu uma “carreira³”, mas agradei e o mesmo seguiu em frente na sua caminhada. Naquele instante uma história se desenrola - ou talvez se enrola - na minha cabeça. A partir daquele momento, enxergar uma maçã sem remeter a essas questões imbricadas por de trás de todo o processo produtivo, nas quais são invisibilizadas, não fazia mais sentido. Questionamentos como: seria este um fato comum também para outros trabalhadores e como se davam as relações desses trabalhadores temporários passaram a aparecer quando o assunto era discutido.

Passou-se o tempo e pude encontrar no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural a possibilidade de buscar compreender minimamente essas questões. A melhor delimitação do tema de pesquisa, estruturada sobre uma temática ligada diretamente às dinâmicas que vêm envolvendo os espaços rural e urbano nas últimas décadas, trazendo para o debate atores pouco visíveis e que se movimentam no território pela busca de empregos temporários, são eles os trabalhadores itinerantes, sazonais ou migrantes e suas trajetórias na colheita da maçã no município de Vacaria no estado do Rio Grande do Sul.

O primeiro passo foi realizar um levantamento de pesquisas e trabalhos relacionados ao tema, mas por surpresa, poucos materiais que retratassem as relações de trabalho na maçã foram encontrados, motivo pelo qual a pesquisa exploratória e a articulação com alguns interlocutores se tornou fundamental para compreender essas dinâmicas. Embora eu já conhecesse, em parte, o município, o pré-campo realizado em agosto de 2018 se mostrou essencial para o reconhecimento do contexto no qual se encontra o *locus* de estudo para então, articular os primeiros contatos com alguns informantes-chave e possíveis ambientes de circulação para que fossem estabelecidas estratégias para o trabalho de campo que se daria com o início da safra da maçã, ainda em janeiro de 2019. Portanto, por uma questão biológica e sazonal que movimenta os interlocutores em estudo, os devidos ajustes deveriam estar organizados para que fosse possível seguir os atores na devida temporalidade.

³“Esticar uma carreira” é como usualmente se consome a cocaína ou “pó” como também é conhecida a droga.

2.1 PAVIMENTANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA DE CAMPO

A realização do trabalho de campo envolve vencer alguns desafios. Mesmo que a intenção inicial da pesquisa fosse captar o cotidiano sob uma lente positiva e através de uma perspectiva da complementaridade das relações de trabalho, a possibilidade de que o estudo revelasse conflitos e tensões entre trabalhadores, suas hierarquias e a forma como o sistema de produção se encontra constituído transpareceria. Sendo assim, no decorrer do trabalho de campo percebi que eu carregava determinado imaginário e que a realidade não carregava toda essa idealização na qual eu acreditava. Também a necessidade de entrar no “mundo de dentro” dos pomares, vivenciando o trabalho e o convívio cotidiano com os trabalhadores, faz com que os administradores dos pomares estabeleçam normas restritivas com relação à entrada de “estranhos”, devido ao histórico de problemáticas envolvendo questões trabalhistas - a exemplo de autuações feitas pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) por trabalho análogo à escravidão, pagamento com crack aos trabalhadores e denúncias anônimas⁴. Nesta perspectiva e, evitando generalizações de tais ocorridos, foram necessárias algumas conversas e acordos com os responsáveis para o esclarecimento da proposta da pesquisa, por escrito, para algumas empresas, sendo que nem todas se mostraram abertas e, mesmo quando autorizada a minha entrada, muitas vezes ocorreu somente com dias e horários estipulados.

A decisão de residir em Vacaria durante três meses num quarto de um sobrado antigo, tradicional da arquitetura local, feito em madeira de araucária e localizado num bairro afastado do centro, constituiu-se como “núcleo fundamental do trabalho de campo, frutificando na intensidade do contato cotidiano e da observação abrangente e contínua” (DUARTE, 2002, p. 142) dos ritmos locais, no sentido que me permitia estar prontamente disponível no momento em que as empresas entrassem em contato para confirmar a autorização da entrada no “mundo de dentro” que algumas vezes se dava prontamente de um dia para o outro. Dispor de um espaço que pude chamar de “minha casa” durante os meses

⁴ <https://radiolitoranea.com.br/trabalhadores-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-eram-pagos-com-crack-em-sc/> e <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/539605-indigenas-terena-denunciam-trabalho-analogo-a-escravidao-na-regiao-de-vacaria-rs>

em campo foi fundamental após dias imersos com os trabalhadores nos pomares, de modo a “digerir” e “absorver” questões vivenciadas por aquilo que alguns autores chamam de distanciamento necessário (DUARTE, 2002).

Dos três pomares de empresas nos quais se desenvolveu a pesquisa, apenas uma delas, passada uma semana da minha inserção no pomar, solicitou que se encerrasse a minha permanência, visto que, nas palavras do gerente: “Já está de bom tamanho, não tem nada de diferente. É tudo igual”, referindo-se aos trabalhadores e as realidades existentes. Respeitosamente busquei argumentar a importância do ponto de vista metodológico da permanência, agradei a recepção e me desculpei por qualquer incômodo gerado. As duas outras empresas se colocaram abertas para que eu retornasse quando necessário e, de fato, acabei revisitando-as em momentos posteriores.

Nas aproximações com os gerentes dos pomares uma recorrida dúvida surgia de seus questionamentos: se eu realmente iria “aguentar” permanecer todos aqueles dias junto aos “acampados⁵”, além da preocupação excessiva com o meu conforto em relação às estruturas simples das acomodações, chegando inclusive a ficar hospedado por alguns dias em alojamento dos trabalhadores fixos por possuírem uma melhor estrutura. Tentei desconstruir tal imagem para poder estar o mais próximo possível dos interlocutores. Buscava sempre dialogar, de modo a deixar claro o meu objetivo e a importância de permanecer vivenciando o cotidiano com os trabalhadores para o desdobramento da pesquisa, ou seja, numa linguagem coloquial, se colocar “de igual para igual”. No decorrer das conversas com os demais responsáveis do pomar, novas perguntas eram lançadas como: “Mas você já participou de um trabalho deste tipo? Você sabe que não é fácil, né?” e assim se alimentavam os diálogos.

Embora a discussão da pesquisa não gire em torno da questão de gênero, é válida uma consideração neste sentido. Por se tratar de um ambiente extremamente masculino e masculinizado⁶, onde, segundo relatos de gerentes, a

⁵ Acampados ou alojados, assim são conhecidos os trabalhadores que vêm de outras cidades ou regiões e que permanecem durante o período de colheita hospedados nos alojamentos das empresas, normalmente dentro dos pomares de maçã.

⁶ Masculinizado no sentido de qualquer ação ou atitude que desviem dos padrões e estereótipos masculinos - bruto, forte, não demonstrar fraquezas, não demonstrar sentimentos - são motivos de piadas e brincadeiras entre os demais trabalhadores, o que acaba afetando diretamente as relações no ambiente de trabalho. Segundo o trabalhador pernambucano “tem que saber relevar, sempre tem uma gracinha, umas coisas, aqui não pode se estressar, que nós convivemos mais com eles - trabalhadores - do que a própria família”.

mão de obra masculina empregada no pomar ultrapassa os 90% do total, foi o fato de ser homem que facilitou minha entrada em ambientes extremamente conturbados - e diria que pouco convidativos e, quiçás, inseguros à circulação feminina - como é o caso dos alojamentos, além de espaços de lazer como bares e momentos de confraternização aos domingos. Me refiro a esta questão sem o menor intuito de colocar entraves ou desencorajar a presença e atuação de pesquisadoras nestes espaços, apenas constatar que, assim como referido por autoras sobre seus trabalhos de campo (SILVA, 1998; MENEZES, 2002), existem diversas problemáticas que dificultam esta aproximação, mais precisamente questões envolvendo assédios. Destaco também que no próprio vídeo instrutivo, projetado pelas empresas no início da safra aos trabalhadores como forma de “treinamento” às boas práticas e condutas no trabalho, é “proibida a circulação de pessoas do sexo feminino nas dependências dos alojamentos da empresa”. Existem, de fato, empresas que contratam trabalhadoras temporárias do sexo feminino, que são inclusive, preferidas para determinadas tarefas. No entanto, nesses casos a empresa contrata trabalhadoras que residem na cidade e não se alojam no pomar ou então a empresa deve possuir alojamentos específicos para mulheres, desde que sejam geograficamente afastados dos masculinos, caindo, para além de uma divisão sexual do trabalho, numa divisão espacial do trabalho.

A escolha das três empresas não se deu de forma aleatória. Sabe-se que cada empresa, de acordo com a sua realidade - tamanho da propriedade, disponibilidade de alojamentos, variedades cultivadas, dentre outras - possui suas preferências em relação à escolha do trabalhador, no que diz respeito à sua origem, etnia, gênero e às construções imaginárias e identitárias do “bom” trabalhador – tema que será aprofundado mais adiante nas categorias levantadas e nos estigmas socialmente construídos. Dessa forma busquei contemplar as distintas realidades, no sentido das diferentes origens e estratégias dos grupos sociais, permanecendo de 7 a 14 dias em cada um dos pomares. Evitando expor e gerar quaisquer impasses que possam vir a comprometer as empresas, optei por manter o anonimato das empresas, utilizando os nomes fictícios: Maçã Ltda 1, Maçã Ltda 2 e Maçã Ltda 3.

O pomar Maçã Ltda 1 possui área aproximada de 200 hectares de pomar, disponibilizando alojamento que comporta até 100 trabalhadores alojados, onde os trabalhadores temporários que vêm “de fora” permanecem ali durante a safra. A

empresa estabeleceu uma parceria de confiança com um empreiteiro⁷ que, pelo terceiro ano consecutivo, busca e leva uma turma com ônibus próprio com trabalhadores da região das Missões, local de sua origem.

Os pomares Maçã Ltda 2 e Maçã Ltda 3 são pertencentes à mesma empresa. No entanto, estão geograficamente distantes, cada qual com área aproximada de 500 hectares de maçã. No pomar Maçã Ltda 2 permaneci juntamente com uma turma de 150 trabalhadores, hospedados em alojamentos contendo dez beliches por quarto, em que os trabalhadores eram agenciados por um empreiteiro que busca trabalhadores “avulsos”, ou seja, os que chegam por conta própria em Vacaria e pertencem às mais diversas origens, desde imigrantes haitianos à maranhenses. Segundo o próprio empreiteiro, é uma diversidade tipo “salada de frutas”, referindo-se às diferentes fisionomias, sotaques e corporalidades dos trabalhadores pertencentes a diferentes grupos sociais.

No pomar Maçã 3 Ltda existe um fato peculiar do empreiteiro responsável pelo agenciamento ter sido protagonista nas frentes de trabalho do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, já no início dos anos 90, quando iniciou o trabalho na colheita da maçã, com a organização e vinda de milhares de trabalhadores acampados no Estado. O objetivo era de captar essa heterogeneidade, tanto de trajetórias quanto de estratégias de um mosaico social.

Perante este contexto, cabe destacar a importância de saber por qual porta entrar para que as mesmas pudessem se manter abertas aos possíveis desdobramentos futuros da pesquisa. O ponto de partida dos contatos realizados foi fundamental para obter a confiança dos gerentes dos pomares. Mas como explicar o que um Engenheiro Agrônomo estava querendo pesquisar e porque permanecer junto aos “acampados” no alojamento? Uma coisa sou eu, interessado em “conversar” com os trabalhadores no pomar. A outra é o pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, intermediado pelo ex-

⁷ Empreiteiro, conhecido em algumas realidades como “gato” ou arregimentador, é o responsável pelo recrutamento de trabalhadores para as empresas, uma espécie de agenciador entre contratante e contratado. Em outros contextos, tratado por autores como Silva (1998) e Menezes (2002), existem diferenciações e nomenclaturas diferentes para a função destes intermediários atuando hora nos locais de origem dos trabalhadores dando a notícia nos bares, hora no local de destino, como na rodoviária, por exemplo. No entanto, no contexto aqui analisado, utilizamos o termo “empreiteiro” para designar à figura do intermediário que atua neste agenciamento, seja no local de origem, seja no local de destino.

prefeito do município ou pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais (STR) de Vacaria, os quais compõem uma grande rede de relações no universo político envolvendo a maçã. De fato, percebe-se o “peso”, o amparo e o reconhecimento como pesquisador de uma Universidade Federal enquanto instituição fidedigna e de geração de tecnologia e conhecimento. Portanto, conseguir fundamentar a importância para a pesquisa, justificando o fato da permanência no pomar, foi um desafio que demandou paciência e diálogo e que, de fato, permitiu uma abertura e visualização de uma realidade empírica que teve influência direta na escolha dos campos teóricos e metodológicos utilizados.

Além do trabalho se desenvolver no âmbito dos pomares, parte se desenvolveu no “mundo de fora⁸”, compreendendo os locais que transpassam as estruturas de dentro do pomar. Neste caso são considerados o município de Vacaria, como um todo, e os espaços e serviços nos quais circulam e demandam os trabalhadores sazonais como a Rodoviária, a Secretaria de Desenvolvimento Social e o Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais de Vacaria que serão aprofundados mais adiante. Diante dessa trama apresentada, e buscando evitar cair numa análise dicotômica entre positivo e negativo, internos e externos, bons e ruins, que tendem a minimizar as permeabilidades existentes e possíveis riquezas que estes pontos de contato podem proporcionar, tratamos de buscar as poéticas das relações e “(ad)diversidades” desses (des)encontros, no que Silvia Cusicanqui descreveu numa de suas entrevistas como um espaço de superar binarismos sem perder a alegria⁹.

2.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Ao abordar o trabalho de campo trilhado no decorrer da pesquisa, pesquisadores tendem a descrever esmiuçadamente as técnicas utilizadas, ficando à parte, o contexto no qual a pesquisa foi desenvolvida, as relações estabelecidas entre investigador e entrevistados, os sentimentos emergentes e as percepções desses contatos (MENEZES, 2002). Favret-Saada (1990) propõe uma

⁸ O “mundo de fora” compreender os locais que transpassam as estruturas de dentro do pomar com seus alojamentos, refeitórios e espaços de lazer. Neste caso é considerado o município de Vacaria como um todo e espaços e serviços nos quais circulam e demandam os trabalhadores sazonais.

⁹ [*“Más allá del dolor y del folclor”*](#).

reflexão sobre como obteve os dados a campo na sua pesquisa sobre a feitiçaria na área rural da França, adotando um dispositivo metodológico de deixar-se afetar. Para ela, enquanto um método, não se trata de uma aproximação por empatia, no qual a construção de um saber se dá em torno do processo experienciado (FAVRET-SAADA, 1990) e que, portanto, pensando enquanto uma ferramenta de abordagem etnográfica, pode-se aproximar tal proposta de uma “participação-observante”. Coloca-se o “participar” no sentido de desempenhar as atividades que o grupo em análise exerce, de aprender a realizar certas atividades, comportar-se como membro da comunidade, colocando a ênfase na experiência vivida pelo pesquisador em relação ao objetivo traçado pela integração. De outra maneira, a observação implica situar o pesquisador fora da sociedade, de modo que possa realizar uma descrição detalhada, supondo uma determinada distância (GUBER, 2011).

Justificando que a sua inserção nada tem a ver com empatia, Favret-Saada propõe duas concepções do termo. A primeira consiste em “experimentar, de uma forma indireta, as sensações, percepções e pensamentos do outro” (FAVRET-SAADA, 1990, p. 159), supondo o distanciamento e a tentativa de imaginar o que seria. Sendo assim, assume ocupar seu lugar com a compreensão de que “esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los”. Nesse sentido, me colocar observando, ou seja, num certo distanciamento, seria como enxergar uma pintura rica de detalhes, no entanto dispondo-me a 50 metros de distância. Poderia enxergar o quadro no sentido de captar as macroformas, mas sem poder visualizar os detalhes existentes e a relação com o todo da obra. Já a segunda concepção é apresentada como sendo a:

[...] comunhão afetiva, na instantaneidade da comunicação, na fusão com o outro que se atingiria pela identificação com ele. Essa concepção nada diz sobre o mecanismo da identificação, mas insiste em seu resultado, no fato de que ela permite conhecer os afetos de outrem (FAVRET-SAADA, 1990, p. 159).

No entanto, aceitar ocupar este lugar nada diz a respeito dos afetos dos demais, mas sim mobiliza as minhas próprias imagens, sem necessariamente condicionar-me sobre os outros (FAVRET-SAADA, 1990). Este lugar abre possibilidades - talvez de um dos cerne da questão - de um canal comunicativo

integrante de uma cuidadosa e atenta construção metodológica, de formas verbais e não verbais de comunicação.

Mesmo portando um roteiro semiestruturado com pontos focalizantes que permitia ao entrevistado abordar questões relacionadas para além do colocado, por momentos, deixar as ferramentas de pesquisa descansando dentro do trator, e participar de fato do trabalho na colheita de modo semelhante ao que Malinowski sugeriu em seu clássico *Os argonautas do pacífico ocidental*, no qual “recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis, caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo” (MALINOWSKI, 1978, p. 31). O fato de estar colhendo na escada, no chão ou selecionando as frutas fora de padrão, - verdes, podres, sem pedúnculo - o estar presente e ser afetado, trabalhando, conversando e ouvindo histórias abriu uma percepção dos trabalhadores do eu-pesquisador. Um dos trabalhadores ainda brincou: “Esse aí de playboy só tem a cara porque pega junto no batente”.

Neste sentido, receber um “bocó”, um boné “tipo árabe” com proteção de pescoço e um copo retrátil para água era como portar o uniforme de um time de futebol para o trabalho na maçã, constituindo divisões simbólicas que os representam e diferenciam dos trabalhadores de outras áreas. O subir-descer nas escadas buscando as maçãs mais altas e maduras, ao mesmo tempo tentando me equilibrar com o elevado peso para não cair e colher as frutas com cuidado sem machucá-las, pode parecer para alguns uma tarefa estranha ou até desnecessária do ponto de vista da concepção mais “dura” da construção de um entendimento epistemológico, mas que se colocou como um processo de aprendizado importantíssimo e necessário para o amadurecimento desta pesquisa e deste pesquisador nesse espaço-tempo. Possibilitou, de fato, sentir na pele a exigência desse trabalho manual, assim como enfrentar problemáticas ao comer as maçãs com casca no pomar, me causando fortes dores de barriga e abrindo feridas na parte interna da boca. Portanto, estes ocorridos por intoxicação de agrotóxicos, embora possam parecer leves, são corriqueiros aos demais trabalhadores que diariamente estão expostos, seja pela pele, seja no consumo, aos que muitos consideram “remédios” e que a longo prazo podem acarretar sérios problemas de saúde.

Nem sempre as condições de vento e temperatura são respeitadas para a pulverização, sendo possível sentir as gotículas pela deriva dos agrotóxicos

atingindo a pele mesmo a algumas quadras de distância, desencadeando alergias e problemas respiratórios, conforme relatado por alguns trabalhadores. Quando eu acompanhava uma turma de seis trabalhadores numa tarde de trabalho no pomar e, na espera da chegada do trator com as caixas vazias para retomar a colheita, o trabalhador que enrolava um cigarro de palha me chamou: “Tá vendo esse pozinho na fruta? É pra madurar a maçã, isso que dá dor de barriga. Mas tem mais uns 20 remédios que colocam na fruta”.

A participação, presença e exposição constantes no trabalho repetitivo, por outro lado, criaram condições favoráveis para que me aproximasse mais destes trabalhadores, sendo este processo de inserção junto à comunidade um dos mais importantes passos da pesquisa (ALVES, 2004). Além do mais, se estabelece um processo de aprendizagem mediante a exposição e participação das atividades do dia a dia ou rotineiras dos “pesquisados”.

Do mesmo modo, a separação entre "nós" e "eles" aumenta a distância, destacando ainda mais esta "grande divisão" (FAVRET-SAADA, 1990). Este hiato tende a apresentar o outro como desprovido de subjetividade, de ação, de identidade. Neste sentido, é interessante que as relações e aproximações tendem a ter maior simetria onde o que antes entrevistava passa também a ser entrevistado, colocando a construção do conhecimento antropológico no centro de uma relação na qual não se negligencia a diferença existente entre as pessoas, sem negar quem realmente somos (LATOUR, 1994). Este processo necessita promover e exercitar a desconstrução e reconstrução da figura do pesquisador enquanto algo distante, buscando se colocar de igual para igual, como seres humanos que se relacionam (ou não) naquele espaço-tempo (ALVES, 2004).

Tais aproximações carregam concepções que se aproximam de uma abordagem etnográfica, na medida em que observador e observado criam determinada realidade a partir da interação. Pressupõe-se, portanto, uma interação direta com as pessoas e seus cotidianos, possibilitando a compreensão sobre seus modos de vida, escolhas, significados e anseios. Angrosino (2012) destaca que os métodos etnográficos podem auxiliar o pesquisador a captar a “orografia da paisagem”, ou seja, compreender minimamente um todo antes de centrar a atenção em questões específicas, mais particulares. A pesquisa de caráter etnográfico leva a considerar que o tempo de interação será o meio pelo qual

[...] as particularidades, os jeitos de ser, os modos de representar poderão ser expressos de maneira a dificultar que as pessoas exibam apenas aquilo que avaliam que o pesquisador deve ou quer escutar, possibilitando, então desvelar processos criados pelas pessoas em sua vida diária (SATO; SOUZA, 2001, p. 45).

Em termos metodológicos, o estudo da vida cotidiana pressupõe, por exemplo, uma relação intersubjetiva, um contato próximo e frequente com o outro, aliado à utilização de instrumentos como entrevistas mais ou menos diretas, observação direta ou participante, gravadores, diário e anotações de campo, e também equipamentos de fotografia e de filmagem, características próprias do método etnográfico (SOUZA, 2014). Este fato evidencia que o método etnográfico não é hoje exclusivamente “coisa de antropólogo” (SOUZA, 2014); é também “coisa de sociólogo”, na medida em que a “invisibilidade” vem se constituindo a principal característica das fronteiras entre as duas áreas de conhecimento. Neste sentido, gostaria de pensar que pode ser uma ferramenta com potencial de uso multidisciplinar, que não apenas transpasse o “ser coisa de”, mas que busque enxergar sob diferentes lentes as situações em suas profundidades tais como elas se apresentam.

Além dos já conhecidos instrumentos citados acima na utilização de pesquisas qualitativas, destaco aqui a importância que assumiu o uso da bicicleta. Mais que o aspecto proporcionado pela facilidade e autonomia na mobilidade, seja na cidade ou entre os pomares, coloco-a aqui enquanto parte da ferramenta integrante da estratégia metodológica construída. Para Minayo (2001) a metodologia é o “caminho do pensamento” numa articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. Portanto, o pensamento no caminho pedalado, possibilita uma reflexão constante dos processos vivenciados ao passo que permite aguçar e sensibilizar a criatividade do pesquisador dentro de um “[...] conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador” (MYNAIO, 2001, p. 16). Se, por um lado, o pedalar permite ao pesquisador “digerir” e refletir num ritmo mais assimilável as experiências de campo, torna-se também uma ferramenta de sociabilidade quando passa a instigar a curiosidade dos interlocutores, no sentido deles buscarem entender o que faz um “pesquisador-ciclista” no meio dos pomares de maçã, permitindo então mais uma via para a abertura do diálogo.

Ao revisar a literatura sobre trabalhadores sazonais no contexto estudado, poucos são os estudos que adentram na realidade do "chão de fábrica" verificando a partir dos atores como se constroem as relações e o cotidiano de trabalho. Para parte dos gerentes responsáveis, as turmas de diferentes pomares eram vistas como "todos iguais" e, portanto, não havia nada de novo a ser visto. Ora, vivenciando a rotina com estes grupos, percebo que as estratégias e motivações migratórias que movimentam trabalhadores indígenas se diferenciam nas mais distintas lógicas dos trabalhadores urbanos, por exemplo. Trata-se de um estigma (GOFFMAN, 2004), uma tentativa de homogeneização, de um anonimato coletivo, ou mesmo de um desconhecimento quanto ao reconhecimento mais aprofundado da diversidade das realidades. É fundamental estar atento às invisibilidades da vida cotidiana de modo a não naturalizar o "trivial" e sim questionar tais acontecimentos, numa postura flexível, porém vigilante (SATO; SOUZA, 2001).

Se, por um lado, a rotina do cotidiano de trabalho se mostra como um ambiente descontraído para se conversar, por outro é o momento do trabalhador fazer render, em suas palavras, de tirar o "ganha pão de cada dia". O tempo que se está deixando de colher para fazer a entrevista é também dinheiro que a equipe está deixando de ganhar, isso pelo fato de em algumas empresas, o recebimento do salário se dar pelo rendimento da quantidade de "bins¹⁰" colhida, numa articulação bastante sincronizada entre colhedores, classificadores e tratorista. Além da questão do foco no trabalho, pude observar que muitos trabalhadores quando convidados a serem entrevistados em frente ou próximo aos demais colegas de trabalho, retraíam-se por vergonha de algumas brincadeiras como, por exemplo, o colocado por um companheiro de trabalho: "Olha o cara, vai sair no Globo Rural!" ou mesmo também por medo de expor algo referente a alguém que estivesse próximo e pudesse vir a prejudicá-lo.

Dado esse contexto, fui compreendendo que as entrevistas poderiam ser mais aprofundadas, trazendo mais informações, em momentos individuais após o trabalho como durante as refeições, no final do dia ou aos domingos - dia no qual o trabalho é optativo. Em relação às entrevistas, elaboramos um roteiro semiestruturado com o auxílio de mapas mentais para os trabalhadores sazonais

¹⁰ O "bin" ou "bins" diz respeito à caixa de madeira utilizada para a colheita a campo e posterior transporte das maçãs, sendo utilizado também como referência para estipular a média colhida pelas turmas de trabalhadores, comportando de 300 a 400 kg, dependendo do tamanho da fruta e da variedade.

(Apêndice A) e outro para proprietários e produtores (Apêndice B), guiados por alguns pontos centrais, mas que permitem ao entrevistado abordar questões que ultrapassam o previamente planejado, sem especificamente seguir uma ordem pré-estabelecida.

Segundo Michelat (1982), existe uma relação entre o grau de liberdade deixado ao entrevistado e o nível de profundidade das informações que ele pode fornecer, deixando-o desenvolver a construção e seu propósito como bem entender. Isso baseia-se na ideia de que o entrevistado é o único que pode fazer isso e o pesquisador não pode negligenciar questões que possam tender a “sair do campo”, estimulando a sensibilidade ao escutar e ao indagar. Destaco aqui uma situação interessante durante a entrevista gravada por vídeo que retrata a autopercepção do trabalhador ao “desviar-se” do assunto em questão quando comenta que: “Eu até estava falando com o Tiago, que é o meu entrevistador, que o meu sonho é voltar a navegar e eu vou conseguir de novo. O projeto dele é pra falar de maçã, mas eu quero falar de navegação [...]”. Portanto, embora sejam extrapoladas as questões propriamente ditas do trabalho na maçã, entende-se que as construções sociais das próprias realidades dos indivíduos perpassam o vivenciado ao longo de suas trajetórias de vida, cuja pessoa entrevistada possui uma vida independente para além de um dado recorte temporal, um processo de vida continuada.

Ao propor uma “abordagem flutuante” Thiollent sugere que o entrevistador se mantenha em uma “situação flutuante” o que “permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural, sem questionamento forçado” (THIOLLENT, 1982, p. 86), permanecendo o pesquisador atento, não somente ao roteiro de entrevista pré-estabelecido e às respostas obtidas pela interação, mas também a gestos, expressões, sinais e mudanças de postura dos sujeitos, captando marcas de vida não-verbalizáveis. Portanto, o que o autor propõe é que ao analisar as entrevistas - sejam elas gravadas e/ou anotadas - não se aceite como plena manifestação do discurso da verdade o apenas falado, mas que também se leve em consideração a comunicação não-verbal, o não dito, como manifestação da realidade individual e histórica desses sujeitos, revisando criticamente a interação pesquisador-pesquisado. A “entre-vista”, como o próprio nome diz, comporta mais que uma única perspectiva, é nela que ocorrem penetrações mútuas de percepções, sentimentos e afetos. Além das anotações no diário de campo,

mostra-se importante o uso do gravador de voz, assim como a transcrição e análise posterior destes materiais, de modo que se complementem.

Para esta pesquisa foram realizadas aproximadamente 30 entrevistas¹¹ com o auxílio de gravador ou câmera de vídeo para filmagem, envolvendo principalmente trabalhadores temporários de trajetórias diversas, empreiteiros, monitores e empresários (Apêndice C). Também obtive a autorização oral ou escrita por parte dos interlocutores entrevistados, através do Termo de autorização de uso da imagem (Apêndice D) quando vinculada diretamente à imagem da pessoa para a realização da pesquisa. Destaco que, para a transcrição das entrevistas foi utilizado o *software online* gratuito *oTranscribe*. Após as entrevistas, o pesquisador passa então por um “período de impregnação” do material (MICHELAT, 1982), visitando e revisitando as entrevistas, permitindo com que o antes banal, de poucos significados, salte aos olhos, enriquecendo a construção constante da problemática.

Um aspecto que contribuiu para contextualizar e esclarecer a presença de uma pessoa estranha junto aos trabalhadores - no caso eu-pesquisador - circulando entre as turmas, conversando, realizando anotações e fotografias dos trabalhadores, foi a apresentação coletiva durante as reuniões semanais existentes entre monitores ou gerentes e as turmas de trabalhadores, visto que se “oficializava” minha inserção pelo responsável. Nesses momentos, de forma breve, eu era apresentado e me era concedida a palavra para que eu realizasse uma rápida explicação de quem sou e o que faria nos próximos dias, inclusive no sentido da existência de um controle constante do ritmo e da qualidade da colheita por monitores da empresa. Assim eles já sabiam que minha função não seria de “fiscalização” ou vigilante, como inclusive alguns pensavam - ao projetar sobre mim a imagem de policial - e que se poderia construir uma relação de confiança com o passar do tempo. Neste sentido, Currer (1992) apud Menezes (1998)

¹¹ Cabe destacar que a quantidade de entrevistas não foi definida previamente, assim como a escolha dos interlocutores se deu na aproximação e convivência no trabalho de campo, entendendo que não basta que o pesquisador escolha os interlocutores, mas que também os interlocutores devem escolher, ou melhor, acolher o pesquisador. Poder-se-ia continuar na obtenção de elementos pela aplicação de entrevistas e a imersão na observação-participante. No entanto, a determinação de um fechamento nas entrevistas perpassa a necessidade de uma finalização a partir do momento em que inicia a saturação dos dados obtidos e o “acréscimo de novas informações deixa de ser necessário, pois não altera a compreensão do fenômeno estudado” (NASCIMENTO, 2018, p. 244). Do mesmo modo que a análise posterior das entrevistas e dados coletados demanda tempo, onde cabe a racionalidade do “antes o feito que o perfeito”.

destaca que é importante compreender como o pesquisador é visto pelos interlocutores nos diferentes estágios da pesquisa e como estes entendimentos influenciam o que os mesmos estão dispostos e abertos a compartilhar sobre eles.

Cheguei a cogitar a possibilidade de colocar-me como contratado pela empresa, com carteira assinada ou como empregado temporário. No entanto, num ambiente extremamente dinâmico pela chegada e saída de trabalhadores e num período relativamente curto para a pesquisa, tal posição poderia ocasionar certas confusões e soar inclusive, como falta de ética de minha parte como pesquisador. Alguns autores, em seus contextos, conseguiram se colocar como contratados, realizando densas etnografias do trabalho, como no caso de Carriço (2018), ao analisar estratégias e percepções dos padeiros a partir dos “espaços de folga” em padarias do Rio de Janeiro.

A opção de deixar clara a minha função no pomar enquanto pesquisador não impossibilitou que eu trabalhasse juntamente na colheita. Pelo contrário, ampliou as possibilidades de circular entre as diferentes turmas - inclusive trabalhando - e participando das diferentes tarefas. A não-obrigação em atingir metas na colheita propiciou uma certa liberdade já que me permitia ir ao encontro de diferentes situações e espaços que me chamassem atenção, assim como destacou Malinowski na sua imersão etnográfica:

As lutas, as piadas, as cenas familiares, eventos geralmente triviais e às vezes dramáticos, mas sempre significativos. Eles faziam parte da atmosfera da minha vida diária [...] Com o passar do dia, qualquer coisa que acontecesse me colocava perto e não havia possibilidade de escapar a minha atenção (MALINOWSKI, 1978, p. 25).

No decorrer das conversas e entrevistas busquei retomar os objetivos e interesses da pesquisa junto aos entrevistados e a função que me coube como pesquisador, de estudar o porquê do trabalho na maçã atrair tantos trabalhadores de origens e realidades distintas ao mesmo tempo em que os entrevistados buscavam entender: “Mas o que tu tá fazendo é tipo uma reportagem? Tipo um livro?”. Assim buscava continuamente a construção da pesquisa, explicando que poderia ser considerada uma espécie de “reportagem” -, mas mais profunda, com mais explicações sobre as problemáticas existentes no pomar, como os trabalhadores lidavam com isto e como se organizavam para deixar temporariamente seus locais de origem.

Neste capítulo me propus a ressaltar aspectos fundamentais da aproximação com o campo que influenciaram nas escolhas das ferramentas metodológicas para alavancar uma categoria de análise bastante trabalhada - que é o trabalho - a partir das relações que se dão por dentro dos ambientes do pomar, numa lógica de sazonalidade de idas e vindas. Assim, a descrição e o detalhamento mais denso da entrada no campo empírico de estudo constituem parte fundamental da própria construção do conhecimento, bem como da escolha metodológica para a condução da pesquisa. No próximo capítulo tratarei de apresentar o contexto no qual a maçã vem a se consolidar em terras vacarianas, passando por diversas transformações socioeconômicas.

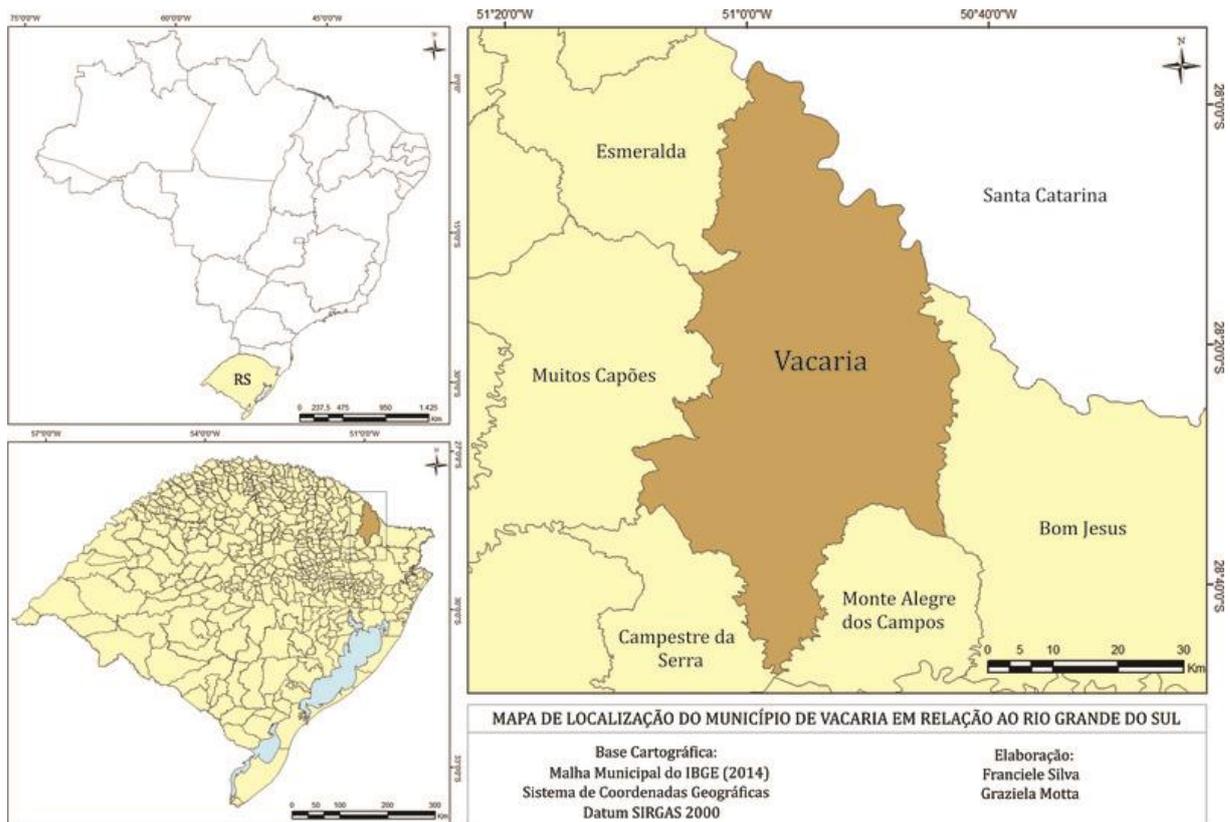
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO

Com vistas a compreender as mudanças ocorridas entre as diversas ocupações e sistemas produtivos da região - desde os principais povoamentos pelos indígenas botocudos às crises madeireiras e pecuária – até chegar à consolidação da maçã enquanto um dos agentes centrais de importância socioeconômica na região, este breve panorama busca observar como se desenvolveu o cenário de implantação e consolidação dos pomares de maçã pelos incentivos fiscais, programas de crédito e pesquisa. Para tal, utilizei materiais secundários como jornais, livros, artigos, leis, bem como relatos de sujeitos envolvidos na cadeia da maçã. Busquei entender como tais transformações nas atividades imprimem novos significados e importâncias, reorganizando, desta maneira, novas relações.

Diversos municípios de caráter agrícola-produtivo, que nos processos históricos de crescimento econômico e desenvolvimento buscaram a mercantilização dos recursos naturais acabaram por gerar diversas identidades contrastivas com o que até então estava disposto como principais atividades e que organizavam a paisagem como um todo. O caso de Vacaria, localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul (Mapa 1), na região fisiográfica conhecida como Campos de Cima da Serra, se contrasta e se assemelha em alguns desses pontos. Ao retroceder 40 anos, pode-se perceber a importância de símbolos econômicos e culturais como o exemplo da pecuária extensiva, do rodeio e do gado orientando tradições seculares. Nos tempos atuais novos protagonistas entram em cena com a agricultura intensiva e, principalmente, pela entrada da fruticultura temperada¹, através da maçã, com a reconfiguração de novos símbolos e a participação ativa na transformação da paisagem, estabelecendo novos rumos às políticas e relações de poder.

¹ Neste caso, o que caracteriza o clima temperado no sistema Koppen é possuir o mês mais frio com média entre -3 a 18 °C e pelo menos um mês com média acima de 10 °C, ou seja, as espécies que necessitam de uma quantidade de horas de frio para que a dormência das gemas seja quebrada e sejam então estimuladas na fase vegetativa e reprodutiva.

Mapa 1 - Localização do município de Vacaria e municípios vizinhos em relação ao estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Motta e Silva (2020, p. 19).

Esse cenário sofreu diversas transformações durante o processo de modernização, pois parte dos processos analisados irão se desdobrar dentro desse contexto, tendo sido ressignificado pelos atores envolvidos. Cabe situar o leitor em que condições se deu a entrada da maçã no Brasil, mais especificamente em Vacaria. Como é que o país passa de importador até os anos 80 a atualmente, potencial exportador para diversos países. Conhecida também por “*Vaqueria de los piñales*”, pela ocorrência exuberante de Araucárias ou Pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*), juntamente com a presença de bovinos trazidos pelos europeus, a região foi relatada pelo Padre Roque Gonzales, citado na obra de Barbosa (1978), quando visitou a região, que permite um panorama e visualização da mesma:

Planícies que se estendem a perder de vista, descortinando paisagens variadíssimas e rasgando horizontes de dilatada amplidão; alternam com vales risonhos, enquanto lá no alto das serras negreja o verde-escuro pinhal, de copas arredondadas, imponentes no seu silêncio quase religioso, à luz abafada, onde erguem os braços aos céus, como que em súplica muda, mil candelabros gigantes, formados pelas esguias e possantes araucárias (BARBOSA, 1978, p.48).

Neste sentido, diversos estudos e vestígios arqueológicos apontam que as primeiras ocupações humanas nos Campos de Altitude² e Florestas de Araucária, onde hoje se localiza Vacaria, foram realizadas por povos indígenas, caçadores e coletores, que tinham na semente dos pinheiros a base de sua alimentação (LAZZAROTTO, 1978; KERN, 1998; CUNHA 2017). A região recebeu, no final do século XVII, a chegada dos Jesuítas, primeiros habitantes não indígenas, trazendo consigo um rebanho de bovinos para povoar a região geograficamente cercada por fronteiras naturais, o que permitia uma delimitação e “cercamento” dos animais: ao Leste pelas muralhas dos Aparados da Serra; ao Norte, fazendo divisa com o atual estado de Santa Catarina, o caudaloso Rio Pelotas; ao Sul, a encosta do profundo Rio das Antas; ao Oeste, a densa floresta, mais tarde denominada Mato Português e Mato Castelhana.

Portanto, no decorrer das ocupações ocorreu miscigenação entre indígenas, caboclos, portugueses, espanhóis e italianos. Estas diferentes origens trouxeram a heterogeneidade étnica e cultural e diferentes relações com as atividades pecuárias. Já em meados dos anos 50, a pecuária extensiva, assim como a extração madeireira, continuou sendo importante atividade econômica praticada na região, constituindo um mercado consolidado com a criação do frigorífico vacariense (FRIVA), onde anualmente 90 mil animais eram abatidos, gerando mais de 900 empregos diretos. No entanto, a partir de 1985 o frigorífico passou por um período de crise, tendo suas portas fechadas em 1997, dificultando o escoamento da produção dos pecuaristas locais, especialmente pela falta de um canal de comercialização nas proximidades do município (LIMA *et al.*, 2015).

A indústria madeireira que se estabeleceu a partir de 1930 representou importante papel na economia da região, passando a fazer uma intensa exploração da madeira de araucária seja para construção, lenha ou papel. O esgotamento dos estoques de Floresta de Araucária, principalmente na década de 70, gerou um movimento na busca de alternativas rentáveis de produção (ROSSI; MORETTO, 2012). Os irmãos Frey, que naquele contexto mantinham relações

² Por Campos de Altitude entende-se como uma formação campestre no Planalto das Araucárias ou Campos de Cima da Serra. Estas áreas predominam em zonas de maior altitude, com cotas superiores a 800m. Nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina estes campos ocupam 1.374.000 hectares, correspondendo a cerca de 7 % dos 10,8 milhões de hectares de todos os campos destes Estados (BOLDRINI, 2002).

comerciais com a venda de caixas de madeira de araucária de Fraiburgo, em Santa Catarina, para outros estados, foram então aproximados dos vitivinicultores franco-argelinos Mahler-Evrard. Os últimos com interesse de investimento na fruticultura e os primeiros, possuidores de mais de cinco mil hectares em Fraiburgo e buscando sócios para diversificar e deslocar seus investimentos para a fruticultura (KLANOVICZ, 2012). Uns entrando com a faca, outros com o queijo. Foi fundada então a Sociedade Agrícola Fraiburgo Ltda (SAFRA), iniciando-se plantios experimentais entre 1963 e 1964, com a importação de porta-enxertos e variedades de macieiras provenientes da França (FREY, 1989). A mesma empresa passou a fornecer mudas de macieira para toda a região nordeste do Estado, atendendo então pelo nome de Mudelândia S/A. A reportagem do jornal da época, retirada da tese solidamente elaborada por Motta (2020, p. 79), demonstra as transformações pelas quais as atividades econômicas passaram:

[...] os franceses nos descobriram e agora ninguém mais nos segura nesse setor. Os pecuaristas tradicionais – com a situação a que chegou o mercado da carne – já estão começando a interessar-se pelo cultivo de maçãs e começam a lavar parte de seus campos para aderirem à nova cultura que entusiasma e rende excelentes frutos. (Correio Vacariense, 1976, Ano II, nº 56, sábado, 10/07/1976).

Com a concretização dos experimentos, mesmo que sob dificuldades e desafios de agentes não-humanos dos pomares - como a indução floral, a quebra produtiva pela incidência de granizo e questões fitossanitárias por doenças fúngicas - institucionalizou-se a criação de uma esfera política por meio de leis e projetos federais de incentivos fiscais onde grandes empresas do setor industrial, como a empresa do Grupo Randon S/A - a atual Rasip Agropastoril S/A - passaram a investir na fruticultura. Esta empresa é uma das principais produtoras de maçã atualmente em Vacaria, originada do capital industrial da área dos transportes, passando a investir na agricultura, utilizando principalmente recursos públicos para se capitalizar ao passo que, o sistema produtivo típico da pecuária extensiva passa por um descenso em termos de retorno e igualmente de incentivos.

A fruticultura de clima temperado tem relação direta com o processo de modernização agrícola, incentivado pela política brasileira da época e que acarreta em transformações intensas da paisagem (KLANOVICZ, 2012). A maçã passou a

modificar a dinâmica econômica e a realidade local de Vacaria a partir dos anos 70, catalisando uma transição entre diferentes sistemas agrários, de uma economia tradicionalmente voltada à pecuária extensiva, seguida da produção de grãos, dividindo atualmente, espaço com a atividade frutícola. Os grandes propulsores desse processo foram os incentivos fiscais. Introduzido pelo governo federal, através da Lei nº 5.106, de 2 de setembro de 1966, dava-se início a um importante estímulo à atividade:

[...] as pessoas jurídicas poderão descontar do imposto de renda que devam pagar, até 50% do valor do imposto, as importâncias comprovadamente aplicadas em **florestamento ou reflorestamento**, que poderá ser feito com essências florestais, **árvores frutíferas**, árvores de grande porte e relativas ao ano-base do exercício financeiro em que o imposto de renda for devido. (BRASIL, 1966, par. 3º do Art. 1º da Lei nº 5.106, grifos nossos).

São observadas mudanças intensas no que diz respeito ao nível de urbanização. Num intervalo de 40 anos (1964 a 2005) esta área foi duplicada, alavancada pela introdução da fruticultura temperada que favorece a geração de empregos numa proporção de oitenta para um quando comparado com a pecuária extensiva (BARBOSA, 1978; LOPES *et al.*, 2010).

Vacaria, embora não tenha sido pioneira na produção de maçãs no Brasil, passava por uma baixa na oferta de empregos e passou a visualizar a possibilidade, através da fruticultura, da geração de empregos quando representantes da Associação de produtores de maçã da França chegaram ao município através de informações climáticas da região para o seguinte investimento na compra de terras segundo o relato no livro *Lembranças de Vacaria* (ABREU *et al.*, 2013, p. 83):

Uma industriazinha aqui... fez o Distrito Industrial... Abriu como grande esperança de emprego, o FRIVA, mas ainda estava longe de dar solução de emprego para todo esse pessoal. Um dia eu estava na prefeitura e uma `guria´ me chama e diz: `Tem um senhor aí que não fala português e eu não sei o que ele quer!´. Então, fui ver. Fui lá e já tentei o francês, dei os votos de boas-vindas e perguntei o que ele desejava. **Aí, ele me disse que era da Asociación de Productores de Pommes de La France e que tinha informação de que, no Brasil, a cidade de Vacaria seria propícia para a produção de maçã e a Associação o tinha mandado para observar e comprar um imóvel [...]** Eles queriam as temperaturas mínimas e as máximas, quantidades de chuva... Ele era produtor e entendia. E a cidade de Vacaria, efetivamente, preenche todos os requisitos da boa produção de maçã. O `cara´ disse: `Eu compro até 500 hectares de terra, só que tenho que ir à França buscar o dinheiro. Vamos

empregar imediatamente, na plantação, duas mil pessoas'. [...] Tudo formal, só disseram que o projeto iria ser realizado porque na França não se encontrava mais 10 hectares para vender, não tinha mais terra. Uns quinze dias depois, eles vieram, em dois, para comprar 200 hectares, onde me parece que foi a Agriflor (depois quebrou). O domínio do comércio de maçã para o Ocidente era da Argentina e para o Oriente, do Chile. Mas a Argentina descobriu que os franceses estavam implantando uma estrutura de pomar de maçã aqui no Brasil. Acontece que as maçãs argentinas não estavam mais sendo aceitas no mercado. Os argentinos não queriam perder o controle e algumas firmas da Argentina se instalaram em Vacaria - deixaram de se instalar lá e vieram se instalar aqui. Dois anos depois, faltou mão de obra [...] E, hoje, Vacaria se projeta como 'um oásis' porque além das culturas de verão, tropicais, iniciou-se a plantação de todas as culturas de inverno (Relato de João Telmo de Oliveira no livro *Lembranças de Vacaria*, 2013, p. 124-126, grifos nossos).

É um período de intensas modificações da paisagem que estabelece um novo ciclo econômico com a conversão de 40% da área de campo nativo em outros usos, principalmente para agricultura intensiva com a introdução da soja e também pela fruticultura protagonizada pela maçã (LOPES *et al.*, 2010). Um trabalho mais recente desenvolvido por Lima *et al.* (2015), estudando as mudanças socioeconômicas no Distrito de Capela do Caravágio, em Vacaria, permite evidenciar a disposição dos principais usos do solo no território caracterizando a atual abrangência das lavouras de soja e trigo e da fruticultura temperada.

No entanto, cultivar uma fruta temperada com um dos centros de origem na região da Ásia central num país tropical era um desafio. O estado de Santa Catarina criou, então, o Programa de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), com o objetivo de planejar e estudar a “[...] execução da política de desenvolvimento da fruticultura no estado de Santa Catarina e será executado de modo a servir de incentivo à iniciativa privada” (KLANOVICZ, 2012, p. 233). Portanto, cria-se uma esfera de incentivo econômico e inicia-se a criação de uma estrutura técnico-produtiva institucional, permitindo transpor os investimentos e produção para outras áreas, como no caso de Vacaria.

Obviamente enquadrar a macieira - de nome científico *Malus domestica* Borkh - como espécie florestal, não foi equívoco de classificação botânica por parte dos idealizadores das políticas públicas. O interesse era claro e um pacto entre governo e empresas privadas se iniciava. Por um lado, assistência técnica e pesquisa por parte da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e EPAGRI

buscavam atender às demandas técnico-produtivas, por outro as linhas de crédito incentivaram os investimentos requeridos, além de doações de terras que estavam em jogo para atrair investimentos, como a Lei nº 888/75, que autorizava a doação de terras em Vacaria:

Art. 1º – Fica o Poder Executivo Municipal, autorizado a efetuar a doação de uma área de terras de 15 (quinze) hectares, na área industrial de Vacaria, ao grupo liderado pelos senhores Albert Mahler, Henri Evrard, Roland Mayer, Roger Biau, Paul Evrard e Carlos Alberto de Abreu, firma a ser constituída oportunamente na área industrial de Vacaria, para ali instalarem um complexo para a industrialização de frutas de clima temperado. (VACARIA, Lei orgânica Municipal nº 888/ 1975).

Entre tantas ações empreendidas para o desenvolvimento do setor da fruticultura, pode-se ressaltar a manutenção de incentivos fiscais para a produção, isenção de impostos na importação de máquinas classificadoras nos anos 1990, de tributos federais sociais (PIS/Cofins) e estaduais de comercialização de mercadorias e serviços (ICMS) na década dos anos 2000 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS PRODUTORES DE MAÇÃ, 2018).

Todo o contexto criado pelas facilidades de acesso a crédito e incentivos passou a ser atraente para investidores e entusiastas. Apresenta-se uma situação em que determinada atividade econômica passa por uma “febre” - no caso, a fruticultura - assim como aconteceu com diversas outras atividades que contaram com incentivos e “dinheiro correndo” em que, durante um tempo, marcaram as relações econômicas num dado lugar e época como um todo (GUEDES, 2012). Conforme relata um empresário do setor da maçã que desde o início acompanhou a implantação dos pomares, as principais vantagens e dificuldades encontradas em Vacaria foram que:

Quando vieram os incentivos fiscais se plantou bastante ali em Caxias do Sul, subindo pra Rota do Sol, onde entra na região dos campos, ou seja, terras mais planas. E viram aqui em Vacaria que tem terras muito planas, então os grandes grupos que plantaram vieram pra cá porque poderiam fazer a custo baixo, não tinha tanta pedra para remover, a parte operacional do trator andava bem porque é quase uma planície, com pequenas colinas. Então ela se confinou aqui por duas coisas: **terras planas e altas com o frio. [...] o incentivo fiscal lá nos meados da década de 70 até 83 quando foi cancelado, atraiu tudo que é aventureiro.** Entrou médico, advogado, empresas comerciais, empresas industriais. Daqueles pioneiros do incentivo fiscal só sobrou a Randon, quer dizer, se focou no Projeto Vacaria e se profissionalizou. O resto começou a perceber o seguinte: "É muito difícil, tem granizo, tem um volume muito grande de mão de obra, essa com nível cultural muito baixo

né". Então eles perceberam os problemas, acharam que era plantar maçã com o dinheiro do governo e vir aqui e ganhar dinheiro, que era um sonho (EMPRESÁRIO A, 2019, grifos nossos).

A transformação dos espaços naturais através da domesticação das espécies e do melhoramento genético, do alto aporte de insumos externos, maquinário e manejos agrícolas, levanta a questão dos limites da aclimatação de agentes não-humanos - como solo, fertilidade - pelos humanos e vice-versa para atender seus interesses, onde os elementos do mundo material não são apenas mobilizados pelos seres humanos, mas podem participar, efetivamente, da ação, co-constituindo relações humanas e não-humanas (SCHMITT, 2011). Percebe-se relações de intersubjetividade no que Blanco, Arce e Fisher (2015, p. 14), baseados em Deleuze e Guattari, colocam como sendo “alianças que são formadas em uma interface através da qual entidades ("reais" ou não) constroem, reconstroem e desmontam-se conforme cruzam os limites do outro para constituir novas individualidades, linguística ou corpórea, capaz de gerar um grau de poder ou potência”.

Por um lado, acreditava-se ter alcançado a domesticação e o controle do agente não-humano da maçã tratada pela sua docilidade, onde “o homem pode iludir a planta e forçar a natureza. Assim, um ano antes enverga-lhe os galhos na direção horizontal. Com isto, a árvore produzirá com um ano de antecedência³” (FREY, 1989, p. 22). Por outro, questões envolvendo a demanda intensiva do fator humano, como a mão de obra em períodos específicos como na colheita, polinização e raleio, passam a se tornar um fator limitante e extremamente complexo de ser organizado.

Apostar no cultivo de uma espécie temperada num país - grande parte - tropical forçou a adaptações inovadoras nos mais diversos âmbitos da pesquisa, fortalecendo a emergência e estabelecimento do regime produtivo da maçã, dado que a atividade começa a organizar todo um aparato institucional, ocasionando mudanças sociais profundas. O que atualmente encontra-se disposto no espaço é “[...] o que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta

³ Refere-se aqui ao processo de arqueamento dos ramos em ângulos de 45° a 120° com o auxílio de palitos, fitas e grampos que tendem a quebrar a dominância apical pela redução do hormônio vegetal auxina que é produzido no ápice e transportado para baixo fazendo com que seja inibida a brotação das gemas laterais. Ao arquear, quebra-se a dominância apical permitindo com que outro hormônio vegetal, a citocinina atue, favorecendo o rebrote das gemas e formando assim novos ramos com potencial produtivo.

do processo de supressão, acumulação, supressão. Trazem os restos dos tipos de divisões do trabalho já passadas, os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho” (SANTOS, 1997, p.113).

Neste contexto, embora a mecanização e a alta tecnologia tenham sido e continuem sendo empregadas intensivamente nos pomares de maçã em Vacaria, a mão de obra necessária não somente durante a colheita, mas também nos diversos manejos necessários ao longo do ano como o raleio de frutos, poda e condução das plantas, aparece como o principal limitante às empresas de maçã, ocasionando uma espécie de saga cada vez mais longa na busca de encontrar a demanda necessária para a mão de obra a ser suprida. Neste sentido, cabe ainda destacar que o processo de modernização da agricultura acabou gerando mudanças estruturais, fundiárias e produtivas nas atividades agropecuárias com impactos sobre as formas de trabalho, substituindo parte da mão de obra pela mecanização agrícola.

Do início dos anos 70 até metade dos anos 80 houve grande crescimento da participação da mão de obra temporária no total de mão de obra assalariada empregada na agropecuária brasileira devido à importação de matriz tecnológica de produtos que eram similares aos cultivados em países ditos desenvolvidos. Mais fortemente no início dos anos 90, a mecanização aplicada em diversos processos de culturas tradicionais como café, algodão, cana-de-açúcar, acaba por reduzir a participação dos trabalhadores temporários, justamente pela substituição (STADUTO *et al.*, 2004). O processo de modernização impactou sobre diferentes públicos, épocas, culturas agrícolas e regiões distintas, especialmente em cultivos que demandam mão de obra mais cuidadosa para a colheita ou tratos culturais como é o caso da fruticultura brasileira de modo geral - exemplificada pela produção da maçã na região sul, a produção de manga, melão e uva na região nordeste - permanecem existindo demanda deste processo laboral manual (DIEESE, 2019).

3.1 MAÇÃS E VACARIA EM NÚMEROS

O fato de Vacaria ter apostado no que atualmente está disposto no território, com aproximadamente 4.530 hectares da variedade Gala, corresponde a quase 70% do total da área (ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DOS PRODUTORES DE

MAÇÃ - AGAPOMI, 2019). Esta característica acaba por gerar uma enorme demanda de mão de obra num período relativamente curto. Isto porque a variedade Gala possui características fisiológicas cujo ponto de maturação ocorre rapidamente, o que acaba por exigir um contingente enorme de trabalhadores entre 30 a 45 dias. Entre outras consequências, cria-se uma força de trabalho circulante, residindo em muitos lugares e vencendo longas distâncias geográficas e culturais (SILVA, 1998). O trabalho temporário faz com que grande parte dos trabalhadores contratados para a safra da Gala sejam demitidos ao final do contrato temporário, visto que existe uma “janela” ociosa sem produção, já que a colheita da variedade Fuji - variedade mais tardia - inicia aproximadamente duas semanas após o fim da Gala e que, do ponto de vista quantitativo, representa pouco mais de 25% da área cultivada, o que demanda uma quantidade de trabalhadores muito menor, suprida em parte pelos trabalhadores fixos.

Tudo levaria a pensar que o motivo da variedade gala ter sido selecionada como “carro-chefe” da produção estaria relacionado com aspectos adaptativos às condições edafoclimáticas. Pelo contrário, esta seleção se deu com base, principalmente, na preferência da fruta pelos consumidores, devido às características de baixa acidez de sua polpa e da coloração do epicarpo levemente rosado a avermelhado, que é mais atrativo para o mercado consumidor brasileiro, conforme o relato do técnico da Emater do município vizinho à Vacaria, que do ponto de vista ecológico considera a variedade mal adaptada:

Se a gente for analisar ecologicamente, elas (*variedades*) são super mal adaptadas à região porque eu não considero uma planta bem adaptada aquela que você tem que fazer mais de 30 tratamentos: quebrar a dormência - não tem frio suficiente -, fungicida - extremamente suscetíveis à sarna, glomerella e mais recente o câncer europeu (causado pelo fungo *Neonectria*) -, inseticida, polinização. Era boa de comer e tinha comércio e foi-se tentando adaptá-las aqui. A gente quer levar as espécies para os lugares mais difíceis. O que há de mais "temperado" no Brasil é aqui, Campos de Altitude entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nosso inverno é muito irregular: temos alguns com 500 horas/frio, outros com 1000 horas/frio e às vezes tem 800, mas no meio do inverno dá aquele calor e isso mexe com a planta (Extensionista da Emater B, 2019, grifos nossos).

Retratando a importância da produção da maçã no município, tanto pela representatividade da área cultivada quanto pela quantidade de empregos temporários gerados, segundo dados da Associação Gaúcha de Produtores de

Maçã, dos 14.124 hectares cultivados de maçã no estado do RS, 6.672 hectares estão em Vacaria, correspondendo a 47% do total da área (Tabela 1). Em relação à produção, das 485.357 toneladas produzidas no Estado na safra de 2019, 253.538 foram produzidas em Vacaria, correspondendo a 52 % do total, colocando o município como o maior produtor também com a maior área cultivada no Estado (AGAPOMI, 2019).

Tabela 1 - Evolução da área (hectares), produção (toneladas) e câmaras frias (capacidade em toneladas) no Rio Grande do Sul e em Vacaria (2003-2019)

ANO	ÁREA			PRODUÇÃO			CÂMARAS FRIAS		
	RS	VACARIA		RS	VACARIA		RS	VACARIA	
	ha	ha	% RS	Ton.	ton.	% RS	Ton.	Ton.	% RS
2003	12.915,62	6.052,65	47	293.084	160.865	55	243.600	167.200	68
2004	13.181,96	5.994,92	45	409.695	238.498	58	281.120	186.050	66
2005	13.766,62	6.375,13	46	347.702	183.011	53	286.304	192.354	67
2006	13.886,20	6.152,09	44	307.222	170.674	56	286.580	191.370	67
2007	13.997,63	6.200,87	44	406.017	215.153	53	296.075	200.055	68
2008	14.372,77	6.396,38	45	393.674	215.829	55	309.440	214.270	69
2009	14.993,07	6.697,80	45	438.452	236.334	54	333.965	228.270	68
2010	14.917,80	6.854,84	46	476.035	248.330	52	344.452	234.350	68
2011	14.767,69	7.092,47	48	422.766	227.262	54	362.199	237.250	66
2012	14.808,49	7.091,47	48	483.009	253.394	52	373.649	243.280	65
2013	14.377,33	6.770,37	47	468.055	258.156	55	390.278	259.425	66
2014	14.517,15	6.884,69	47	502.591	273.883	54	420.421	279.065	66
2015	14.132,11	6.721,75	48	492.053	277.835	56	460.291	317.740	69
2016	14.057,42	6.638,20	47	411.698	228.349	55	464.516	320.950	69
2017	14.187,37	6.711,39	47	506.711	258.962	51	465.026	320.950	69
2018	14.124,42	6.672,45	47	490.541	281.448	57	468.155	320.950	69
2019				485.357	253.538	52			

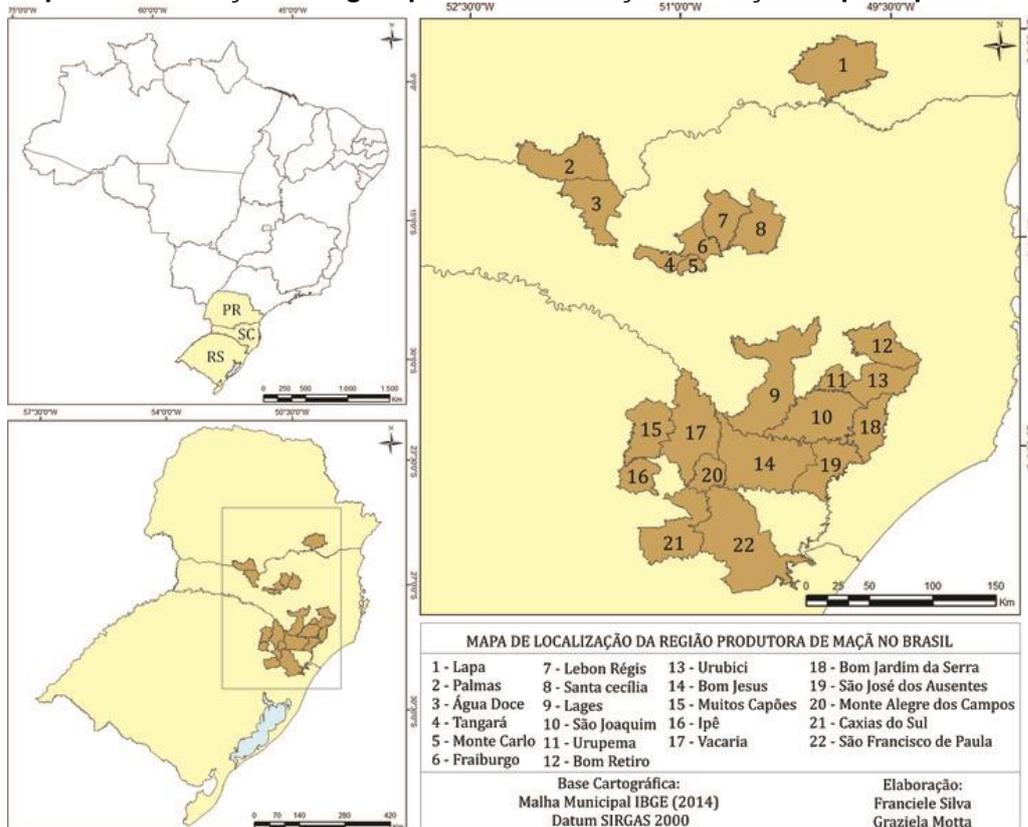
Fonte: [AGAPOMI](#) (2019).

No entanto, São Joaquim é o município que lidera a produção a nível nacional. O mapa abaixo localiza os principais municípios produtores de maçã na região sul (Mapa 2).

Dos 65 produtores associados à AGAPOMI, três são as empresas que predominam na produção. Segundo relatos de entrevistas com interlocutores da região, uma delas possui mais de 3.000 hectares em Vacaria. Também existem médios produtores que são considerados aqueles com 20 a 50 hectares que produzem e comercializam, na grande maioria, com as grandes empresas que possuem estrutura de seleção, armazenamento e embalagem, normalmente em

grandes estruturas agroindustriais chamadas de *Packing house*. Dados referentes ao Censo Agropecuário de 2006 demonstram que dos 841.549 estabelecimentos agropecuários que contrataram trabalhadores temporários durante o ano de 2006 no Brasil, 405.252 contrataram trabalhadores para a tarefa da colheita. Já especificamente para Vacaria esta proporção é ainda maior, de modo que dos 184 estabelecimentos que contrataram, 118 foram para a colheita (IBGE, 2006).

Mapa 2 - Localização da região produtora de maçã e a relação de principais municípios



Fonte: Motta e Silva (2020, p. 111).

No que diz respeito à demanda de trabalhadores durante a colheita da variedade gala, estima-se em 1.200 trabalhadores para cada 1000 hectares, ou seja, 1,2 homem/hectare. Durante o restante do ano continua a existir demanda para executar outros manejos como a poda, condução, tratamentos e roçadas. O empresário, quando questionado sobre o processo migratório de trabalhadores temporários, mencionou:

É uma necessidade absoluta nossa. Vamos raciocinar em cima de 1000 hectares. Você tem uma mão de obra média durante o ano de 500, ou seja, meio homem/hectare/ano. Tem poda, tem condução, tem retirada

de câncer. Na colheita da gala, em 1000 hectares precisa colocar 1200 pessoas: 1000 na sacola colhendo e 200 tratoristas, supervisor, o cara que leva água, das etiquetas (EMPRESÁRIO B, 2019).

Em termos representativos, os pomares possuem altos investimentos de implantação. Entre mudas, fertilizantes e mão de obra o custeio pode chegar a R\$ 45.000 por hectare, alcançando os R\$ 100.000 quando consideradas as telas anti-granizo. Referente aos custos temporários ao longo do ano, a mão de obra representa de 40 a 50% do total dos custos. Segundo o empresário:

Nós temos um custo por hectare estimado hoje de R\$38.000 a 45.000 por hectare (custeio) e um custo de investimento que pode chegar a R\$100.000 por hectare com tela anti-granizo. O grande gargalo hoje é a mão de obra aonde ela representa de 40 a 50% dos custos (EMPRESÁRIO A, 2019, grifos nossos).

Aliado à realidade do recorte empírico, dados levantados durante pesquisa exploratória e triangulados com o trabalho de Oliveira (2011), que levanta informações junto ao Ministério do Trabalho de Vacaria, estima-se que, anualmente, na época da safra da maçã, 12.000 a 15.000 trabalhadores migrem para a região buscando atender à demanda no trabalho da colheita. No que diz respeito a fontes oficiais que levantam estas informações, o Censo Agropecuário de 2017, embora tenha incluído no levantamento o número de trabalhadores temporários, restringe-se aos contratados no período de referência utilizado como padrão - 31 de Setembro do referido ano - e não possibilita precisar a informação devido à incompatibilidade das datas, visto que a colheita se dá no período de janeiro a junho. Portanto, optei por trabalhar com as informações fornecidas diretamente pela Polícia Civil de Vacaria, que permitem, mais precisamente, aproximar a quantidade de trabalhadores durante a safra. Segundo dados, na safra de 2018 foram 10.038 trabalhadores registrados, mas de acordo com um dos responsáveis, supõe-se que em torno de 20% não são registrados, totalizando aproximadamente 12.000 trabalhadores. Desta análise, verifiquei a presença de trabalhadores pertencentes a 23 diferentes estados da federação, além de imigrantes, que serão aprofundados no capítulo 7 deste trabalho.

Percebe-se uma série de mudanças socioeconômicas que, em diferentes contextos ao longo dos anos, possibilitaram condições para a concretização da produção de maçãs não só em Vacaria, mas na região Sul do Brasil. Condições

alavancadas e alcançadas sob o pretexto da conservação ambiental, amparadas por uma série de incentivos fiscais acessados por grupos de investidores do setor industrial. No entanto, diferente deste setor que têm o controle quase total nas linhas de produção, as atividades biológicas, como o caso da agricultura, possuem limites questionáveis. Como será tratado nas próximas páginas, a sazonalidade de uma cultura reflete em um fenômeno pouco planejado e de grande intensidade temporária, que é o trabalho sazonal, desdobrando-se numa série de consequências positivas e negativas.

Migrar, neste caso, não se restringe ou se reduz ao ato de deslocar-se a um lugar de trabalho, mas é também se transpor e enfrentar o “desconhecido”, o “lado de lá”, a “saudade”, é ser “trabalhador da maçã”, mas ser também agricultor, pedreiro, comerciante e muitas outras profissões. É sempre o que se vai voltar a ser e não o que se é (MARTINS, 1986).

4 ESPAÇOS-MOVIMENTO

Assim como os próprios sujeitos do trabalho sazonal se encontram numa heterogeneidade de objetivos e deslocamentos, os espaços que eles preenchem, circulam e nos quais constroem relações sociais são também reflexos dessa transitoriedade oscilante. Na pesquisa foram selecionados alguns espaços nos quais se estabelecem as diversas relações do cotidiano durante o período da safra, do chegar ao sair, do trabalho ao repouso, das disciplinas às resistências, desvelando uma complexa rede de estratégias e trajetórias que preenchem estes “mundos” em interações - nem sempre - simétricas. Por questões organizativas tratei aqui sobre o “mundo de fora” e o “mundo de dentro”, tendo presente que na prática se vive num só mundo, mas que, no entanto, existem lógicas que regem e organizam cada um deles. Primeiramente apresento elementos referentes às chegadas e partidas dos trabalhadores na estação rodoviária de Vacaria e os desafios encontrados. Na sequência ilustro o cotidiano da repetitividade laboral durante a safra da maçã, fazendo uso de material audiovisual com o intuito de integrar esta complexa rede de espaços e trabalhadores que estabelecem relações e trajetórias que, embora distintas, confluem para Vacaria.

4.1 RODOVIÁRIA: BASTIDORES DE CHEGADAS, PARTIDAS E CONTRATAÇÕES

Quem costuma frequentar as rodoviárias de cidades de municípios do interior sabe que elas são locais-chave, muitas vezes pontos de referência e de encontros na localização dos municípios e de movimentação do comércio local. Em Vacaria não é diferente. Inaugurada em 1939, a estação rodoviária é considerada a mais antiga do Brasil. Durante os meses da colheita da maçã diversos indivíduos chegam dos mais longínquos locais em busca de trabalho e partem - dependendo da qualidade da safra - com uma boa remuneração para os seus locais de origem ou mesmo iludidos com a falsa expectativa criada, revelando um projeto coletivo ou individual de ascensão ou manutenção social por este campo de possibilidades (VELHO, 1981). A rodoviária é percebida, então, como um lugar que não precisa ser fisicamente determinado, mas pensado em termos de fluxos e movimentos, de encontros e desencontros de diferentes

trajetórias sociais e culturais, constituindo-se em uma intersecção de diferenças geradas por esses deslocamentos (CLIFFORD, 1997; RECHENBERG, 2013).

Pode-se pensar a rodoviária a partir do que Gilberto Velho (1981) trabalhou a respeito das sociedades complexas perante a coexistência de heterogeneidades culturais e econômicas, uma pluralidade de um “mundo” pela interação entre diferentes grupos e segmentos. Assim, permear a rodoviária é também compreender o mosaico que temporariamente se forma em Vacaria, agenciado pela produção e colheita da maçã. Neste sentido, a rodoviária foi um local no qual, entre os intervalos de idas e retornos aos pomares, costumava passar, tomar um sorvete ou simplesmente sentar sobre uma mureta e observar a circulação e movimentação de pessoas e situações que se desdobravam sob o aspecto sociológico.

Portanto, é na rodoviária que muitos encontros entre trabalhadores e empreiteiros acontecem, tanto para os que antes de chegar já estabelecem contato com esses agenciadores - e assim chegam com trabalho garantido - quanto para os que lançam a sorte para quando chegarem. Muitos trabalhadores que chegam “por conta” ou vêm pela primeira vez têm conhecimento do trabalho na maçã pelo “boca a boca” das veredas deste país.

A rodoviária é o ponto de chegada desses avulsos, que vêm **por conta**, não têm profissão, digamos que **vêm se aventurar**. Esse é o perfil daqueles que ficam na rodoviária. Aí os empreiteiros vão lá e fazem o recrutamento que é mais barato. Tem 50-60 na rodoviária, vai lá é mais prático, não precisa ir lá na cidade deles. Nessa época do ano fica essa paisagem humana. Até ônibus clandestinos largam pessoas ali, esse ano não tivemos nenhum caso, mas ano passado dois ônibus clandestinos largaram pessoas ali, até em condições desumanas. Felizmente as empresas - por força da lei - tendem a retornar os que eles trazem, mas sempre acaba ficando gente que vem de forma espontânea (FUNCIONÁRIO PÚBLICO B, 2019, grifos nossos).

Teoricamente, o trabalhador teria o direito de receber o pagamento da passagem de volta, seja para onde for seu local de origem, direito este estabelecido pelas Convenções Coletivas de Trabalho (CCT). As CCT consistem num acordo jurídico entre sindicatos de trabalhadores e empresas que determinam obrigações e direitos trabalhistas - nos âmbitos econômicos e sociais - para determinado período de tempo. No entanto, por desconhecerem parcialmente esses direitos, muitos acabam desembolsando do próprio salário para comprar suas passagens. Conhecendo tais dinâmicas, os empreiteiros

também circulam pela rodoviária em busca de trabalhadores que chegam “avulsos” e, dependendo das condições, já saem de lá com uma turma para o trabalho no pomar. Ao conversar com um empreiteiro ele comentou que de uns anos para cá preferiu contratar somente os que vêm “por conta”, já que não precisa se responsabilizar em buscar e levar estes trabalhadores:

Eu então resolvi não ir mais buscar gente, tô pegando por conta, os caras me ligam da Bahia, do Maranhão, de Brasília. Meu telefone tá por todo Brasil. Aí eles vêm pra cá, eles mesmo pagam passagem e eu busco na rodoviária (EMPREITEIRO B, 2019).

Quando os trabalhadores são recrutados em seus locais de origem formam-se turmas com ônibus fretado e nelas há os que “não falham uma”, ou seja, os que todos os anos vêm para a colheita, assim como os “navegantes de primeira viagem” que pela primeira vez adquirem a experiência do trabalho na colheita. Cabe ao empreiteiro percorrer os povoados e interiores e “dar a notícia”, seja formalmente, através da divulgação pelo Sistema Nacional de Emprego (SINE) de cada município, ou mesmo no boca a boca - nos botecos, pela rádio local – anunciando a quantidade de vagas disponíveis para o trabalho na safra. É o empreiteiro que, num primeiro momento, já faz um “filtro” pelo fato de conhecer grande parte dos trabalhadores, dando preferência para aqueles que nos anos anteriores cumpriram com o prazo e se comportaram como “bons” trabalhadores.

Também conhecidos por “gatos”, os empreiteiros passam por uma espécie de metamorfose para atuar como “agenciadores”, no sentido de regulamentar e reconhecer a legalidade de suas atuações, amparada pelas empresas contratantes. Ressalto aqui que as empresas, pelo fato de incumbirem à figura do empreiteiro o agenciamento, acabam também abdicando de certas responsabilidades, que são deslocadas para os empreiteiros, embora as contratantes legais sejam as próprias empresas. No sentido da especialização, a “terceirização” de serviços - como no caso do agenciamento da mão de obra - as empresas focam em seu produto ou atividade principal, de modo a externalizar certas atividades (DA ROCHA; ECKERT, 2015).

Normalmente os empreiteiros são atores que possuem uma trajetória de trabalho na área rural e que, muitas vezes, iniciaram o trabalho na maçã através da colheita e que, por uma “visão empreendedora” ou por estratégias de ascensão social construídas e amparadas pela disposição de capital econômico e cultural,

obtiveram uma diferenciação que os coloca hierarquicamente ocupando camadas “superiores”. Segundo Silva (1998, p. 209), a figura do empreiteiro “auto-representa-se como um ótimo trabalhador que fez sacrifícios, que economizou e que ‘subiu’ na vida, graças ao trabalho árduo e honesto”. Desse modo, ele assume uma identidade permeada de ambiguidades, constituindo-se, ao mesmo tempo, em braço direito dos trabalhadores, batalhando por melhorias e estando presente para auxiliar na resolução de possíveis conflitos, mas também deve agradecer a empresa com o trabalho executado pelas turmas de trabalhadores recrutados. Portanto, o estar entre trabalhadores e patrões é constituinte de sua posição, conduta e construção de sua própria identidade.

Com o atraso do início da safra de 2019 em duas semanas - planejada para iniciar na última semana de janeiro - devido a questões climáticas, foi possível estar em campo antes mesmo do início da colheita e acompanhar as mudanças dos fluxos com a chegada dos trabalhadores e as “novas caras” que o município como um todo ia adquirindo. O cheiro gerado pela fermentação do líquido escorrido das maçãs para indústria¹ transportadas pelos caminhões nas ruas e rodovias, assim como o aumento da movimentação de caminhões transportando as maçãs colhidas para armazenamento ou comercialização e as constantes chegadas e saídas de ônibus são perceptíveis e assim, anunciam o início da safra. Segundo a empresa Penha, durante a safra, passa de uma para duas as linhas diárias do trecho interestadual entre São Paulo e Vacaria, o que demonstra também as longas distâncias percorridas pelos trabalhadores.

¹ Grosso modo, as maçãs recebem quatro classificações baseadas principalmente em características de tamanho (quanto maior, mais valorizada), cor (tendem a ser mais valorizadas frutos com casca vermelha) e integridade (não possuir danos mecânicos ou manchas causadas por distúrbios fisiológicos como a escaldadura superficial, Bitter Pit e Russeting). Portanto, variam da mais valorizada a menos na seguinte ordem: Extra/Premium; Categoria 1; Categoria 2; Categoria 3 e a indústria, utilizada apenas para elaboração de vinagre, xaropes e outras bebidas (Figura 1).

Figura 1 - Representação da classificação das maçãs por categorias



Categoria "Premium"



Categoria 1 (Cat 1)



Categoria 2 (Cat 2)

Fonte: [RASIP](#) (2020)



Categoria 3 (Cat 3)

Colocada por alguns moradores do município enquanto um lugar "perigoso" por juntar "maus elementos" e drogadição, assim é concebida a imagem da rodoviária em horários noturnos durante a safra. Foram diversas as vezes nas quais fui à rodoviária para observar as situações que se desdobravam a partir de encontros com trabalhadores. Localizada no bairro Petrópolis, zona periférica da cidade, a rodoviária possui uma ampla área construída e é composta por quatro lados, onde na parte frontal está a entrada principal que dá acesso aos guichês para compra de passagens; em dois dos lados ocorre a chegada dos ônibus para embarque e desembarque de passageiros; e o quarto estava no momento desativado, pelo fato de um tornado ter ocasionado danos à cobertura e naquele momento estar em reformas. Este lado vem sendo ocupado por pessoas que, em situação de vulnerabilidade social, utilizam as marquises como seus abrigos para dormir ou passar a noite (Figura 2).

Figura 2 - Marquises da rodoviária de Vacaria que servem de abrigo para moradores em situação de rua



Fonte: Fedrizzi (2019), com bases nos dados coletados para a pesquisa.

No seu entorno funcionam diversos estabelecimentos como bares e restaurantes que atendem a alta demanda de trabalhadores durante a safra. Além destes, no entorno da rodoviária, mas discretamente dispostos estão algumas casas de prostituição e cabarés que atraem prostitutas de municípios vizinhos que também se deslocam temporariamente pelo grande movimento de trabalhadores homens durante o período da safra. É principalmente no início de cada mês, período que coincide com o recebimento dos salários, que a prostituição aumenta. Neste período, segundo os trabalhadores, se está de “bolso cheio” com os cheques em mãos, demonstrando a importância da maçã na movimentação e estímulo de diversos setores e atividades “informais” da economia, montante que de fato permanece aplicado na região.

Conversando com alguns taxistas no ponto de táxi em frente à rodoviária, os mesmos comentaram que uma das melhores épocas de trabalho para eles é justamente durante a safra da maçã: “Tem trabalhador que chega na rodoviária sem conhecer a cidade e pega táxi para ir até o pomar. Levo muitos trabalhadores nos pomares, é uma boa época para nós taxistas”. Embora os mesmos denotem uma visão negativa pela chegada destes “estranhos”, contraditoriamente têm parte

de seus ganhos sobre a figura desses “indesejados”. Assim como os taxistas, o proprietário de uma lancheria localizada num estabelecimento anexo à rodoviária também comenta que “a melhor época é durante a safra. São os trabalhadores que vem de fora que consomem mais aqui”.

Numa outra ocasião amarrei minha bicicleta num poste e me sentei numa mureta próxima de dois rapazes que portavam grandes malas e sacolas e que, naquele momento, conversavam sobre a qualidade da fruta na safra atual. Fiquei a observar quando um deles se despediu do outro e entrou num carro que apenas havia estacionado - que em seguida descobri que se tratava do empreiteiro - e neste momento aproveitei para perguntar: “Chegando ou partindo?” e num ar animado me respondeu: “Chegando!” e seguiu contando a sua trajetória até chegar na colheita da maçã. Vindo de Uruguaiana pela sétima vez para trabalhar na maçã, me disse que é possível arrecadar uma quantidade de dinheiro: “Sabe como é, dá pra tirar um salário bom, mas tem que baixar a cabeça e trabalhar, fazer a sua”. Sobre a rodoviária comentou que havia passado a noite por ali, mas a presença dos “Insetos”² não permitia que dormisse bem, ficando sempre atento aos movimentos estranhos, situação pela qual muitos trabalhadores evitam ter que dormir no local.

Nesse meio tempo chegou outro rapaz que carregava uma expressão de tristeza que, pelo sotaque, dava a pensar que fosse da região nordeste. De fato era, e se apresentou como sendo proveniente do interior do Rio Grande do Norte. Após ter trabalhado durante 20 dias num pomar de maçã resolveu “pedir as contas”, pois não estava mais tolerando a turma que estava no dormitório, ressaltando que: “Drogas, bebida e barulho: ai fica ruim sabe? Tenho 22 anos de vida na rua, isso não vai ser um problema para mim”. Os que estavam na volta - inclusive o rapaz de Uruguaiana - tentaram incentivá-lo dizendo que um novo emprego iria em breve aparecer.

Justamente por esses embates sociais que giram em torno da rodoviária, o fechamento durante os dias de semana se dá às 01h00min da manhã e nos finais de semana às 21:00, fazendo com que os trabalhadores que chegam entre estes horários permaneçam nas redondezas até o dia seguinte, aguardando a chegada

² São chamados de “Insetos” as pessoas que vagueiam e sussurram ao redor da rodoviária pedindo esmolas. São colocados por eles como sendo usuários de crack e que em suas alucinações tentam furtar objetos dos trabalhadores que por ali passam a noite.

dos empreiteiros que os levarão aos pomares ou alguma outra forma de transporte da própria empresa como ônibus e vans. Segundo a síndica responsável pela administração da rodoviária, o maior fluxo de chegadas e saídas se dá nos finais de semana, devido ao início do contrato ocorrer normalmente nas segundas-feiras.

Sem o intuito de esgotar as situações presenciadas nesse ambiente, reflexo de um município que recebe milhares de trabalhadores de distintas origens num breve período de tempo, o que busquei foi trazer elementos que pudessem evidenciar as externalidades conjugadas e observadas em questão de breves passagens e observações pelo local. A partir do momento em que determinados aspectos se naturalizam há uma tendência que sejam invisibilizadas problemáticas sociais que são, de fato, concernentes ao município, onde a rodoviária aparece como uma espécie de bastidor de inícios e fins de uma longa história que ainda está sendo escrita e não está como dada. Por fim, percebi como a rodoviária representa um local incitante para a observação de questões sociológicas relacionadas ao trabalho temporário, pelas idas e vindas, chegadas e partidas, encontros e desencontros. Representa, portanto, uma erupção de heterogeneidades, assimetrias e conexões entre pessoas e lugares. No próximo item, proponho ir de encontro aos espaços do cotidiano no pomar que tange às tarefas propriamente ditas da colheita da maçã, assim como as relações sociais estabelecidas nos intervalos de trabalho, levantando as primeiras pistas envolvendo relações de poder que serão tratadas no capítulo 5.

4.2 A GRAFIA DO “MUNDO DE DENTRO”: ILUSTRANDO O COTIDIANO E AS TRAJETÓRIAS DOS TRABALHADORES

Ilustração 2 - Diversidade no cotidiano



“Sob o cotidiano, desvelam o inexplicável. Que tudo que seja dito ser habitual cause inquietação. Na regra é preciso descobrir o abuso, e sempre que o abuso for encontrado, é preciso encontrar o remédio” (Bertolt Brecht).

Para visualizar e, dentro do possível, compreender o funcionamento dos espaços antes de aprofundar sobre as relações tratadas, busco situar o leitor no cotidiano de trabalho dos pomares. Para tal, além desta parte escrita, realizei o esforço de trazer neste tópico um pequeno registro audiovisual³, com o intuito de retratar o cotidiano e as relações de trabalho no vivenciado. Para aterrisar e ambientalizar os leitores busquei confrontá-los com a realidade narrada pelos próprios interlocutores, com entrevistas que contam suas trajetórias, dificuldades e anseios, entre a busca de um trabalho temporário, o fato de “estar no trecho” e os objetivos e aspirações de vida traçados.

No “mundo de dentro” é “maçã hoje, maçã ao meio dia, maçã de noite, assunto maçã, no outro dia também maçã. Aquilo deixa as pessoas meio piradas”. Nessa rotina relatada pelo antigo responsável pelas fiscalizações do Ministério Público do Trabalho (MPT) em Vacaria, os trabalhadores tentam manter uma sanidade física e mental por alguns “escapes”, criando espaços de intercâmbios sociais em que “a vida cotidiana assume significados e sentidos para além das condições espoliativas de trabalho e moradia” (MENEZES, 2002, p. 157). Jogar futebol, ouvir rádio, olhar televisão, tomar chimarrão e cortar o cabelo são algumas das atividades que proporcionam estes espaços de trocas, distração e interação na reinvenção de um mosaico de distintas realidades que são retratadas no último capítulo do trabalho.

Embora as temperaturas médias em Vacaria sejam relativamente amenas nas primeiras horas da manhã e nos finais da tarde, mesmo durante o verão, ao passar do dia os termômetros ultrapassam os trinta graus com o “sol a pino” com sensação térmica superior, motivo pelo qual o dia para o trabalhador começa cedo. Entre quatro e cinco horas da manhã os rádios já são ligados a todo volume dentro dos alojamentos, dificultando àqueles que queiram permanecer dormindo por mais tempo. A partir das 06h30min o café da manhã já está servido pela equipe que cuida do refeitório: café adoçado, leite e uma fatia de pão com mortadela e margarina é o cardápio diário para fornecer a energia para o trabalho pela manhã.

³ O material utilizado para compor o documentário foi obtido durante o trabalho de campo, totalizando mais de duas horas de registros que vieram a compor o vídeo com 25 minutos de duração.

A movimentação para aguardar o ônibus que os levará até a quadra⁴ onde está sendo feita a colheita já começa logo em seguida, com os trabalhadores portando seus equipamentos individuais: boné “tipo” árabe, copo retrátil e “bocó” (Ver prancha fotográfica 5, p. 142) utilizados na colheita e que, no término da safra, deverão ser devolvidos à empresa. Após a colheita no turno da manhã os trabalhadores retornam ao refeitório para almoçar. Para isso existe uma escala de horários de quinze em quinze minutos na chegada entre as turmas, de modo a evitar grandes filas e possibilitar que todos possam ter a refeição. Durante o almoço eram constantes os convites para que eu me sentasse com os monitores e gerentes dos pomares, demonstrando aspectos hierárquicos de separação - inclusive espacial - dos demais trabalhadores. Questões de tratamento diferenciado entre trabalhadores e gerentes, sendo os primeiros responsáveis por lavar seus pratos e talheres enquanto os segundos abdicam dessa tarefa que cabe a um terceiro - provavelmente a encarregada da limpeza do refeitório.

Após o almoço há um período para descanso antes de retornar para a colheita da tarde, onde alguns preferem cochilar nos beliches dos alojamentos enquanto outros buscam alguma sombra embaixo de alguma árvore. O sistema de alojamentos é formado por um complexo de edificações, normalmente construídos em tijolos, incluindo dormitórios, refeitório, banheiros, tanques de lavagem e o campo de futebol no entorno. O total de dormitórios no complexo varia de 10 a 20, que normalmente comporta 10 trabalhadores por dormitório disposto em 5 beliches cada. Os mais preparados chegam a trazer junto na bagagem ou mesmo fazer uma “vaquinha” para comprar televisões que são um dos principais agentes de interação social entre os trabalhadores, recebendo inclusive trabalhadores de outros dormitórios para assistir a jogos de futebol ou novelas, por exemplo. Além da televisão, potentes equipamentos de som são ligados, animando, por uma ecleticidade de gêneros musicais, os momentos de folga. Embora exista uma pessoa responsável pela limpeza geral, o “grosso” para a manutenção do dormitório deve ser feito pelos próprios trabalhadores que se dividem na tarefa que acaba por gerar desavenças pelo fato de alguns não cumprirem ou não auxiliarem para manter a limpeza.

⁴ A área dos pomares costuma ser dividida em glebas numeradas que variam em tamanho da área com o objetivo, dentre outros, de organização e controle da produtividade, assim como de estabelecer a conformidade dos períodos de carência pelas aplicações de agrotóxico, questão restritiva principalmente para exportações a países da comunidade europeia.

Após o horário de almoço e logo pela primeira hora da tarde os trabalhadores se encaminham para a quadra da colheita onde permanecem até aproximadamente 17h30min, quando retornam para os alojamentos, momento em que se distribuem para lavar roupas, buscar sinal de telefone no alto das coxilhas para se comunicar com familiares, jogar futebol ou mesmo tomar banho, antes do horário do jantar que inicia às 19h. Os banheiros e chuveiros se localizam no mesmo complexo dos dormitórios e o número varia de acordo com a quantidade de trabalhadores. Segundo o acordo coletivo firmado no ano de 2002 entre o Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais de Vacaria e 26 empresários e produtores rurais do ramo da fruticultura e mediados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), tratou-se de estabelecer adequações de algumas condições básicas referentes às estruturas dos alojamentos, dentre elas a proporção de banheiros e chuveiros existentes, sendo de um para cada vinte trabalhadores e de um para cada dez trabalhadores, respectivamente. Contudo, mesmo tendo sido firmados tais acordos, não significa que eles sejam cumpridos e fiscalizados. Por outro lado, uma gama enorme de certificados de conformidade ambiental e social é emitida buscando amparar e legitimar acessos a mercados internacionais.

Embora a busca por melhorias seja um processo constante, cabe destacar as mudanças ocorridas em relação às condições de estruturas disponibilizadas pelas empresas. Desde o início da introdução da fruticultura temperada em Vacaria até aproximadamente a metade dos anos 90 grande parte da mão de obra nos pomares provinha da própria região. No entanto, o aumento das áreas de plantio e consolidação dos pomares – inclusive pela escolha e aposta de determinadas variedades – modificaram o cenário demandando força de trabalho de outras regiões e fazendo com que as empresas adaptassem estruturas de alojamentos para receber os trabalhadores temporários. Segundo o Empreiteiro C, assentado do MST, as condições ao longo dos anos mudaram bastante:

Nós, quando começamos, era barraco. Na verdade, nós trazíamos o acampamento pra cá, no começo não tinha como a empresa fornecer, na época era pequena e pegava gente da cidade, não precisava ter alojamento nos pomares. Até os alojamentos surgiram por causa do pessoal nosso, aí começaram a fazer com toda infraestrutura de banheiros, de cozinha, de quartos para em média 8 pessoas, alojamento para casais. Isso surgiu porque a empresa sentiu a necessidade das nossas famílias. Nós vínhamos do acampamento, trazia as lonas e montava os barracos até 1996. Mas barbaridade era difícil! Nós trazíamos o fogãozinho, fazia comida. Tomava banho na sanga, frio no inverno, era

muito difícil. Hoje não, tem uma estrutura de alojamento para cada 12 pessoas um chuveiro, para cada 10 pessoas um vaso, um quarto para 10 pessoas (EMPREITEIRO C, 2019).

Embora não seja o foco da pesquisa, cabe destacar o protagonismo do Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais de Vacaria como entidade representante da classe trabalhadora que através de Termos de Ajuste de Conduta (TAC), acordos e normas - dentre elas a principal referência a nível nacional que é a Norma Regulamentadora (NR) 31⁵ - institucionalizaram as reivindicações trabalhistas que se mostram presentes até hoje em grande parte dos pomares, o que não significa que sejam cumpridas, visto a redução do contingente de fiscais trabalhistas que atuam nas vistorias de campo. Criou-se, assim, o seguinte paradoxo: a regulamentação das relações de trabalho perante leis e normas provê as condições para o seu descumprimento (SILVA, 1998).

4.3 DOCUMENTANDO PELO VÍDEO

Este subitem é composto por um documentário elaborado como parte integrante da dissertação, com 25 minutos de duração, e está disponível para acesso na plataforma online pelo seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=qD4SF4p5sFM&feature=youtu.be>.

⁵ A Norma Regulamentadora 31 estabelece os preceitos e responsabilidades sobre as questões de saúde e segurança do trabalhador na agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura nos ambientes de trabalho.

5 POMARES: ESPAÇOS DE PODER, HIERARQUIAS E ASSIMETRIAS

“Sob a superfície, atrás de portas fechadas, e escondidas dentro da intimidade da vida cotidiana dos trabalhadores se descortina outra imagem” (PATRICK HARRIES, citado por MENEZES, 2002, p. 157).

Os pomares de maçã criam um microcosmo social cujos locais de trabalho, lazer e morada se mesclam numa espécie de “mundo de dentro”. Por mais passageiros que sejam, são quadros de vida que têm peso e influenciam na produção e formação do indivíduo, levando e trazendo consigo elementos de natureza culturalmente diversos (SANTOS, 1997). Refiro-me aqui às relações estabelecidas nos espaços englobados pelo “viver no pomar”, incluindo local de trabalho, alojamentos e refeitórios nos quais se estabelecem as diversas relações sociais dentre elas, as relações de poder. Neste capítulo pretendo, dentro do possível, enquanto analista, “olhar no miúdo”, sem o intuito de apontar o certo ou o errado, mas problematizar como se pode interpretar o funcionamento das relações vividas nestes ambientes do “mundo de dentro” para refletir criticamente sobre dadas situações, pois ao analisar as falas e comportamentos dos sujeitos, se está - redundantemente - interpretando interpretações.

O material de análise para tais reflexões diz respeito às entrevistas, fotografias, anotações das percepções no caderno de campo e participação no trabalho da colheita da maçã. A partir disso busco “estar afetado” pelas relações de poder e formas de resistência exercidas no cotidiano. Esses aspectos, sob a perspectiva foucaultiana do poder, permitirão perceber que, embora sejam teóricos e abstratos, se expressam na realidade concreta de modo que o que transparece não é simplesmente uma hierarquia constituída por determinados poderes, mas esses são colocados por dispositivos disciplinares que se inserem e se internalizam em práticas cotidianas como, por exemplo, as penalidades e as formas competitivas de disputas alimentadas.

Neste sentido, ao constatar que a oferta da mão de obra da região de Vacaria não é capaz de prover a demanda necessária da cadeia produtiva da maçã durante a colheita, alguns autores têm pontuado que a contratação dos trabalhadores migrantes, ou seja, os “de fora”, tem sido também uma forma de resposta de contraposição à organização dos trabalhadores (BAUD, 1992;

BREMAN, 1985 apud MENEZES, 2002). Por não possuírem vínculos com o local de destino, criam-se obstáculos no sentido de dificultar mínimas manifestações de resistências. No entanto, como pontua Foucault, onde há poder há possibilidades de formas de contornar e de resistir, não como um único epicentro ou núcleo isolado de:

[...] um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim resistências no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 91).

O poder se exerce somente sobre sujeitos livres, onde existem espaços de liberdade que permitem aos mesmos um campo de possibilidades de condutas, comportamentos e reações. Ao pensar-se num jogo mais complexo no qual poder e liberdade não se excluem, mas estabelecem um jogo de disputas em que cordas são puxadas tanto de um lado como de outro e a liberdade é condição para a existência de poder. O poder atua, então, sobre aqueles que possuem um campo de possibilidades, caso contrário, se estabelece uma tirania.

Para tratar a questão do poder Foucault sugere que as investigações sobre o tema andem menos no sentido de uma “teoria do poder” e mais na direção de uma “análise do poder”, visto que a explicação teórica do que seria poder levaria a um entendimento fixo e generalizado (FOUCAULT, 1988). Ele não se propõe a definir “O poder”, mas tratar a questão enquanto relações de poder como “[...] formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 2015, p. 10). O que Foucault propõe é conceber um entendimento do poder alternativo àquele que vem apenas de cima para baixo, enquanto leis de um sistema de poder soberano determinado e executado exclusivamente pelo estado, tratando-se da existência de uma rede de micropoderes articulados ao estado e que atravessam toda a estrutura social (DANNER, 2010). Se o estado é um aparato organizacional que exerce poder, ele não é a única forma de manifestação.

O poder disciplinar através das práticas disciplinares “[...] faz indivíduos; é a técnica específica de um poder que considera os indivíduos como objetos e

instrumentos do seu exercício [...]”, atuando com o foco sobre os seus corpos (FOUCAULT, 2004, p. 170). A capacidade de controle acirrado, exaustivo e contínuo sobre os corpos dos trabalhadores é justamente o que distingue o poder disciplinar das demais modalidades de poder, dispondo-se de uma correlação entre o potencial de sua utilidade na formatação da docilidade do indivíduo, tornando-o “[...] mais obediente ao torná-lo mais útil, e vice-versa” (FOUCAULT, 1999). Em termos econômicos se aperfeiçoa o aproveitamento do uso da força física e em termos de representação política os torna obedientes (DANNER, 2010). A disciplina, enquanto técnica basilar do poder, caracteriza-se principalmente pelo controle do tempo, organização do espaço e vigilância (MACHADO, 2015).

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído. Isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (FOUCAULT, 1999, p. 221).

A aplicação do poder disciplinar no controle do corpo ao modelar a construção do indivíduo cria também formas celulares de individualidade e imprime suas ordenações em determinados espaços que Foucault chama de “a arte das distribuições”. Tensionam-se e produzem-se tais individualidades separando - fisicamente - os espaços, por delimitações seja de paredes, cercas ou muros, encerrando ou diminuindo as atividades coletivas que promovam “vagabundagem”. As distribuições criam, por sua vez, funções específicas de ordem prática representadas pelas hierarquias estabelecidas, cada qual com seu poder de vigilância. No caso dos trabalhadores, são nomeados para determinado cargo ou função como: colhedor de escada, classificador de frutas, cancheiro, tratorista, monitor. Por fim, a arte das distribuições atribui uma unidade de ordenamento por classe, como o caso de alunos de uma sala de aula dispostos de acordo com suas idades, aproveitamento e comportamento, ou seja, se expõe estes indivíduos de modo que os mesmos se percebam hierarquizados (FOUCAULT, 1999; HOFFMAN, 2018).

5.1 DISPOSITIVOS DISCIPLINARES E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

Muitas vezes encravados em meio a quilômetros de fileiras de maçã, o sistema de alojamentos tem se colocado como um mecanismo de gerenciamento da mão de obra prontamente disponível, “útil” à execução de determinadas tarefas, dispondo do fato de estarem geograficamente localizados distantes dos centros urbanos, o que coloca qualquer deslocamento a espaços de distração, como bares e de entretenimento que estejam fora do pomar, de difícil acesso. Os alojamentos assim localizados internamente nos pomares apresentam algumas vantagens às empresas identificadas por seus gerentes e responsáveis (MENEZES, 2002):

- a) segurança em relação ao transporte: diferente dos trabalhadores “fichados¹” que residem na cidade e se deslocam diariamente aos pomares com os ônibus das empresas, as vezes percorrendo distâncias superiores a cinquenta quilômetros, os “alojados”, também conhecidos como “acampados”, deslocam-se normalmente por dentro das quadras do pomar, em distâncias muito menores e em estradas particulares dentro da área da empresa. Isso torna a mobilidade relativamente mais segura para os trabalhadores, visto que os acidentes envolvendo o transporte de trabalhadores são frequentes. Inclusive, no dia que me deslocava no transporte da empresa para o pomar pude presenciar um acidente de um ônibus que transportava trabalhadores com um caminhão na rodovia BR-116 que corta o município, minutos após o choque. Felizmente não houve feridos graves;
- b) custos de transporte: transportar os trabalhadores diariamente para suas residências em Vacaria pode se tornar mais custoso à empresa que ofertar passagem de ida e volta a trabalhadores de municípios localizados mais de quinhentos quilômetros distantes que fiquem alojados nos pomares das empresas. Isso acontece apenas e - somente

¹ Trabalhadores “fichados” são aqueles que estabelecem um contrato permanente de carteira assinada e trabalham nas diferentes tarefas ao longo do ano no pomar. Normalmente são trabalhadores que residem na cidade de Vacaria e se deslocam diariamente para os pomares ou também residem dentro do próprio pomar em alojamento oferecido pela empresa, onde muitas vezes o homem é contratado trazendo o restante da família que passa a trabalhar também para a empresa como, por exemplo, as esposas trabalharem nos refeitórios e na limpeza e os filhos como monitores de turmas ou colhedores.

se - o trabalhador permanecer de trinta a quarenta dias consecutivos na colheita, o que, nas palavras dos responsáveis, “se pagam” os custos. No entanto, caso o trabalhador resolva retornar antes desse período a empresa fica no “prejuízo”;

- c) controle do absenteísmo: busca-se manter a frequência, evitando faltas e tentando assegurar a pontualidade dos trabalhadores, ou seja, a chance de fazer “corpo mole” e escusas de motivos de diversas ordens, como problemas de saúde ou atrasos no despertar. Aqui estão as condições de controle que o trabalhador que retorna para casa na cidade ao final do dia não sofre, embora sofra outros tipos de controle;
- d) disponibilidade permanente: por possuir carteira assinada como de “Serviços Gerais”, isso possibilita que o gerente ou mesmo o empreiteiro direcione o trabalhador para executar diversos tipos de serviços, para além da colheita ou do trabalho no pomar. Um exemplo disso é o de um empreiteiro que “pegou” três trabalhadores para abater uma vaca que seria consumida nos refeitórios por eles gerenciados. Numa outra situação o mesmo empreiteiro recrutou mais três trabalhadores para ajudá-lo a colher e processar a uva para fazer o vinho para o próprio consumo. Portanto, o sistema de alojamentos dentro do pomar permite que se obtenham níveis ótimos de produção, buscando reduzir os custos da força de trabalho, disponibilizando-a nas diversas horas do dia.

A justificativa da segurança no transporte perpassa a raiz da questão, no que diz respeito às responsabilidades legais concernentes à empresa pela segurança do trabalhador, ou seja, aumentando as possibilidades de processos trabalhistas abertos pelos trabalhadores contra a empresa no caso de acidentes. Sob uma perspectiva foucaultiana, a ideia de segurança faz parte de estratégias de uma biopolítica que, ao mesmo tempo em que “cuida” da população de trabalhadores, através do poder público ou privado, exerce o controle sobre os corpos. Neste sentido, cabe refletir sobre como é a vida desses trabalhadores nas horas de descanso nos alojamentos? Que regras e condutas lhes são impostas nesses espaços? O que, de fato, se observa é que a segurança dos trabalhadores é, na verdade, segurança para a própria empresa que se previne contra ações

trabalhistas na justiça e que permite ser analisada como uma estratégia de manutenção e fortalecimento do poder.

As tipologias disciplinares como o panóptico analisado por Bentham e descritas por Foucault se colocam como um dispositivo de vigilância adotado inicialmente em algumas prisões, constituindo a configuração arquitetural dessa composição, induzindo nos detentos à sensação de constante visibilidade e estruturando seus próprios comportamentos (HOFFMAN, 2018):

O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar os presos [...] Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível [...] A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 1999, p. 223).

Embora o sistema do panóptico tenha sido explicado originalmente pelo exemplo arquitetural da aplicação disciplinar, coloca-se enquanto um modelo generalizável numa espécie de “laboratório do poder”, aplicável para pensar outras relações de poder no cotidiano dos trabalhadores onde o panóptico é, com ressalvas às modificações necessárias, “aplicável a todos os estabelecimentos onde, nos limites de um espaço que não é muito extenso, é preciso manter sob vigilância certo número de pessoas” (FOUCAULT, 1999, p. 229).

No encontro de indivíduos provenientes de diferentes origens e culturas neste “mundo de dentro” cria-se a necessidade de manter o controle e a disciplina, dispondo-os numa arquitetura organizacional de vigilância constante. Visualiza-se nesses ambientes a aplicação do que Foucault trabalhou no sistema panóptico, onde numa “multiplicidade de indivíduos a que se deve impor uma tarefa ou um comportamento, o esquema panóptico poderá ser utilizado” (FOUCAULT, 1999, p. 229).

Os alojamentos nos pomares são dispostos em quartos que variam de 8 a 50 camas colocadas em beliches e que estão sob responsabilidade de um “chefe”, um supervisor que fica alojado no mesmo espaço. Assim, sabe-se de sua presença circulando e vigiando as movimentações dos trabalhadores, de modo a

“neutralizar os efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la: agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluíus — tudo o que pode se originar das conjunções horizontais” (FOUCAULT, 1999, p. 242). O autor também sugere que a arquitetura por si isolada não é capaz de tornar a visibilidade constante, necessitando de uma rede hierárquica no grupo dos indivíduos, a exemplo do supervisor:

O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. Se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um ‘chefe’, é o aparelho inteiro que produz ‘poder’ e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente ‘discreto’ pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 1999, p. 202).

Cabe, ao então responsável pela supervisão, advertir qualquer ação que ultrapasse as normas estabelecidas nos alojamentos bem como acompanhar os trabalhadores que estão sendo demitidos na retirada de seus pertences do alojamento, numa “vigia” para garantir que o mesmo não pegue pertences de outros trabalhadores. Conforme relatado por Menezes (2002), esse supervisor é “uma espécie de um guarda do alojamento, ele não supervisiona os trabalhadores no campo” ficando esta função aos monitores de turma. Além do supervisor, alguns dos empreiteiros trabalham e ficam alojados juntamente com os trabalhadores, por vezes em quartos individuais com algumas regalias onde os mesmos possuem também autoridade para alertar sobre possíveis desvios de conduta.

De acordo com as normas da maioria dos pomares, fica proibido o consumo de bebidas alcoólicas, drogas, entrada de mulheres ou pessoas estranhas nos alojamentos, jogos que envolvam apostas e se estabelece o horário de silêncio para às 22h30min nas dependências dos alojamentos. São questões que teoricamente deveriam ser cumpridas, no entanto, em minhas vivências e estadias nos alojamentos pude visualizar todos os pontos acima citados, numa espécie de “zona de manobra” onde embora existam formas de estabelecer o controle e disciplina, existem práticas microbianas, invisíveis, rizomáticas, difusas

de pequenas resistências que as contornam (DELEUZE; GUATTARI, 1995; MENEZES, 2002).

Alguns autores citados no trabalho de Menezes (2002), assim como ela própria, problematizam o fato de tratar os alojamentos enquanto “instituição total” que controla a existência produtiva e pessoal dos trabalhadores, mas que buscam trazer uma perspectiva para além da residência disciplinar, que são, inclusive, espaços construídos para organização de pautas concernentes aos próprios trabalhadores (LOPES, 1978; MOODIE, 1983; MORONEY, 1978; SITAS, 1985 apud MENEZES, 2002). No caso dos trabalhadores pertencentes às frentes de trabalho do MST, que desde o início dos anos 90 iniciaram de forma organizada uma cooperativa de trabalhadores para a colheita da maçã e que, no mesmo período lutavam para serem assentados, utilizavam os espaços do alojamento para realizar reuniões do próprio Movimento nos momentos de folga, criando “zonas de manobra” que permitiam interações entre acampados em diferentes regiões do estado:

Aqui no alojamento se juntava o povo pra conversar sobre as áreas que o INCRA estava comprando, que tava pra sair, agora terminou tudo não sai mais nada. Tinha reunião de grupo nos domingos. Por exemplo, o cara tava acampado, trabalhando aqui na maçã e concorrendo ao lote lá (TRABALHADOR O, 2019).

Também existem situações nas quais os trabalhadores se mobilizam individualmente ou em grupos para reivindicar questões que dizem respeito a melhorias das estruturas de banheiro, alojamento ou alimentação, bem como por questões trabalhistas e de pagamento e que constroem esses enfrentamentos com as “armas” possíveis. Os “cabeças de greve” - como são conhecidos - são discretamente os responsáveis por movimentar e organizar os trabalhadores e, de fato, “encabeçar” possíveis movimentos reivindicatórios por vezes de forma espontânea, outras já planejadas, sendo assim os mais visados pelos responsáveis das empresas.

Deste modo, são os que probabilisticamente têm maiores chances de ficar com os nomes “sujos” já que são os mais visados na linha de frente para sofrer as consequências punitivas. Conversando com o trabalhador pernambucano que havia trabalhado na colheita da cana-de-açúcar no sudeste por diversas safras, comentou que assumir frentes de resistências gera restrições: “Já tenho o meu nome marcado em três empresas que não me contratam mais. Por isso prefiro

não falar”, destaca. A contextualização feita pelo trabalhador migrante refere-se a casos ocorridos na região sudeste pelo trabalho na cana-de-açúcar e carrega o imaginário dessas aflições e medos que influenciam nas formas de manifestar suas inconformidades. Sejam ou não aplicadas à realidade de Vacaria, o importante de reter da situação acima é que tais narrativas estão incorporadas à imagem que os trabalhadores possuem em relação às suas possíveis barreiras nas formas de resistências possíveis, influenciando nas interações destes com a empresa. Ocorrem, de fato, silenciamentos nas tentativas de expor opiniões referentes a melhorias que são impregnadas de memórias vividas, tanto no presente quanto no passado (MENEZES, 2002).

Embora existam tentativas, as manifestações por inconformidades existem e muitas vezes, após não serem escutadas as reivindicações no diálogo, são pronunciadas por ações concretas e diretas demonstrações de resistência frente aos não cumprimentos por parte das empresas. As questões envolvendo discordâncias nos pagamentos são as mais comuns e passíveis de discussões e, conforme relatado por Motta (2018) no contexto dos trabalhadores indígenas em Vacaria, no momento do pagamento, descontentes pelo fato do valor não coincidir com o combinado, os trabalhadores ameaçaram o proprietário organizando uma rebelião com tratores da própria empresa. De encontro à situação relatada, segundo trabalhadores, durante a safra de 2019 após tentativas de diálogos referentes a busca de melhorias nas estruturas de banheiros que, segundo os mesmos estavam com os vasos entupidos e chuveiros elétricos queimados, foi organizada uma pequena revolta, destruindo privadas e chuveiros como forma de reivindicar o básico para atender as necessidades mínimas estruturais que influenciam no bem-estar desses trabalhadores. Segundo o relato do trabalhador:

É muita coisa errada aqui na fazenda. Eu tô me pondo em risco aqui falando disso aqui. Pode ser que eu nunca mais volte a trabalhar aqui ou em qualquer outra fazenda, mas aqui o negócio é meio pesado. É falta de água, é banheiro irregular. O que agente queria seria melhoria. Para se ter uma ideia, os chuveiros que tem aqui foram feitos por vaquinha dos trabalhadores. Existem umas placas solares ali em cima do telhado que não funcionam. O banho às vezes é gelado, banho frio, porque não funcionam aquelas placas solares. [...] Ontem, por exemplo, eu estava lavando duas peças de roupa, que seria minha roupa de trabalho, a água acabou e a água é puxada de um corregozinho que tem aqui. Então isso aí que deveria ser repensado. Não sei se o dono ou gerente da fazenda sabem dessas coisas ou se sabe porque motivo não ajudam o trabalhador porque trabalhador também tá aqui, não só pra trabalhar, pra se esforçar. Trabalhador tá aqui também pra ter uma melhora (TRABALHADOR M, 2019).

As tentativas ou mesmo os desvios cometidos por esses corpos perante o universo vigilante e normativo colocado são julgados pelo sistema disciplinador de modo a determinar ações punitivas aos que tentam contornar a ordem estabelecida numa espécie de “pequeno mecanismo penal” (FOUCAULT, 1999). Percebe-se o receio pelo relato do trabalhador acima, que está se “pondo em risco” ou quando preferem “não falar sobre”, ao retratar as condições no ambiente de trabalho. No caso dos pomares, desde pequenas penalizações para desvios “leves” até expulsões por infrações mais graves, levando trabalhadores a serem demitidos por justa causa, são estabelecidas e aplicadas. Um trabalhador jovem que havia saído por dois dias do alojamento sem aviso prévio, ao retornar foi recebido com a notícia de sua demissão dada diretamente pelo empreiteiro responsável da turma:

Pessoal como vocês eu não quero aqui dentro. Aqui não adianta mais vir procurar emprego que não trabalham mais aqui nesta empresa. Quando é pra pedir emprego vocês vem que nem uns ‘cordeirinhos’. Agora quando agente precisa, vocês nos deixam na mão. (EMPREITEIRO B, 2019).

As “micropenalidades” se referem, principalmente, às pequenas punições que envolvem questões: do tempo, como a assiduidade e regularidade no trabalho, pelas faltas e atrasos; da atividade de trabalho realizada, como colher maçãs com danos por batida ou fora do padrão estabelecido; pela maneira como se comportam, demonstrando desobediência ou agindo com violência, com discursos de reclamação ou de tentativas de reivindicação por melhorias. É justamente pela função punitiva que o exercício do poder pode ir da advertência à demissão, ação que funciona como um mecanismo disciplinar ajustador de condutas. Segundo Foucault:

Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1999; p. 203).

Ao serem estabelecidas normas, são definidos horários de acordo com cada empresa que definirá o cronograma, prevenindo brechas de ociosidade pela

delimitação cronometrada das atividades e o cotidiano do “mundo de dentro” como um todo (FOUCAULT, 1999). Parte das empresas tem adotado o “bater ponto” como ferramenta de controle dos horários, inclusive de proteção a questões trabalhistas, servindo de testemunha e prova em casos de alegação por trabalho extra.

Questões referentes aos atrasos são comuns. Caso o trabalhador não for assíduo para com os horários como do almoço, por exemplo, poderá inclusive perder a refeição. Em casos de atraso no momento de tomar o ônibus dos alojamentos para o pomar é feita uma advertência verbal e em caso de tornar a se repetir com frequência são tomadas as devidas atitudes pelos responsáveis. Da mesma maneira, frequentemente os trabalhadores necessitam ir até a cidade durante o horário comercial para resolver questões pessoais, tais como atendimento nos bancos, o que demanda que ao menos em um turno seja dado o tempo necessário para o deslocamento pela distância dos pomares e a restrição dos horários de ônibus. Caso ultrapasse o período de um turno, o trabalhador deve prestar as devidas justificativas, quando não suficientes são atribuídos “ganchos”.

Os “ganchos²” consistem em medidas punitivas frequentes e o trabalhador fica sem poder exercer sua atividade - dependendo do caso – por até três dias e, conseqüentemente, sem receber pagamento, permanecendo muitas vezes injuriado, sem muito o que fazer e esperando o tempo passar. Embora sejam castigos disciplinares com função de reduzir os desvios, essencialmente corretivos (FOUCAULT, 1999) para que não voltem a acontecer, para a empresa não é economicamente vantajoso manter o trabalhador parado, num período altamente demandante de mão de obra, mas segundo um dos gerentes tais punições são “necessárias para manter a disciplina, servir de exemplo”.

A continuidade ou retorno desses trabalhadores para o trabalho no pomar de determinada empresa nas safras seguintes depende, assim, de seus comportamentos observados, se os mesmos se portam como “bons” trabalhadores. Enquanto forma de controlar e evitar trabalhadores de má conduta

² Os “ganchos” consistem em dispositivos disciplinares já retratados por autores como Silva (1998) e Menezes (2002) e aplicados aos trabalhadores no contexto do trabalho da cana-de-açúcar nas regiões sudeste e nordeste. Trata-se de uma suspensão aplicada pelo não cumprimento ou desvio disciplinar em questões como desrespeito, atraso, brigas e “encencas”, ficando sem poder trabalhar e, conseqüentemente, sem ser remunerado. Dependendo da frequência dos “ganchos” o trabalhador pode ser demitido.

são elaboradas as “listas negras”, seja pela empresa, seja pelo empreiteiro, ou mesmo pela combinação de ambos, com a relação dos nomes que tendem a circular entre as empresas. Essa lista visa controlar e evitar que “maus” trabalhadores tornem a buscar trabalho nas empresas. O relato do trabalhador que pedia “as contas” por não estar satisfeito com a remuneração retrata a subjetividade e o imaginário construídos sobre a lista e marca uma espécie de perseguição por uma violência simbólica (SILVA, 1998):

Diz que quem pede a conta vai pra uma tal de **lista negra**, não sei se eu tô ou não tô nessa lista negra, mas ano que vem eu vou ligar pra cá. Se tiver oportunidade eu venho, mas se tiver na lista negra, deus abençoe. Ah não foi nenhum monitor que falou, mas o pessoal que fala, o peão que fala que se a gente agir errado aqui irmão, a gente vai pra uma lista negra. A lista negra interfere de você trabalhar ano que vem, se tiver nela, sem chance, molhou a tua caminhada. Não adianta, você pode vim lá do Maranhão, lá do rabo do Judas, mas não adianta se o seu nome tá restrito, entendeu? (TRABALHADOR K, 2019, grifos nossos).

Foucault aponta que a punição não passa de um sistema duplo de gratificação-sanção, ou seja, tornando a própria gratificação como ferramenta de poder estimulante e que deve ser preferida - e também aliada às punições em que “deve procurar tornar as recompensas mais frequentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos” (FOUCAULT, 1999, p. 205).

Na perspectiva dos próprios interlocutores é interessante relatar o sistema utilizado pelas empresas na classificação das turmas durante a colheita, separadas e colocadas pelo nome do monitor. Diariamente, durante a safra, são coladas nas paredes de acesso aos refeitórios tabelas intituladas “Ranking das turmas - Colheita 2019”, com a média de “bins” colhidos por trabalhador naquele dia, criando uma espécie de “competição saudável” entre as turmas. Embora as turmas do monitor que aparece em primeiro e a turma que aparece em décimo, por exemplo, ganhem o mesmo, o fato incita brincadeiras provocativas, onde a maior recompensa é ser reconhecido dentro da turma da primeira colocação. Quando conversava com um trabalhador sobre o que ele achava do ranking ele comentou que “é uma diversão no final do dia ver o ranking, assim a gente pode dar umas risadas dos colegas”. A alguns parece algo divertido, mas sabe-se que o efeito produzido é o incentivo à competição individual, característica dessa sociedade do controle e que tem adquirido centralidade nas instituições, tanto

privadas quanto públicas. Um atual empreiteiro que por muitos anos trabalhou colhendo maçãs destaca:

[...] eu lembro que eu dava o máximo trabalhando, tinha uma listinha onde batia o ponto com o nome dos melhores trabalhadores do dia. Eram 400 pessoas. O meu prazer era ver meu nome lá, me matava trabalhando e ganhava a mesma coisa que os outros. (EMPREITEIRO A, 2019).

Para além de funcionar como um mecanismo de estímulo, as tabelas permitem “[...] estabelecer uma quantificação e uma economia traduzida em números. Uma contabilidade penal, constantemente posta em dia, permite obter o balanço positivo de cada um” (FOUCAULT, 1999, p. 205). A empresa passa a avaliar “com verdade” e possui conhecimento e controle de quanto, de fato, rende e custa essa mão de obra e quanto deve ser colhido para abater os custos e estipular a margem de lucro, sabendo assim quais trabalhadores demitir quando necessário, sendo outro dispositivo disciplinar e classificador.

Para tratar questões referentes a quedas de rendimento, frutos com dano mecânico ou demais discordâncias e problemáticas são realizadas reuniões entre trabalhadores e monitores, que buscam resolver ou ressaltar a vigilância, conforme destacado por um monitor:

É que nem eu sempre digo: **macieira tem ouvido**. E por isso eu fico sabendo das coisas que acontecem aqui no pomar. E aqui na turma a gente tem o trabalhador papagaio: aquele que conversa demais e trabalha pouco. E vou até dizer em qual equipe: Equipe E. Conversa demais e age muito pouco, faz aquela fogueira, aquela correria, chega na hora e cadê o rapaz? Na turma tem também o trabalhador urubu, aquele que diz: “não adianta a gente fazer isso porque não dá certo, nunca veem as coisas certas, nunca pagam certo”. Esse é o urubu. E a águia pessoal? Tirando os papagaios e urubus, nós somos a águia. A águia voa longe, enxerga longe, e eu me espelho nela. (MONITOR B, 2019, grifos nossos).

Portanto, na construção do imaginário observante nas relações de trabalho, as próprias macieiras passam a controlar estes trabalhadores a partir do momento que se estabelece essa analogia de que elas “têm ouvidos” - ou mesmo olhos - e assim, sem saber realmente o que ou quem, os trabalhadores se percebem num sistema vigilante e disciplinar de controle das suas próprias ações, de um “olhar invisível” enraizado pelo panóptico que “deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem o olha” (MACHADO, 2015,

p. 17). Assim, os próprios trabalhadores passam a se controlar entre si, exercendo funções do próprio monitor e inclusive reivindicam ordem, Estabelece-se a vigília de Foucault, assim como o “punir” quando sucede como no caso abaixo, uma irregularidade de rendimento dentro da equipe:

O rendimento caiu bastante pessoal, para não acontecer o que já está acontecendo nas outras turmas que é a marcação de sacolas, eu prefiro fazer uma primeira conversa que assim pode ter um resultado positivo. A marcação é complicada por um lado, mas certo por outro. O tratorista vai ter mais trabalho para anotar as sacolas que cada um colhe, mas através disso que agente vai ver quem realmente está trabalhando e quem não está trabalhando. Eu estou vendo quem está na sombra e quem realmente está trabalhando. Aqui é uma turma boa e espero que não precise fazer a marcação de sacolas (MONITOR B, 2019).

Relembrando o já mencionado por Foucault, onde há poder também há espaço para manifestações de resistência onde alguns “contra-movimentos”, estratégias e artimanhas são contrastados. No que diz respeito ao espaço de trabalho, o convívio constante com as turmas e equipes demonstra distintos modos de contornar algumas exigências disciplinares exigidas e vigiadas por parte dos supervisores:

- a) *“Vamos caprichar agora no final do “bins”*: quando os frutos ainda não alcançaram a maturação de colheita eles permanecem com parte do epicarpo (casca) esverdeado. No entanto, no mesmo ramo que possui maçãs maduras existem também as verdes que acabam sendo colhidas de modo a “fazer render”, buscando obter melhores rendimentos que acarretarão em melhores remunerações. De modo a parecer que a seleção durante a colheita foi cuidadosamente realizada, quando se está por completar o “bins” colocam-se apenas frutos bastante avermelhadas, de calibre grande e sem danos mecânicos para quando o supervisor realizar o controle da qualidade dos frutos na colheita da equipe não serem advertidos;
- b) *“Se esconde”*: durante o trabalho de campo eu costumava, esporadicamente, trabalhar nas diversas tarefas da colheita, inclusive me manifestando como uma forma de retribuição ao tempo cedido pela equipe para entrevistas e conversas. Sendo assim, o total do somatório colhido é então dividido pelo número de colhedores na equipe, motivo pelo qual, na chegada dos supervisores, cochichavam para eu “me esconder” ou “fazer de conta” que estava realizando anotações no

caderno de campo e não trabalhando, de modo a obterem média superior e, conseqüentemente, maior remuneração;

- c) *“Levanta, levanta!”*: quando o acordo estabelecido é “por diária”, colhendo uma ou cem sacolas a remuneração é a mesma. Sendo assim, a jornada de trabalho costuma constantemente sofrer intervalos delimitados pelos próprios trabalhadores, seja para descanso, para fumar um cigarro, para tomar água ou simplesmente para conversar. Todavia, são paradas não autorizadas, onde os trabalhadores devem ficar sempre atentos à chegada do supervisor. Quando alguém avista a chegada do mesmo rapidamente cochicham: *“Levanta, levanta!”*.

As reflexões apresentadas demonstram um campo em disputa em que, na existência do poder, manifestam-se também estratégias de resistências, “micro lutas” que estabelecem táticas, individuais ou coletivas, que buscam contornar ou driblar as grades do poder. Além do mais, demonstra a heterogeneidade das relações sociais e seus agentes, numa trama de reversíveis, múltiplas e contraditórias relações de poder e resistências. O que se mostra é o que Foucault propõe analisar sob uma perspectiva genealógica, ou seja, não se pode compreender o poder da gerência no escritório sem entender como ele se manifesta nos alojamentos, nas glebas de colheita, “É a arqueologia deste poder que define a usina e a gestação dos princípios panópticos, bem como da recusa” (SILVA, 1998, p. 166).

5.2 “QUANDO A MAÇÃ É BOA TODO MUNDO GANHA MAIS”

“Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo - anos bons misturados com anos ruins (GRACILIANO RAMOS, 1938, p. 12).

Os trabalhadores que residem em Vacaria, por estarem em contato direto com a realidade produtiva, conhecem bem as possibilidades de oferta de emprego na produção de maçã. Por isso ficam “pipocando” de pomar em pomar quando não lhes agradam as condições e salários, já que na baixa oferta de emprego em outros setores, na maçã é “garantido”. Além do mais, dificilmente se encontrará alguma família que ao menos um dos integrantes não trabalhe ou já não tenha

trabalhado em alguma atividade envolvendo o sistema produtivo da maçã, seja na colheita propriamente dita ou o trabalho nos complexos de classificação e armazenamento conhecidos como *Packing Houses*³. Nessas dinâmicas de sair de uma empresa e ir para outra, e de outra para uma, oportunizam-se reencontros, visto que trabalhadores temporários estabelecem relações sociais - mesmo que passageiras - com outros trabalhadores que se cruzam durante a safra, seja na mesma empresa ou em empresas diferentes. Nessas intersecções o que percebi que mais norteia os diálogos entre os trabalhadores são as trajetórias por onde andaram esses viventes e o quanto estão recebendo na safra atual. Isso remonta a aspectos estratégicos, permitindo que os mesmos estabeleçam canais de comunicação informais e que se informem sobre possibilidades mais atraentes em outros pomares. No entanto, tudo depende da qualidade da maçã, conforme comenta um trabalhador:

Quando a maçã é boa todo mundo ganha mais. A firma ganha mais, o empreiteiro ganha mais e o trabalhador ganha mais. Agora quando a maçã tá ruim todo mundo ganha menos. Por mais que hoje o colhedor de maçã seja bem remunerado, tem que dar um ano muito ruim que nem esse pro cara ganhar um pouquinho menos. E o dinheiro é o maior incentivo pro colhedor, não vou dizer que é um dinheiro fácil, mas é fácil tu ganhar bem, é só tu querer, num dia tu tá treinado (EMPREITEIRO A, 2019, grifos nossos).

Agronomicamente, condições climáticas favoráveis aliadas a um bom manejo do pomar e boas condições fisiológicas da planta tendem a resultar numa boa produtividade. No entanto, existem alternâncias produtivas ao longo dos anos nas diversas culturas agrícolas, principalmente, no que diz respeito à fruticultura⁴. Numa safra excelente - com pomares que chegaram a produtividades jamais antes alcançadas ultrapassando 90 toneladas por hectare - como foi o caso de 2018, a planta utiliza e mobiliza suas reservas ao extremo, de modo que, nas safras seguintes, mesmo tendo as melhores condições climáticas e de manejo, não se alcançará a mesma produtividade até que as plantas reponham suas

³ Consiste num complexo onde são realizados todos os processos de beneficiamento, classificação e armazenamento das frutas em câmaras frias com atmosfera controlada e que permitirá o fornecimento de frutas ao longo de todo o ano para o mercado. Normalmente é a parte do sistema produtivo onde a demanda de trabalho é menos oscilante durante o ano todo e que grande parte deste trabalho é, de preferência, feminino devido às qualidades exigidas.

⁴ De acordo com alguns técnicos e proprietários de pomares, a alternância produtiva para a macieira ocorre a cada três anos, ou seja, quando em determinado ano se tem uma safra considerada boa, nos próximos três anos não se esperam grandes produtividades.

reservas. A referência ao “ruim” refere-se à baixa quantidade de frutas na planta ou uma grande quantidade de frutas, mas de pequeno calibre, que é preciso caminhar muito para encher o “bocó”, e que a colheita “não rende”. Segundo a Agapomi, a safra 2019 teve uma quebra de 9,92% na produtividade em comparação com a safra 2018, impactando diretamente no número de vagas abertas para o trabalho temporário, assim como o ganho obtido pelos trabalhadores.

Após um ano de safra excelente, o trabalhador cria expectativas de que, na próxima safra as condições de produtividade e, conseqüentemente, a remuneração serão da mesma forma. Acrescido a estas oscilações, um trabalhador que vem pela primeira vez trabalhar na colheita acredita ser capaz de colher mais que os demais trabalhadores mais experientes. É possível que ocorram tais situações, mas geralmente são exceções, conforme comenta o experiente empreiteiro sobre as frequentes frustrações:

Eles (*trabalhadores*) criam uma expectativa pelo que os outros falam. Geralmente a maior frustração é com os caras que falam que ganham bastante, aí ele fica olhando e acha que é melhor que aquele, chega lá e não faz tanto. Não é capaz de ganhar tanto igual ele imaginava (EMPREITEIRO A, 2019, grifos nossos).

Embora exista o piso salarial da categoria - cotado atualmente em R\$ 1.227 por mês, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Assalariados de Vacaria - as empresas “jogam” alguns acordos conforme as suas demandas e condições da safra. São estabelecidas, basicamente, três formas de pagamento: *por empreitada, por diária e mista*.

a) Por empreitada: esta modalidade é interessante - tanto para a empresa quanto para o trabalhador - quando existe uma boa quantidade de frutos para colheita, ou seja, quando a planta está “carregada” e com frutas de calibre grande, permitindo com que menos frutos encham os “bocós” mais rapidamente. Sendo assim, tende a ser acordada uma remuneração relacionada à produtividade de “bins” colhidos, quanto maior a colheita, maior a rentabilidade para os trabalhadores. Na safra 2019 observou-se a campo uma variação de R\$ 20 a 25 por “bins” pago ao trabalhador. Para as empresas esta modalidade também é interessante pelo fato que as frutas precisarem ser colhidas para não passarem do ponto de

armazenamento e, conseqüentemente, perderem valor de mercado. São formadas equipes por afinidade e conhecimento prévio entre os trabalhadores, de modo que os “bons” trabalhadores se reconhecem entre si e manterão o ritmo para alcançar uma boa remuneração.

- b) *Por diária*:** quando está no início ou no fim da safra - e ainda a fruta está “mudando de cor” ou já chegando ao fim - ou mesmo quando a safra no geral está “fraca”, é feito este acordo por diária, que corresponde à divisão do piso salarial pelos dias úteis trabalhados. Conforme o observado em campo, na safra 2019 correspondia, em média, a R\$ 55,00 por dia, sem a necessidade ou obrigação do trabalhador alcançar qualquer média de produtividade colhida. Sendo assim, não se ganha nem mais nem menos colhendo um ou dez “bins”, por este motivo se estabelece um ritmo bastante lento na colheita.
- c) *Mista*:** esta modalidade de pagamento consiste numa mistura entre o pagamento *por empreitada* e *por diária*, de modo que ao trabalhador seja garantido o valor acordado correspondente à diária e, caso ultrapasse a média acordada - que na safra 2019 variou entre dois a três “bins” por trabalhador por dia, dependendo das condições da safra - que seria a “parte” da empresa, passa-se a somar um “extra” a partir de cada “bins” acima da média colhido pela equipe. Poucas são as equipes capazes de ultrapassar a média, sendo necessário um bom entrosamento e ritmo constante entre os integrantes. Há quem comente que em safras excelentes e trabalhadores experientes é possível que se alcance de 8 a 10 “bins” por trabalhador no dia.

Estas modalidades e acordos são extremamente dinâmicos de forma que são recombinaos semanalmente, conforme o andamento da colheita. Essas modalidades tendem a ser vantajosas à empresa, já que são estabelecidas por ela própria e repassadas aos trabalhadores. Em suma, não é uma nem outra forma que predomina, mas uma alteração ao longo da safra. Elas são aplicadas para os dias da semana e sábado pela manhã - dias “obrigatórios” de trabalho - ficando sábado à tarde e domingo, normalmente optativos ao trabalhador, onde muitos preferem tirar o dia para descansar, ir à cidade fazer compras ou mesmo lavar as roupas de trabalho.

Em comparação, o trabalho na maçã teria sido economicamente mais vantajoso para os trabalhadores a alguns anos atrás, com remuneração diferenciada no início dos anos 2000:

Eu tô desde 2004 trabalhando em pomar de maçã, naquela época nós levava mais vantagem. Hoje em dia cortaram todas vantagens que a gente tem. Trabalha só pelo salário e desconta do salário ainda, nós nunca atingimos um salário. A gente tinha mais condições. Por exemplo, se tu fosse um classificador tu tinha uma porcentagem maior, hoje não tem mais para classificador. Se tu tivesse em um outro segmento na empresa, fora daqueles colhedor, tu teria outro salário, hoje tu não tem mais. Agora o que já deu pra ganhar dinheiro nos pomar de maçã não se ganha mais (TRABALHADOR F, 2019).

Conforme o relato do trabalhador, essa diferenciação existente por um trabalho teoricamente que exige mais conhecimento específico - como o caso da classificação de frutas - passa a não existir mais. Segundo o mesmo trabalhador, “todo o trabalho é o mesmo em qualquer pomar de maçã”. Outro elemento importante e que vai de encontro ao total da remuneração na safra é o desconto do salário, gerado normalmente pelo consumo de produtos da “cantina⁵”. A cantina consiste em botecos montados no interior da estrutura dos alojamentos, mantidos em grande parte por empreiteiros e que disponibilizam produtos básicos como bolachas, sabonetes, cigarros e refrigerantes com preços muito superiores aos encontrados nos mercados. “É tudo muito caro. Isqueiro: R\$ 7,50. Erva-mate: R\$ 15,00. Carteira de cigarros Classic: R\$ 10,00”, comenta o trabalhador.

Os trabalhadores vão anotando no “caderninho” e no final do mês é feito o referido desconto do salário conforme o que foi consumido. Essa lógica de não realizar o pagamento no momento se coloca como um mecanismo inteligente, visto que a maioria dos trabalhadores não estabelece um controle dos gastos do que foi consumido. Por outro lado, muitos trabalhadores acentuam como aspecto positivo o fato de possuírem alojamento e alimentação inclusos e o que arrecadam durante a safra é um ganho “limpo”:

Não tem gasto, pra gastar dinheiro você tem que andar longe e eu não gosto de ficar andando longe. Esse final de semana fui na cidade, comprei coisas de necessidade. Se ficar lá acaba gastando mais, então

⁵ Localizados a longas distâncias do centro do município, os alojamentos dificultam qualquer que seja o deslocamento para compra de utensílios. Assim, são ofertados produtos extremamente inflacionados, mas que, naquele momento, após horas de trabalho diário, se paga o que for por um pacote de bolacha ou refrigerante.

cê tem que se segurar, se não se policiar você mesmo, você ganha e você gasta. Como eu não tenho vício, só uma coca cola de vez em quando, o resto é só guardar dinheiro. Eu pretendo sair da safra com R\$ 5.000-6.000 mil durante os cinco meses de trabalho. Tem a última colheita que é da Pink Lady, que pretendo ficar (TRABALHADOR G, 2019).

As condições de pagamento são estabelecidas para serem vantajosas à empresa e aos intermediários, como empreiteiros, que se valem de mecanismos para manter ou aumentar o seus ganhos sobre os trabalhadores. Pelo fato de muitos trabalhadores já terem passado por longas viagens até chegar em Vacaria e muitos não possuem outras perspectivas de trabalho pela região, muitos permanecem, apesar de insatisfeitos com as constantes mudanças de acordos estabelecidos com a empresa. A afirmação “quando a maçã é boa todo mundo ganha mais” se coloca enquanto mais um paradoxo do trabalho sendo rentável, visto que em condições de safra pouco promissoras os mecanismos de ajustes de pagamento fazem com que as empresas e os empreiteiros não percam, mas deixem de ganhar mais.

Estas reflexões que perfazem as relações estabelecidas nos pomares demonstram as tramas existentes perante as posições, resistências e dispositivos disciplinares lançados, ao mesmo tempo em que revelam o que foi mencionado no início deste tópico, como formas díspares, heterogêneas e em constante mudança de pensar o poder.

6 PERCEPÇÕES E IMAGINÁRIOS EM RELAÇÃO AO TRABALHADOR TEMPORÁRIO

A construção de um tipo ideal, segundo a visão weberiana, é sempre uma constituição que não necessariamente existe na realidade. No seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, o autor retrata como uma determinada ética que uma religião impõe ou propõe, por exemplo, é capaz de desenvolver uma organização social. No entanto, toda construção carrega um nível de abstração na qual, pensando a realidade, não se encontrará este “tipo puro”, mas que pode auxiliar na compreensão do fenômeno em questão.

Um conceito ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas. (WEBER, apud; QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 113).

Portanto, a generalização do que viria a ser o trabalhador ideal e suas características desejadas serve como referência para estudar uma dada realidade e auxiliar na compreensão e visão do pesquisador, observando que o dinamismo da mobilidade e os respectivos contextos nos locais de origem influenciam a oferta de determinados trabalhadores. Sendo assim, as constantes mudanças do universo de pesquisa passam também a orientar os perfis do que seriam os “trabalhadores ideais” ou os “bons trabalhadores”. Cabe lembrar que o tipo ideal é uma construção mental a partir da realidade que busca elementos tangíveis para caracterizar os aspectos observados.

6.1 A CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO “BOM” TRABALHADOR

Existe, em parte, uma percepção e imagem sobre os trabalhadores temporários quanto à qualidade do trabalho “ideal” por eles desempenhado e seus comportamentos exercidos, seja no “mundo de dentro” ou no “mundo de fora”. Há os que vêm “focados” para o trabalho, com objetivos e projetos de vida que farão o melhor para se dedicar o máximo na colheita. No entanto, segundo alguns

empreiteiros e monitores, existem também os que vêm para “esculhambar” e que não têm nada a perder, no sentido de não possuírem grandes perspectivas futuras. Assim são construídas representações, imagens e perfis dos “bons” e dos “ruins” colhedores, dos “esforçados” e dos “vagabundos”, a partir dessas figurações que são criadas no âmago das diferenças individuais e reproduzidas pelas práticas sociais cotidianas (SILVA, 1998).

Assim como retratado por Silva (1998) no contexto do trabalho da colheita da cana-de-açúcar no Vale do Jequitinhonha, existem pomares nos quais, diariamente, são fixadas tabelas de rankings nos corredores dos alojamentos contendo a média de maçãs colhidas por equipe, indicada pelo nome do monitor responsável. Este é um elemento que suscita uma pequena competição entre os trabalhadores, já que os mesmos se enxergam representados, expostos e pertencentes àquela turma e não gostariam de aparecer como “maus” colhedores, instigando-os a melhorar seus rendimentos. Essa é uma estratégia simples proposta pela empresa que gera um movimento de autorregulação dos trabalhadores, de modo a atingir o que por eles é considerado o “bom” trabalhador, sem ganhar mais nem menos, mas o mesmo.

Os mecanismos de controle são introjetados pelos próprios trabalhadores de modo que se estabelece um autocontrole, passando do controle dos atos para o controle do próprio indivíduo. Eles podem ser aplicados por intermédio da concorrência, através das classificações que os diferenciam e os expõem, de tal forma que se sintam não apenas envergonhados e inferiorizados perante os demais colegas, mas também pelas formas de pagamento estabelecidas, que os estimulam a dar o melhor de si, produzindo a figura do bom e do mau trabalhador (SILVA, 1998).

Conforme alguns empreiteiros, os mais novos tendem a render mais na colheita em relação aos de mais idade, no entanto são “imprevisíveis” visto que tendem a retornar a seus locais de origem antes do fim do contrato. Os experientes, que já vêm há mais anos para a colheita, raramente tendem a retornar antes do período. O relato de um empreiteiro que há anos trabalha na maçã resume a sua percepção quanto às diferentes realidades referentes às faixas etárias:

Gurizada quanto mais nova, mais suspeita por que ainda tão na saia da mãe, quem tem condições na família. Os mais velhos são mais certos, vão cumprir o contrato, trabalhar normal. Talvez não vão ganhar tanto quanto os mais novos, mas eles vão cumprir o contrato. Depois dos 30 dias é tudo suspeito, aí tu tem que tá direto trabalhando o psicológico do pessoal (EMPREITEIRO A, 2019).

A referência aos trinta dias é porque, após este período o acordo entre empreiteiro e trabalhadores - neste caso específico - permite ao trabalhador ter direito de retornar à sua cidade sem custos de passagem. É um momento de fragilidade emocional, de questões afetivas com a família e de saudade do local de origem, momento em que, aliado a tudo isso, a exaustão física é clara e a vontade de ir embora aumenta. Por isso, o fato de “trabalhar o psicológico” significa segurar esses trabalhadores por mais alguns dias e isto envolve ir aos pomares diariamente conversar e incentivar, ou seja, “fazer o psicólogo”, consistindo também num aumento do valor recebido.

O ato de colher maçãs consiste numa repetição de movimentos, exigindo força, rapidez e cuidado. Atividade repetitiva que demanda uma destreza física e neste sentido, os jovens trabalhadores do sexo masculino são os preferidos por fazerem “render” mais. Quando já habituados ao esforço do corpo, as dores vão se diluindo com o passar da safra quando lá pela terceira semana de colheita o trabalhador já formou o que eles chamam de “cama¹” no ombro, uma espécie de calo desenvolvido pelo constante apoio do peso dos “bocós” cheios de maçãs. “A gente se acostuma” comenta o trabalhador que, intercalando o “bocó” entre o ombro direito e o esquerdo, me mostra a saliência formada pela “cama”.

Se para a função da colheita há preferência por homens, existem tarefas nas quais a mão de obra feminina está atrelada aos “qualificativos de um trabalho bem feito, leve, responsável, exigindo assiduidade e atenção que estão relacionados às mulheres” (SILVA, 1998, p. 181). A contagem de frutos com dano mecânico e o índice de infestação por determinadas doenças ou insetos são exemplos onde o trabalho feminino é priorizado. À primeira vista, são tarefas relativamente simples, mas que exigem um nível de capacitação maior por diversos fatores: por se utilizarem de contagem e anotações, o que exclui trabalhadores analfabetos; é um trabalho que demanda atenção e precisão, dado

¹ De acordo com os trabalhadores, é dado este nome porque o calo formado pelo constante apoio da alça do “bocó” sobre os ombros possui uma consistência macia e esponjosa que lembra um colchão, uma cama.

que as informações geradas servirão de base para a decisão ou não de aplicar determinado agrotóxico. O cuidado é internalizado pela trabalhadora mulher, não pelo aspecto biológico da maternidade, mas pelos arranjos sociais construídos pela sociedade e que estabelecem uma divisão sexual do trabalho baseada nas diferenças entre homens e mulheres, naturalizando-as (SILVA, 1998).

No entanto, a preferência por determinados trabalhadores não se dá apenas pelo rendimento e produção, mas também por aspectos psicossociais e morais de cada um, tais como: lealdade, honestidade, seriedade e responsabilidade. A lapidação do que vem a ser um “bom trabalhador” não diz respeito apenas ao seu desempenho na colheita, mas também “de um trabalhador cujo corpo e espírito estão dotados dos elementos necessários à execução da tarefa” (SILVA, 1998, p. 206). Sobre os trabalhadores temporários que atualmente vêm para a colheita, gerentes e empreiteiros comentam que agora eles são mais “tranquilos”, diferente de dez anos atrás que o povo era mais “chucro”, mas que agora deram uma “amansada”, mesmo que para eles fosse sempre muito difícil de tratar. Eis, portanto, o que vem a ser a construção do trabalhador disciplinado, lapidado pelas práticas disciplinares tratadas no capítulo anterior.

Num dos pomares, conversando com o técnico responsável, ele destacou outro aspecto importante que aparece e diz respeito à origem, ou seja, à procedência ao grupo étnico ao qual o trabalhador pertence. Ele comentou que naquele mesmo dia estavam para chegar dois ônibus com trabalhadores indígenas provenientes do Mato Grosso do Sul, totalizando oitenta safristas. Sobre a mão de obra indígena ele comentou que: “É bom trabalhar com os indígenas, mas tem que colocar eles na linha desde o começo se não perde o controle. Com todos os trabalhadores é feita uma revista. Já pensou entrarem com três garrafas de cachaça, faca ou arma? Aí perde o controle”. A problemática do alcoolismo aparece como ponto determinante no entendimento do “bom” e do “mau” trabalhador. No próprio relato o “cabeçante²” indígena retrata os desdobramentos da violência gerados pelo consumo de bebida alcoólica:

² Entre os trabalhadores indígenas que vêm para a colheita é comum a figura do “cabeçante” ou “encabeçante” que, por sua vez, seria o correspondente ao monitor, mas que fala tanto o português quanto a língua indígena e realiza a tradução das questões referentes ao monitoramento da colheita.

É que a gente traz uns que são viciados em cachaça. Aí um briga pra cá, briga pra lá. Ano que vem nós não vamos mais trazer esses que fazem folia, se não vira tumulto e acaba envolvendo até quem não tá. Na nossa etnia *Kaingang* têm os católicos e tem os evangélicos: aí traz os dois pra agradar os dois lados. Na verdade, **nós índios somos unidos**, deu de fazer alguma coisa pra levantar, vamos lá e se ajudamos (MONITOR/“ENCABEÇANTE” INDÍGENA A, 2019, grifos nossos).

Desde o início dos anos 90 a utilização da mão de obra indígena nos pomares de maçã tem aumentado de forma crescente, pelo fato dos indígenas, muitas vezes, possuírem identidade coletiva dentro de suas etnias (MOTTA, 2020). A baixa rotatividade e a permanência durante os meses da safra, mesmo que muitas vezes contrariados, é uma das características colocadas pelos patrões como de interesse por contratar estes trabalhadores. Além do mais, sejam trabalhadores indígenas ou outros, há preferência por aqueles pertencentes a grupos evangélicos e que não consomem bebidas alcoólicas. Por vezes as empresas organizam no próprio local do alojamento um espaço para se fazer o culto duas vezes por semana, onde os seguidores da religião levam instrumentos e permanecem tranquilamente sem sair do pomar por diversos dias, mantendo assim uma ferramenta disciplinar para o agrado dos trabalhadores.

Além do mais, a autora acima que vem a anos desenvolvendo pesquisas especificamente sobre a participação do trabalho indígena nos pomares de maçã, analisa pela perspectiva do capital, o fato dos indígenas desconhecerem seus direitos trabalhistas. Eles tendem a “não reclamarem” ou permanecerem silenciados em comparação aos não indígenas, aspecto que acaba colocando-os como “preferidos” na contratação (MOTTA, 2018). No entanto, mais de um relato evidencia que os trabalhadores indígenas antes evitados passaram a ser os “preferidos”³, visto que inicialmente “não sabiam colher” e eram chamados de “vadios” porque, segundo os monitores, “não sabiam como ensinar”:

Eu costumo dizer que o pior colhedor é aquele que vem de zona leiteira: aperta a teta e puxa, ai acabou com a maçã! Ficam as marcas dos dedos e aparecem os hematomas. Estragou a maçã. Maçã de primeira virou maçã para indústria [...] Tem que saber ensinar [...] E o cara que vem de determinada realidade acostumado com trabalhos braçais você dizer que trabalhar com maçã tem que ter carinho, nunca se puxa, mas vira pra sair com o cabinho que vai ajudar no armazenamento na câmara fria, é difícil. Eu, por exemplo, lidei muito com o pessoal das Missões, de trazer uns

³ Ver: <https://pib.socioambiental.org/es/Not%C3%ADcias?id=149637>; <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2020/02/colheita-da-maca-em-vacaria-tem-presenca-recorde-de-indigenas-do-mato-grosso-do-sul-12188432.html>

40-50. Pega as missões, é um pessoal viciado, um pessoal drogado, um pessoal que bebe. Então dessa vez trouxe só uns 5 das Missões. Os índios do Mato Grosso que tá vindo bastante, a gente **aprendeu a lidar com eles** e eles também não vão mudar muito, mas se adaptaram um pouquinho digamos ao sistema de obediência porque o índio é um cara folgado né? (EMPRESÁRIO B, 2019, grifos nossos).

A responsável pelas contratações é a Fundação do Trabalho de Mato Grosso do Sul (FUNTRAB), que atua em conjunto com o Ministério Público do Trabalho e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), fazendo a intermediação com as empresas. A organização social é, de fato, central na busca e manutenção dos direitos trabalhistas. Entretanto, a questão é muito mais complexa, pois a formação deste “exército de reserva” de mão de obra é consequência de uma luta muito mais antiga pela reivindicação de acesso aos territórios tradicionais, restringindo o acesso à terra e ocasionando o processo de “enxameamento”, ou seja, a dispersão das famílias que antes habitavam um território comum maior para pequenas áreas dispersas ou então na busca de trabalhos temporários.

6.2 “E CLARO, A CHEGADA DE UM MONTE DE GENTE ESTRANHA”

Ao destacar o tipo ideal, todas as concepções que destoam de “bons” padrões socialmente construídos pela sociedade são marcadas pelo preconceito do “diferente” (MARTINS, 1993). Além das mudanças a nível macro em relação aos serviços que giram em torno da colheita, pode-se destacar o estranhamento por parte da população local das novas caras que passam a circular pelo centro da cidade e que marcam a diversidade de origens destes trabalhadores, levando à construção de estigmas, termo utilizado para caracterizar atributos depreciativos. No entanto, cabe analisar estas questões com base nas relações, visto que a construção desta imagem “do outro” se dá com base na percepção entre sujeitos, entendendo que o sujeito estigmatizado em si não é horroroso, nem desonroso, mas estereotipadamente definido e construído (GOFFMAN, 2004).

Do ponto de vista estrutural do município, durante a safra a chegada de milhares de trabalhadores, grande parte deles são homens, imprimem mudanças e aumentam as demandas por:

- a) serviços de saúde: além de hospitais e clínicas são criados temporariamente serviços de dentista e médico, destinados a atender os trabalhadores;

- b) o abastecimento de alimentos e suprimentos, principalmente a alimentação;
- c) os serviços de transporte, tanto provenientes de outros municípios ou regiões como a nível interno;
- d) busca por hospedagem, principalmente os aluguéis de casas ou quartos para a temporada;
- e) segurança, pelo aumento de casos de violência que são controladas tanto pela Polícia Civil quanto pela Brigada Militar, operacionalizadas através da Operação Safra;
- f) comércio formal e informal;
- g) aumento da prostituição, por garotas de programa, principalmente da região de Caxias do Sul-RS.

Embora tais mudanças imprimam aos setores público e privado responsabilidades para prover e manter condições dignas e humanas de trabalho com acesso a recursos básicos, direitos trabalhistas e segurança, esses trabalhadores aquecem, de fato, economias tidas por vezes como “invisíveis”, movimentam diversos atores da economia informal que refletem em ganhos econômicos para a cidade como um todo.

Desta maneira, assim como os trabalhadores que vêm de fora e carregam características “estranhas”, que não são aquelas da comunidade local, eu também me coloco como “estranho” dentro dessa realidade, visto que se constata a verbalização de elementos da reconstrução da figura do pesquisador, quando no imaginário dos interlocutores pesquisadores aparecem como sujeitos que andam somente de “carros de marca”, possuem salários altos e se vestem em determinado padrão. É provável que os apelidos que recebi - “Jesus”, “Bin laden”, “da bike”, “polícia” - pelos interlocutores nos pomares tenha a ver com a imagem “estranha” criada pelos mesmos quanto à minha pessoa, inclusive levando a pensar diversas vezes que eu também era um trabalhador como eles e que, conseqüentemente, são elementos que tocam e direcionam as aproximações. Relembro aqui uma situação no trabalho de campo em que, passados oito dias no pomar Maçã Ltda 2, ao sair do pomar eu carregava uma grande mochila com os pertences necessários para me manter durante este período, quando um dos trabalhadores que trabalhava na “cancha” ao me ver caminhando perguntou: “Não

tá dando pra ganhar muito não né? Também tô pensando em buscar outro serviço”, de tal forma que, temporariamente, nos identificamos e nos solidarizamos reciprocamente vendo a situação um do outro.

Sobre os sujeitos estigmatizados, constrói-se uma visão de humanidades inferiores, tratados como sub-humanos ou então como não vistos como completamente humanos e, com base nisso, são feitas diversas discriminações (GOFFMAN, 2004). Segundo o autor, existem três principais tipos de estigmas: as aversões do corpo, como as deformidades físicas; as características de caráter pessoal, como falta de vontade, desonestidade, drogadição ou de comportamento fora do padrão; e, por último, os estigmas de raça, nação e religião, que podem perpetuar na linhagem familiar. Portanto, são graus de intolerância socialmente construídos e que ganham força sobre o trabalho e o trabalhador da maçã que, através de dados empíricos, relatos e observações de um microcosmo aparentemente irrelevantes, tornam-se “via privilegiada para tomar distância das formas consagradas de enunciar os problemas em ciências sociais” (NEIBURG, 2000, p. 8).

Vacaria não era exemplo pra ninguém, a maçã é muito mal falada no geral, não só nas pessoas de Vacaria. **A maçã é um serviço desvalorizado pela sociedade. Tu não pode dizer com orgulho que trabalha na maçã.** Por isso que eu faço muita questão de tirar foto, botar no meu face. Tá suado, tá sujo, dinheiro limpo, honesto, como qualquer outro. Tô sempre tentando elevar a moral do pessoal que trabalha na maçã porque tu não tem noção quando tu chega assim numa pior, tenta arrumar um serviço e perguntam: quais as tuas qualificações? O que tu fez na vida? Tu pode ter trabalhado 5 anos sem nenhuma falta, mas se tu é colhedor de maçã, então não é ninguém (EMPREITEIRO A, 2019, grifos nossos).

Ao mesmo tempo que existe uma propulsão do setor frutícola que move a economia, gerando diversos postos de trabalho e aumentando o “desenvolvimento”, a imagem do trabalho na maçã permanece carregada de negatividades, de uma negação através da manifestação de certa vergonha ao assumir a identidade de ser trabalhador da maçã. Neste sentido, o relato do empresário do setor macieiro coloca a concepção do trabalho na maçã impregnada de questões culturalmente construídas: “E tem um problema cultural seríssimo que se chama a vergonha de ser colhedor de maçã. Se tu pegar aqui em Vacaria, atualmente, não por causa do cenário do desemprego, mas havia uma certa vergonha”. Pode-se identificar esse sentimento restritivo de modo mais

aparente por parte dos trabalhadores “nativos” do município como relata o extensionista rural da região:

Porque o pessoal de Vacaria não quer esse serviço? Tu vai nos bairros e tem um monte de gente desempregada, mas não querem trabalhar na maçã. **Tem um preconceito, sabe?** E falam mal: "Enquanto Vacaria tiver só esses “macieiros” nós não vamos para frente. Vacaria não traz empresa, não traz indústria, fica só no trabalho da maçã". Então existe certo preconceito também do trabalhador local pelo emprego na maçã. E o pessoal que vem de fora tu percebe que eles têm outra visão: "Que baita oportunidade! Vou ganhar R\$ 2.000 por mês". Tem empresas que trabalham por bins que o cara ganha mais que R\$ 2.000 no mês, limpo. Tem gente que vem focado para levar dinheiro para a família, que não gasta, que poupa, esses caras levam uma graninha boa (EXTENSIONISTA EMATER B, 2019, grifos nossos).

São criados portanto, estigmas de ambas as partes: se, por um lado, existe uma visão depreciativa do trabalho na maçã, considerado exploração dos trabalhadores ou de trabalho pouco renomado, cria-se também uma concepção a partir das empresas e empregadores em relação à figura de um trabalhador “vadio”, onde mesmo na oferta de emprego os trabalhadores preferem buscar oportunidades em outras áreas, ocorrendo de saírem para regiões vizinhas para trabalhar na indústria ou ficarem desempregados ao invés de trabalhar na maçã. Isso ajuda a entender a preferência por trabalhadores de fora de Vacaria, pelas condutas e falta de compromisso, ocasionando uma alta rotatividade ao longo da safra. Segundo um extensionista:

A colheita, em si, é trabalho no sol o dia inteiro, é um serviço mais bruto, carregando uma sacola de 15 kg no peito, pra lá e pra cá. O pessoal daqui então não gosta muito de fazer esse serviço. Surgem então aquelas interpretações do pessoal do ramo da maçã: "Os caras de Vacaria são vadios, não querem trabalhar, estamos oferecendo emprego e não querem. Quando vem não aguenta 5 dias". Aí tu escuta do outro lado: " Não, porque pra mim ir lá é ser explorado". Mas eu acho que também com o desemprego que está acontecendo atualmente, mais pessoas daqui devam ir buscar cada vez mais o trabalho na maçã (EXTENSIONISTA EMATER B, 2019).

É recorrente o fato de alguns trabalhadores não terem condições de retornar para seus locais de origem, permanecendo numa situação errante pela cidade, o que acaba por também gerar sua estigmatização. Cria-se uma visão a partir da sociedade local em relação ao trabalhador de fora enquanto indivíduo

“estranho”, no que Norbert Elias analisou em *Os estabelecidos e os Outsiders*⁴ na comunidade de nome fictício Winston Parva. Ela se divide entre o grupo que se reconhece e outro grupo de recém chegados, estigmatizados por violentos, delinquentes em que “o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* as características “ruins” de sua porção “pior” (ELIAS, 2000). O estudo sobre a comunidade se mostra como um “verdadeiro laboratório para a análise sociológica, revelando as propriedades gerais de toda relação de poder” (NEIBURG, 2000, p. 6). No contexto analisado, o relato do ex-prefeito de Vacaria permite identificar os desdobramentos sociais que tais relações geram para o município como um todo:

O cara que trazia eles (trabalhadores) não dava dinheiro pra levar de volta e acabava a pessoa ficando aí relegada, batendo nas portas, batendo na prefeitura, buscando ter passagem, pedindo esmola para voltar (EX-PREFEITO DE VACARIA, 2018, grifos nossos).

Neste sentido, as externalidades geradas no município pela vinda de trabalhadores “de fora” estão atualmente sendo discutidas a nível municipal. Vacaria aprovou recentemente um projeto de lei complementar que objetiva proibir o ato de dar e pedir esmolas, que segundo o Poder Executivo, aumenta muito durante o período da safra⁵. A secretaria de Desenvolvimento Social (SDS) do município possui ações que buscam remediar a situação através do fornecimento do auxílio-retorno. No entanto, os demandantes acabam pingando de cidade em cidade, pelo fato desse auxílio ser fornecido somente para o município vizinho, acentuando assim a concepção estigmatizada do trabalhador “de fora”. O contingente dos que permanecem é considerável. Segundo o relato do secretário municipal ultrapassa as 700 pessoas por ano: “Olha, pra tu ter uma ideia, ano passado nós mandamos em torno de 750-800 pessoas para retorno de seus municípios. É gente! Todo ano, seja para municípios mais próximos ou mais longe os trabalhadores vêm buscar auxílio. Sempre fica gente”. Nem todos os remanescentes são trabalhadores sazonais da maçã. No entanto, segundo o

⁴ Elias utiliza o termo *estabelecidos* - traduzido do inglês “*establishment*” - para designar a comunidade local enquanto “grupo que se auto percebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência” (NEIBURG, 2000, p. 6). Já os *outsiders* seriam os “de fora” os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela, compostos por um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas.

⁵ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2019/04/vacaria-cria-lei-que-proibe-ato-de-dar-e-pedir-esmolas-cjv3xgkao00km01rojbx6h809.html>

extensionista, o contingente populacional tende a aumentar consideravelmente com o fim da safra:

Existe uma crítica muito forte da sociedade, do pessoal de Vacaria sobre os trabalhadores de fora. Uns encaram como algo muito negativo, até porque com a entrada de 10 a 12 mil pessoas acaba ocorrendo alguns transtornos na área da saúde, hospital. E claro, um monte de "gente estranha" à comunidade que começa a circular nos finais de semana, meio diferente, acaba existindo um pouco de preconceito. Mas sempre procuramos passar que as pessoas que vêm para cá são trabalhadores. Muitos são agricultores familiares que estão num período que não têm serviço e vem trabalhar aqui, lá do Alto Uruguai, Tenente Portela, Miraguaí, Redentora. Vêm indígenas, vem pessoal do MST, todo mundo vem em busca de uma renda durante um período (EXTENSIONISTA EMATER B, 2019, grifos nossos).

Em virtude da permanência de trabalhadores no município, os espaços de novas moradias vêm sendo estruturados em vilas e bairros periféricos de construções simples, estabelecendo uma reestruturação espacial como um todo (SILVA, 1998). Embora não se tenha dados históricos que permitam uma comparação, acredita-se haver um incremento populacional no município referente à permanência de trabalhadores temporários que passam a residir em Vacaria. Bairros como o Municipal, Barcelos, Ferrovia⁶, São José, São João e Vitória, que estão dispostos radialmente distantes do centro, segundo o colocado pelo Ex-prefeito do município, são os que comumente recebem esses trabalhadores. São bairros que funcionam como "bairros-dormitórios", ou seja, casas e sobrados extremamente simples são compartilhados entre trabalhadores durante o período da safra quando a empresa não oferece alojamento. A disposição desorganizada dessas moradias contribui para a reprodução de estigmas relativos a esses trabalhadores como bagunceiros, sujos, que trabalham por qualquer preço, que moram em "caixas de papelão" (SILVA, 1998).

A maioria dos *estabelecidos* dispõe de uma gama de termos que estigmatizam os grupos "de fora", os *outsiders*, como indignos de confiança, "baderneiros", indisciplinados, recusando-se ou evitando a manter qualquer contato social com eles, exceto o exigido por suas atividades profissionais;

⁶ O bairro Ferrovia, também conhecido por alguns como Vila Ferrovia, é resquício e consequência de uma antiga estação dos ferroviários que foi abandonada com algumas estruturas de construção e passou a ser ocupada por pessoas, principalmente por trabalhadores da maçã do pomar localizado ao lado da mesma. Com o aumento do povoamento chegou-se atualmente ao que se reconhece como Ferrovia I e Ferrovia II, resistindo e expandindo seu território propulsionado pela agência da maçã (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

juntados todos num mesmo saco, como pessoas de uma espécie inferior. Em suma, tratam os recém-chegados como pessoas que não se inserem no grupo, como ‘os de fora’ (ELIAS, 2000). Aspectos de representação recaem sobre esses trabalhadores “de fora” numa multiplicidade de termos numa região originalmente colonizada por imigrantes italianos, brancos e com índices elevados que demonstram o acesso a recursos como educação e saúde, ou seja, as fisionomias diferentes àquelas dos padrões habituais dos estabelecidos são estigmatizadas.

A segregação, além dos aspectos sociais, é permeada por estigmas étnico-raciais que são aparentemente os mais notáveis, mesclando-se em representações desses trabalhadores de fora. “Vem de tudo. Tem cabeça chata, tem fronteiroço, tem índio”, comentou o policial civil, um dos responsáveis pela Operação Safra, traçando características de raça e etnia que claramente estigmatizam⁷ nordestinos, trabalhadores da região da campanha do Rio Grande do Sul e indígenas.

Passam então, os “de fora”, a incorporar com frequência estes aspectos, de menor virtude, introjetando marcas da gente “estranha” (SILVA, 1998). A importância atribuída à educação, por serem “pouco estudados” é a principal questão que estes trabalhadores colocam como consequência deles mesmos estarem trabalhando na maçã. Faz-se uma constante comparação de que a vida dos *lidos*, ou seja, aqueles que tiveram acesso aos estudos seria preferível aos *corridos*, remetendo aos aspectos do nomadismo, daqueles que correm o trecho (GUEDES, 2013) e que não tiveram outra opção, como no relato do trabalhador vindo do interior de São Paulo:

Não tive a oportunidade para estudar. Hoje eu tenho o ensino fundamental completo, porém quando eu queria estudar minha mãe infelizmente por motivos financeiros me tirou da escola pra começar o trabalho né. **O estudo hoje me faz falta, muita falta** (TRABALHADOR M, 2019, grifos nossos).

Embora a pesquisa busque analisar as relações com os trabalhadores temporários, tratei aqui de referir-me aos trabalhadores da maçã de modo geral, sem distinção entre “fichados” ou “temporários”, entre os quais a atividade de

⁷ Conforme já tratado na metodologia, o pesquisador colocando-se numa situação flutuante é instigado a captar as nuances para além do verbalizado, as expressões manifestadas sobre determinado assunto, fato pelo qual considero o tratamento dado pelo interlocutor como estigmatizante.

colheita não demanda grandes conhecimentos e que, segundo relata o Empreiteiro A “[...] num dia já estão treinados, depois é só ir ajustando. Isso não precisa de grandes estudos”. A desqualificação desses trabalhadores introjeta o paradoxo da execução de todos os serviços. Aliado à desqualificação, no contexto argentino, Berger e Mingo (2012) analisam a desvalorização do trabalho agrícola da fruticultura em Mendoza, classificando-o como sem grandes exigências e diversas vezes relacionado à ausência de oportunidade e acesso à educação.

A valorização se dá no sentido da disposição e esforço demonstrados pelo trabalhador e que reforça a construção do tipo ideal, no qual não existe o interesse pela capacitação do mesmo por parte da empresa, ao contrário, os “esclarecidos” que possuem maior capacidade crítica em relação a determinadas situações são colocados como “terremoto”, conforme a fala do Empresário B da maçã: “Então você lidar com gente já esclarecida é um terremoto, porque aquele esclarecido tem teorias novas, fica viajando na maionese”. O mesmo empresário ressalta a “baixa qualificação” desses trabalhadores, a partir de um prognóstico das consequências de uma possível mudança da matriz produtiva para a industrialização:

O pessoal daqui diz que a maçã é culpada pelo atraso de Vacaria, mas tem o seguinte: se não tivesse a maçã isso aqui seria uma tapera, o que ia fazer aqui? Os caras dizem que se nós industrializamos Vacaria a maçã pode ser dispensada. Agora vou pegar uma tropa de analfabetos e vou empregar na indústria? Mas pra varrer chão eles têm que cortar barba, tomar banho e ter o mínimo de instrução (EMPRESÁRIO B, 2019).

Embora o estigma de uma generalização da “tropa de analfabetos” seja incorporado nos discursos de empresários do setor, uma qualificação extra é demandada, por exemplo, no caso dos tratoristas que necessitam ter frequentado um curso específico para operação de máquinas. Do ponto de vista do empresário e, racionalmente refletindo a partir de algumas entrevistas, a seguinte questão emerge no âmbito do capitalista: de que vale o investimento na capacitação desses trabalhadores temporários se amanhã ou depois eles vão embora? Dificilmente encontrarão alguma oportunidade de capacitação sem uma fixação em determinado local, já que muitos adquirem uma vida de “andar por aí” na busca de empregos e permanecem constituindo a base da mão de obra sazonal nas mais diversas culturas agrícolas do país.

Conversando com o proprietário de uma lanchonete localizada na principal rodovia que corta o município de norte a sul, um dos principais eixos da produção macieira na região, perguntei sobre o que ele acha desses trabalhadores que vêm para trabalhar durante a safra. No momento me apontou no horizonte um grupo caminhando pelas coxilhas em direção à lanchonete e prontamente os identificou como indígenas e comentou: “Cachaceiros e bagunceiros que fumam maconha. Parece que pra eles é até liberado [...] ficam rezando para seus deuses. Vira uma anarquia os alojamentos”. Percebe-se mais um exemplo de construção de um imaginário socialmente construído e reproduzido.

Ao considerar o universo de 12.000 trabalhadores temporários durante a safra, os 700 a 800 que permanecem no município correspondem a aproximadamente 7% do total, uma taxa relativamente considerável no contexto de um município com pouco mais de 66.000 habitantes (IBGE, 2019), o que acaba modificando as disposições e incorporando uma pequena parte desse contingente de distintos locais da população. Esta é uma característica de cidades que iniciam um processo de crescimento econômico e tendem a atrair um contingente da população externa para suprir as demandas nos diferentes segmentos do setor. Entretanto, o que se mostra no contexto estudado é justamente a ausência de perspectivas para absorver a mão de obra pelo setor, exemplificando como o setor público vem tratando através de medidas paliativas - a exemplo da Lei Complementar Nº 0077/2019, que proíbe o ato de dar esmolas. Um questionamento a ser lançado poderia ser o seguinte: estaria o setor da maçã proporcionando, de fato, o desenvolvimento da região ou mesmo do município como um todo?

Cabe observar que, em relação aos trabalhadores, existem diversas trajetórias que confluem para uma heterogeneidade de origens e aspectos étnicos, que mesmo sendo uma cultura predominantemente masculinizada, a mão de obra feminina exerce também funções em trabalhos específicos e existe um processo de inclusão e exclusão envolvendo a construção dos que vêm a ser os “bons trabalhadores”, baseados em questões produtivas e comportamentais, assim como os aspectos negativos dos “maus trabalhadores”, considerados “esculhambadores”. Assim sendo, se por um lado criam-se estigmas do que seria um “bom” e um “ruim” colhedor, por outro, parte dos próprios trabalhadores locais

concebe o trabalho na maçã como penoso. Existe uma instabilidade conflituosa neste encontro de trabalhadores locais, gerentes e responsáveis pelos pomares.

O modo pelo qual vem sendo tratada a problemática abstém-se das causas que resultam numa multidão de trabalhadores que terminam a safra sem condições de retornarem aos seus destinos. Em resposta às situações que são geradas, o poder público opera ações que tendem a remediar os sintomas de um processo extremamente complexo, sem realmente tratar as causas. As externalidades pelas quais o não comprometimento por parte das empresas onera o setor público nos serviços de saúde, transporte e segurança. Portanto, se faz necessário compreender as distintas realidades envolvidas e estratégias traçadas pelos trabalhadores para dar suporte, delegar e distribuir responsabilidades a quem de fato as gera.

7 CAMINHOS DE IDAS, VINDAS E PARADAS: TRAJETÓRIAS NO CONTEXTO DO TRABALHO SAZONAL¹

“-Muito bom dia, senhora, que nessa janela está. Sabe dizer se é possível algum trabalho encontrar?”

-Trabalho aqui num falta a quem sabe trabalhar; o que fazia o compadre na sua terra de lá?”

(Trecho de Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto, p. 101-102).

A mobilidade geográfica é uma característica concernente a diversas espécies no mundo. Animais transumantes realizam longas jornadas sazonais em busca de condições ambientais favoráveis e que propiciem suprimentos em quantidade e qualidade para manter suas taxas de reprodução e possam, assim, a dar sequência à sobrevivência da espécie. A espécie humana também carrega essa característica no seu processo evolutivo. Como exemplo, quando os recursos provindos do ambiente passam a dar sinais de escassez, inicia-se um processo de migração em direção a novas fontes provedoras de recursos, que permita com que esses grupos se mantenham por mais um período. Se, por um lado, em tempos passados havia uma gama enorme de registros destes deslocamentos, atualmente, as migrações temporárias tendem a acontecer de modo a buscar melhores condições para se reproduzir socialmente e por desastres ambientais, incitando um deslocamento forçado que abre possibilidade para uma grande agenda de pesquisa.

A própria agricultura itinerante marca um movimento constante da prática agrícola juntamente com as ocupações e o uso da terra pelos distintos sistemas agrários (MAZOYER; ROUDART, 2010). Quando determinado meio passa a se exaurir - principalmente pela variável da fertilidade do solo - o agricultor e sua família contornam a situação pela mobilidade, permitindo restabelecer o meio e as condições desejadas de (re) produção (GALIZONI; RIBEIRO, 2019). A contribuição dos estudos da área das ciências agrárias vem no sentido de criar condições para que determinada área permaneça com fertilidade elevada e seja produtiva ao longo das safras, evitando deslocamentos forçados.

¹ Algumas partes deste capítulo compõem o artigo intitulado “Movidos pela maçã: percepções da colheita junto aos trabalhadores sazonais”, apresentado na XIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), em Julho de 2019, Porto Alegre - RS.

No entanto, as dinâmicas agrárias contemporâneas - colocado aqui pelos deslocamentos - têm se tornado cada vez mais complexas. Por um lado, as mudanças demográficas iniciadas, sobretudo, após a efervescência dos anos 60 no contexto de industrialização e modernização da agricultura configuraram um massivo êxodo com cerca de 27 milhões de pessoas que deixaram o meio rural em direção às cidades (MARTINE; GARCIA, 1987), assim como uma parcela de trabalhadores que a partir da década de 70 passou a se deslocar repetidamente a fim de encontrar formas de sobrevivência também nas cidades. Por outro lado, atualmente migrações temporárias em ambos os sentidos - grosseiramente postas aqui como rural e urbano - têm ressignificado os espaços e atores que entre eles circulam, produzindo uma heterogeneidade de movimentos e de formas de deslocamento da população migratória envolvida, do tempo de ausência do local de residência e da distância percorrida.

A perspectiva de análise que se busca trabalhar não se limita à migração enquanto um objeto de estudo independente, mas de analisar esses múltiplos movimentos e as estratégias ligadas às escolhas (MENEZES, 2002). Pois, além de migrantes, esses trabalhadores carregam consigo trajetórias permeadas por questões sociais, entendendo que os atores não se movem ao azar no espaço, numa relação causa-efeito, mas estão conformados numa estrutura objetiva e são dotados de capacidade de escolha pelas suas subjetividades. As diferentes formas de compreensão da realidade social dependem da posição dos agentes sociais e do *habitus*, expresso por Setton (2002) como sendo uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, envolvendo racionalidades.

Os migrantes temporários que periodicamente migram na busca de trabalho tendem a regressar à terra de origem, numa espécie de eterno retorno, na espera de algo que ainda acontecerá, muito embora não se saiba quando e nem como (SILVA, 1998). O retorno - este caminho que fecha o círculo do deslocamento de volta - não é igual ao caminho do início, já que esta circularidade não ocorre uma única vez, podendo ocorrer diversas vezes e em distintas circunstâncias na vida desses atores. Para Silva (1998, p. 49), o retorno “é permanente e o migrante temporário é permanentemente temporário”. Neste sentido, o trabalhador identificado como temporário, volante ou sazonal, embora exerça funções laborais de acordo com o período do ano, carrega consigo este paradoxo de ser considerado temporário, mesmo algumas vezes trabalhando durante o ano todo,

intercalando entre a colheita da laranja e do café no sudeste, da maçã e de hortaliças no sul, sob a subordinação de diferentes patrões² ou empresas.

Desse modo se produz uma particular constelação da dinâmica de mobilidade, na qual a divisão e caracterização de determinados movimentos se tornam incertos, mutantes e cada vez mais dinâmicos, reconhecendo-se deslocamentos multipolares, reversíveis e variáveis em duração, que tornam a realidade muito mais complexa que a tentativa de criar classificações pré-estabelecidas (MARANDOLA JUNIOR; DAL GALLO, 2010).

A expectativa de que certos objetivos sejam alcançados com a remuneração no trabalho temporário - variando da compra dos materiais para a finalização da casa ao pagamento do empréstimo utilizado para comprar pintos para montar o aviário, como observado no trabalho de campo - constitui a motivação principal para a migração devido ao fato de indivíduos e famílias buscarem manter ou elevar sua qualidade de vida, esboçando-se diferentes estratégias que num determinado momento de suas vidas tendem a se estabilizar e se fixar em determinado local. Nas conversas com os trabalhadores “de fora”, raros são os relatos dos que almejam continuar trabalhando na maçã ou pretendem ter uma ascensão de cargos dentro desta cadeia produtiva, pondo o trabalho no pomar como um processo passageiro e que proverá os ganhos planejados para que, no próximo ano não seja necessário migrar. Quando questionado se houvesse possibilidade de emprego no seu local de origem em Pernambuco, um trabalhador comentou:

Não, num viria. Tem gente que diz que se ganhasse 500 conto por mês na cidade dele, ele não vinha. **Mas não tem opção de emprego lá na nossa cidade**, aí tem que vim na safra e dá pra juntar um dinheiro. Próximo ano pretendo ficar em casa pra não ficar mais andando no trecho (TRABALHADOR J, 2019, grifos nossos).

Percebe-se que, neste caso, a migração se dá realmente por uma questão de necessidade, explicitada por alguns trabalhadores como sendo a “precisão³” (BRACAGIOLI NETO, 1991) de uma renda não preenchida em seus locais de

² O termo “patrão” é seguidamente utilizado pelos trabalhadores para se referirem ao proprietário da empresa ou para qualquer pessoa que exerce o cargo hierarquicamente superior ao seu próprio.

³ O termo “precisão” é utilizado por diversos interlocutores como linguagem coloquial e remete ao termo “precisar”, de ter necessidade. Já outros falam em manter a “sobrevivência” com o dinheiro da maçã.

origem pela falta de serviço e de empregos. Assim, buscam na colheita da maçã um período transitório por uma melhor qualidade de vida. Migrações temporárias têm sido resultado de mudanças econômicas vigentes pelos projetos de desenvolvimento que vêm constantemente modificando as demandas por mão de obra. A seguir será apresentado um mapeamento das origens desses trabalhadores, tratando de enxergar a rede da diversidade de deslocamentos criada.

7.1 CARTOGRAFIA DO DESLOCAMENTO: ORIGENS DOS TRABALHADORES TEMPORÁRIOS

Buscando uma compreensão que proponha uma visão macroanalítica em relação ao fenômeno migratório incorporado pelos milhares de trabalhadores temporários que vá além das lineares concepções entre fatores de atração e repulsão, mas que abarca estratégias diversas, foram elaborados mapas migratórios no sentido de levantar as principais regiões de origem dos trabalhadores. Obviamente, para ser possível um aprofundamento mais denso sobre as realidades relativas a determinadas regiões específicas de onde eles provêm seria necessário fazer o caminho de volta, numa tentativa de “cartografia reversa”, buscando ir de encontro aos atores a partir de uma análise nos seus locais de origem. Esse trabalho permanece por hora amadurecendo possibilidades de uma futura pesquisa.

De início, acreditava-se na possibilidade da elaboração de uma cartografia migratória utilizando o banco de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego, que permitiria o fornecimento de dados a nível macro sobre a movimentação migratória e de mão de obra empregada por gênero, faixa etária, grau de instrução, rendimento médio e faixas de rendimentos em salários mínimos, levantando uma espécie de itinerância por onde trabalharam esses sujeitos. No entanto, após estabelecer contato com o extinto Ministério, fui informado que atualmente esses dados não estão sendo fornecidos devido à desatualização do banco de dados do sistema.

Dessa maneira, optei por utilizar o banco de dados fornecido pela Delegacia da Polícia Civil de Vacaria, responsável pela Operação Safra, constando a origem dos trabalhadores de acordo com o que consta na Cédula de

Identidade. Cabe ressaltar que o acesso aos dados se deu via solicitação formal na própria Delegacia e passado pouco mais de um mês obtive um retorno. Por estar morando em Vacaria na época, no dia seguinte ao contato me dirigi até a mesma para conversar com um dos responsáveis pela Operação que colocou à disposição, para consulta local, as listas separadas por empresas com a relação dos trabalhadores contratados na safra de 2018. Segundo a Polícia Civil, a Operação foi criada pela demanda do setor, devido ao grande número de pessoas que se deslocam para a cidade de Vacaria e região para a colheita da maçã e pelo fato de, em anos anteriores, terem ocorrido grandes tragédias em pomares, inclusive com vários incêndios e mortes, fatos que foram diminuindo desde que a Operação foi institucionalizada, em 2014. Operacionalmente, a Operação consiste num aumento do contingente da Polícia Civil e Brigada Militar com ações e visitas aos pomares durante a safra. Em contrapartida, as empresas devem fornecer uma relação dos contratados para a safra de modo a realizar uma checagem de possíveis pendências com a justiça. O número de presos passou de 72 em 2014 para apenas 2 em 2019 (RELATÓRIO DE DILIGÊNCIAS DA POLÍCIA CIVIL DE VACARIA, 2019). A partir desta referência foram consideradas 6.100 origens, referentes ao ano de 2018, para a elaboração de uma cartografia migratória, levantando uma das questões que são indagadas na pesquisa: de onde vêm esses trabalhadores?

O primeiro dos mapas migratórios (Mapa 3) diz respeito ao fluxo dos trabalhadores de acordo com as suas origens por grandes regiões - Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte. Todas as regiões fornecem - em menor ou maior proporção - mão de obra temporária durante a colheita da maçã. Em menor proporção, a região Norte contabiliza 0,31% das origens dos trabalhadores, seguida do Nordeste e Sudeste com 2,75% e 3,08% respectivamente. Embora não se tenha uma base de dados que permita uma análise comparativa ao longo dos anos, a origem do total dos trabalhadores destas duas regiões, segundo empreiteiros e gerentes, têm aumentado nos últimos três a quatro anos, principalmente de nordestinos.

Em seguida, a origem dos trabalhadores da região Centro-Oeste é extremamente significativa, com mais de 23% do total dos migrantes, influenciada pela organização de frentes de trabalhadores indígenas, pertencentes às etnias *Terena* e *Guarani-Kaiowá*, provenientes do Mato Grosso do Sul. Para a safra

2019, aproximadamente 3.500 indígenas vieram para a colheita da maçã no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, resultado de uma parceria estabelecida entre órgãos públicos e entidades indígenas.

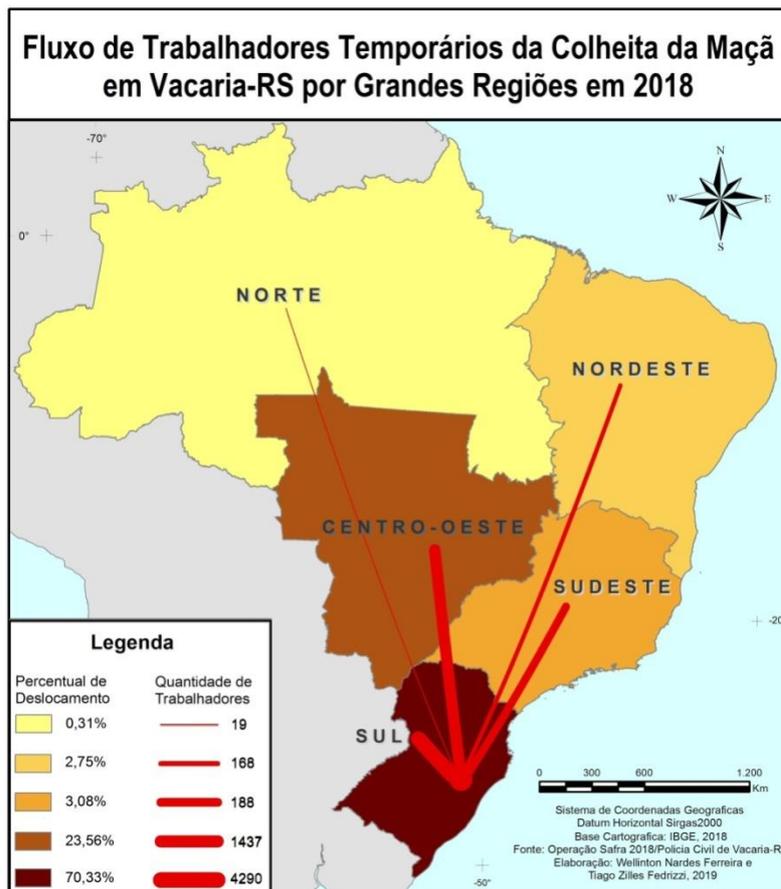
A responsável pelas contratações é a Fundação do Trabalho de Mato Grosso do Sul (FUNTRAB), fazendo a intermediação com as empresas. A organização social desses trabalhadores, como já colocado, permite um amparo legal do ponto de vista da reivindicação de direitos e na busca de melhorias no ambiente de trabalho. Para a empresa, da mesma forma, permite centralizar e tratar questões trabalhistas e de contratação diretamente com a Fundação, ao invés de ser direta com o trabalhador.

Dentre as cinco regiões federativas, a região Sul é disparadamente a principal origem dos trabalhadores temporários em Vacaria, com mais de 70% do total.

De acordo com um dos empresários que acompanhou desde a implantação dos primeiros pomares em Vacaria, a demanda da mão de obra inicialmente utilizada para a colheita vinha da própria região, principalmente de municípios vizinhos. No entanto, com o aumento das áreas de cultivo e a intensificação dos manejos foi necessário buscar mão de obra em outras regiões, de modo a equilibrar a demanda, fato que até hoje continua ocorrendo, vencendo cada vez mais longas distâncias.

Evidentemente, as linhas retas que representam as origens desses trabalhadores não implicam, necessariamente, em deslocamentos unidirecionais, pelo contrário, na prática o que se evidencia são caminhos sinuosos que se concentram e se espalham no território. Busquei ilustrar a proporção de trabalhadores provenientes de cada região do país pela espessura das linhas, quanto mais espessa maior a representatividade e quanto mais estreita menor a representatividade.

Mapa 3 - Fluxo de trabalhadores temporários da colheita da maçã em Vacaria - RS por grandes regiões de origem



Fonte: Ferreira e Fedrizzi (2019), com base nos dados da Operação Safra 2018.

Especificamente para o estado do Rio Grande do Sul elaborei um mapa migratório de modo a levantar o percentual dos trabalhadores por município (Mapa 4). Destaco que os dados utilizados para a elaboração são também referentes à Operação Safra 2019 e que o município contabilizado diz respeito ao encontrado na Cédula de Identidade dos formalmente contratados e informados. Vacaria e os municípios limítrofes, Bom Jesus e Lagoa Vermelha, constam como sendo a proveniência da maioria dos trabalhadores temporários. Em seguida municípios da região da Campanha do Rio Grande do Sul, localizados na fronteira oeste do Estado, principalmente Uruguaiana e Santana do Livramento, contribuem com significativa origem dos trabalhadores migrantes e correspondendo à já relatada região de expansão do agronegócio, em maior área a soja. A região das Missões, localizada na porção norte do Rio Grande do Sul, foi identificada como bastante representativa no que diz respeito às principais origens dos trabalhadores temporários do Estado. A região possui o histórico da divisão das propriedades

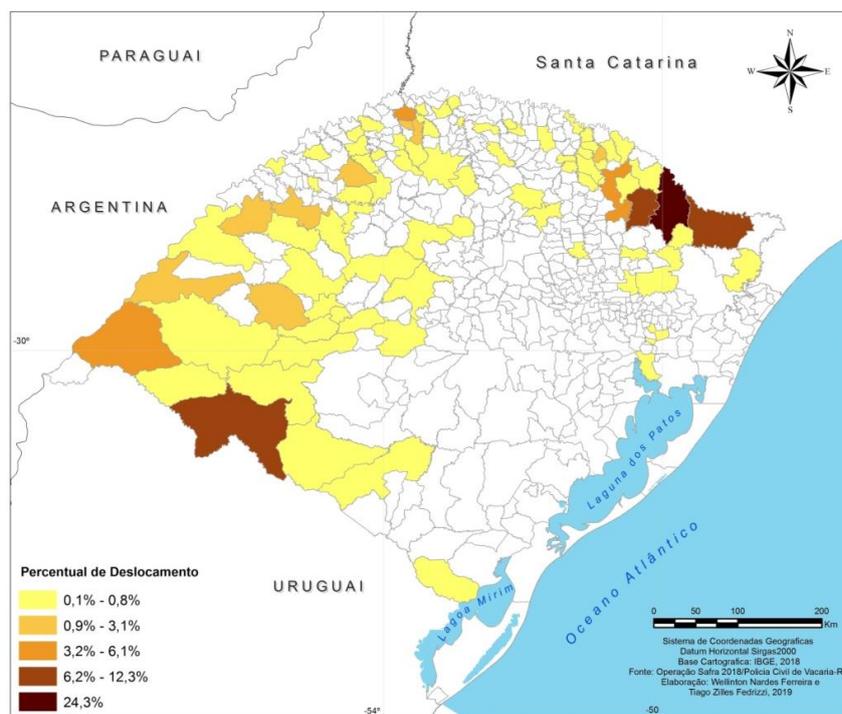
entre os membros da família em porções menores, dificultando as perspectivas de produção em relação ao aspecto fundiário (ANJOS *et al.*, 2006), tendenciando a busca de empregos fora das propriedades.

Alguns interlocutores comentam que os monocultivos de grãos, representado principalmente pela presença e expansão da soja, têm ocupado gradativamente o espaço da paisagem, tirando parte dos empregos e gerando migração na busca de algum “serviço fora”. Um senhor natural do município de Redentora, que antes havia trabalhado há mais de dez anos no corte da erva-mate, comentou que “Os ervais foram esmagados pelas lavouras, fruto de incentivos do governo e facilidades de comércio”, fazendo referência aos atrativos preços pagos pelo grão e que tem feito muitos produtores trocarem os ervais pela soja.

Dados levantados por Kuplich, Capoane e Costa (2018) demonstram que de 2000 a 2015 a área plantada com soja no Rio Grande do Sul aumentou em 73,7%, com grande parte desta expansão localizada na metade sul do Estado, mais intensamente em municípios da região da Campanha, local de boa parte dos trabalhadores temporários da colheita da maçã em Vacaria. Portanto, não seria mera causalidade que processos como o da “sojização” reflitam sobre as formas organizacionais de trabalho de milhares de trabalhadores, a partir do momento em que determinado sistema produtivo descarta a necessidade de grande parte do uso da mão de obra.

Embora os dados e mapas apresentem um recorte específico da safra de 2018, a heterogeneidade de origens desses trabalhadores vem se mantendo ao longo dos últimos anos, segundo o discurso de alguns gerentes e proprietários de pomares. O que se apresenta nesses deslocamentos muitas vezes é resultado de políticas nacionais implantadas nas diferentes partes do país, refletindo diretamente nas formas de emprego atuais, conforme relatado pelos diferentes interlocutores citados acima. Embora a região sul continue sendo a principal origem dos trabalhadores, a região centro-oeste vem se estabelecendo com relevante parte dos mesmos, principalmente pela organização formal da contratação dos coletivos de etnias indígenas via a FUNTRAB.

Mapa 4 - Percentual dos trabalhadores temporários da colheita da maçã em Vacaria - RS por município



Fonte: Ferreira e Fedrizzi (2019), com base nos dados da Operação Safra 2018.

7.2 MOVIDOS PELA MAÇÃ: ATORES E SUAS TRAJETÓRIAS

A itinerância dos sujeitos acarreta uma ressignificação de identidades pelas trocas culturais de um território conhecido para outro desconhecido. Obviamente, sem o intuito de restringir e delimitar a discussão existente na literatura sobre categorias de trabalhadores migrantes, busco através de um convívio intenso no trabalho de campo, deixar aflorar quem são e o que carregam esses viventes, tratando de ressaltar alguns padrões que permitem que sejam agrupados em “categorias de atenção” de trabalhadores que carregam características semelhantes de trajetórias, estratégias, objetivos e realidades próprias: os trabalhadores “do trecho”, os “formigas” e os “assentados”.

7.2.1 “Ser e estar no trecho”

Por volta dos anos 80, o termo “trecho” passou a ser utilizado em estudos para se referir aos trabalhadores “volantes”, “itinerantes”, no contexto dos grandes

projetos desenvolvimentistas que requeriam grandes levas de trabalhadores temporários, vinculado a um personagem peculiar que é o “peão do trecho” (GUEDES, 2013). Segundo o autor, os “trecheiros” também passaram a ser tratados enquanto andarilhos e peregrinos do trabalho, que se deslocam a pé, de ônibus, de carona, cortando estados e rodovias.

Os do “trecho” são aqueles que vivem numa espécie de saga errante, que se deslocam continuamente pelo território e que já estão incorporados no seu *ethos*, mantendo-se através de “bicos” e “biscates” para levantar dinheiro e seguir no trecho. Manuel, trabalhador pernambucano que vive no trecho, explica que:

Ser do trecho é cara que não pára aqui, fica aqui, fica acolá, depende do albergue pra se manter, pra morar, pra comer. Às vezes quer trabalhar, às vezes trabalha, às vezes não. É isso, é assim. Esse pessoal tem problema né, às vezes não é aceito em casa, às vezes também não quer ir. É a pessoa que não tem um destino né, que hoje tá aqui, hoje tá acolá. Até mesmo no trabalho, não sei se você já viu aí, várias vezes todo dia vai gente embora. Uns quantos mesmo, segunda-feira foram 8 embora, muitos vão embora. Às vezes não tira nem a despesa, mete o pé. Quem geralmente é do trecho não tem despesa né, que eles pegam uma passagem aqui, pega acolá, pega uma carona, muitos vêm aqui e não gasta um centavo (TRABALHADOR J, 2019).

Em certos aspectos, o “ser do trecho” é carregado por estigmas, aparecendo como contraponto ao que viria a ser uma concepção tradicional de organização familiar, causando sofrimentos e angústias pelo fato do trabalhador arranjar outras parceiras ou parceiros, ou que mesmo arrumar desavenças. Os estigmas são construídos a partir da percepção do “outro”, como também são construídos os preconceitos. No entanto, quem seriam os que lhes imputam esses estigmas? Algumas reflexões foram apontadas na discussão do capítulo 5.

Guedes (2013), ao estudar a mobilidade gerada pela interrupção da atividade de garimpo pela construção de usinas hidrelétricas no norte de Goiás, retrata etnograficamente que “estar no trecho” ou “estar no mundo” não é encarado como algo necessariamente ruim ou deletério, mas é também capaz de produzir efeitos educativos e de aprendizagem. O ato de “estar no trecho” é inclusive tratado como um ritual de passagem, permeado de dificuldades, mas de importante amadurecimento quando os interlocutores de Guedes (2013, p. 220) citam: “Sei hoje que o trecho bate, que a gente sofre, que a gente aprende [...] conheço melhor o que é o mundo, sou uma pessoa melhor”. Ao mesmo tempo que

ao “correr trecho” se coloca em perigo, um mundo de possibilidades se abre: “Conhecer ou encarar o mundo é cair na realidade, é encarar a vida; e é dar-se conta do que há de contingente e provisório no lar e na família” (GUEDES, 2013, p. 222).

Disso depreende-se um debate de que o “trecho” é também uma escolha, um modo de levar a vida, por um determinado período de tempo mais curto, mais longo ou mesmo de vida inteira. O “ser do trecho” carrega um sentido positivo para os trabalhadores como o fato de ter liberdade, não possuir compromissos e nem responsabilidades a longo prazo. Ao conversar com um trabalhador de São Paulo perguntei-lhe o que o trouxe a Vacaria para a colheita. E ele respondeu: “Não venho pela necessidade de dinheiro, mas porque me faz bem estar em movimento. Há dois anos caí na estrada para sentir a realidade de viver com pouco no trecho”. O fato de se sentir “bem” está atrelado a um conjunto de fatores, dentre eles a necessidade da almejada liberdade, de buscar distância de familiares que muitas vezes fazem “cobranças”, assim como o “movimento” no sentido do trabalho físico e no deslocamento, sem permanecer muito tempo em determinado local⁴. Neste caso, o fator econômico não é o principal objetivo mobilizador, até porque o mesmo interlocutor lança a seguinte problematização: “Tu acha que, com R\$ 1.200, rapaz aqui atravessa o Brasil e volta com dinheiro pra casa?”.

Os sujeitos “do trecho”, em suas vagueações pelo espaço, podem também estabelecer vínculos com o local permanecendo por mais tempo quando existir oferta de emprego. São assim chamados os “fichados”, que por questões de oportunidade e por demonstrarem dedicação no trabalho estabelecem um contrato fixo de carteira assinada com a empresa, exercendo diversas funções ao longo do ano no pomar. Normalmente esta situação surge a partir de frentes familiares que tiveram protagonismo em iniciar suas vidas no trabalho com a maçã e que, por laços de parentesco, conseguem trabalhos para familiares que permaneceram em seus locais de origem, instalando-se normalmente em bairros periféricos do município.

Neste sentido, parte-se do que Haesbaert (2004) identifica no processo de desterritorialização para uma reterritorialização, ressaltando a importância da

⁴ Seguidamente ouvia-se o fato de “enjoar” de ficar muito tempo trabalhando em determinado local e quando chegava o momento era hora de “dar no pé”.

análise do território sobre a perspectiva dos sujeitos, visto que implica identificar e colocar em primeiro plano os sujeitos da des-re-territorialização, ou seja, quem desterritorializa quem ou o que e com que objetivos. Na realidade empírica, essa mobilidade temporária de trabalhadores produz uma sociabilidade cuja construção dos territórios se dá a partir do movimento e onde o local se fundamenta nessas diferenças (BOURDIN, 2001 apud HAESBAERT, 2004).

Os contatos dos migrantes no local de destino desempenham um papel fundamental no que diz respeito a propensões migratórias, seja no nível individual ou familiar. Tendo-se condições similares, normalmente se opta por eleger locais com pessoas conhecidas das quais se tenha referências. Sahlins (1997) utiliza a ideia de “ampliação de mundo”, podendo-se pensar em novas possibilidades - neste caso de renda. Na perspectiva de uma continuidade - e não ruptura com o local de origem - uma população translocal é capaz de habitar e manter relações com os mundos de origem e de destino, como parte interdependente de uma totalidade sociocultural (SAHLINS, 1997; RECHENBERG, 2013).

7.2.2 “Que nem formiga: trabalha no verão pra no inverno se esconder”

Muitos trabalhadores estabelecem um compromisso assíduo no período da safra, deslocando-se anualmente de suas regiões para Vacaria. São esses os “formigas”, que nas épocas menos propícias em relação à ocupação e prestação de serviços em suas cidades, encontram em Vacaria esta oportunidade de uma “gordurinha” ou mesmo sua principal fonte de renda. Um agricultor do interior do estado brinca: “No inverno trabalho na terra tem pouco. Aí o azevém cresce. Tem que trabalhar no verão e comer no inverno. Que nem formiga: trabalha no verão pra no inverno se esconder”. Pode-se incluir neste grupo os trabalhadores nordestinos que atravessam o território brasileiro: de janeiro a abril estão em Vacaria para o trabalho na maçã, de maio a dezembro exercem a profissão de pescadores artesanais ou colhem laranja na região de São Paulo, seguido de alguns dias nas festas de final de ano em seus locais de origem com suas famílias, antes de retornarem novamente à Vacaria. Um empresário relata como seu deu o estreitamento do vínculo com a turma:

Fazem três anos que estou trazendo gente de Alagoas. Eles (*nordestinos*) vêm a São Paulo colher laranja. Quando chega em janeiro baixa a colheita e liberam 70% dos trabalhadores. Então eles descobriram a maçã, não fomos nós que fomos atrás. Apareceu um, apareceu outro, avisou amigo, avisou vizinho e começaram a fazer turma. Assim fretam ônibus com a turma toda (EMPRESÁRIO B, 2018, grifos nossos).

As redes informais vêm se constituindo como espaço de comunicação eficaz, trocando informações sobre vagas de emprego, condições de pagamento, alojamentos e qualidade da comida oferecida nos pomares (MENEZES, 2002). Normalmente elas consistem em movimentos com deslocamentos de curta duração, que se repetem, por vezes numa ciclicidade, e sem intenção de constituir mudanças permanentes de residência. Essas redes proveem trocas de informações que reduzem o risco da migração “dar errado”, fornecendo pistas das condições a serem encontradas no destino.

7.2.3 “Assentados”

Outro agrupamento, por assim dizer, refere-se aos trabalhadores que possuem uma trajetória de trabalho com a agricultura, grande parte agricultores familiares ligados anteriormente às frentes de trabalho⁵ do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra e que, mesmo após assentados, enxergam no trabalho com a maçã uma possibilidade de melhorias nas questões estruturais e produtivas em seus lotes e no próprio assentamento. Esse processo perpassa questões estratégicas das famílias, de modo que parte delas permanece trabalhando no lote enquanto, normalmente, os homens migram para o trabalho temporário e enviam parte do dinheiro para suas famílias (GARCIA JR, 1990).

As famílias e indivíduos assentados do MST que tomam as decisões baseiam-se na análise de uso do tempo e de custos e benefícios que estão implicadas, optando por determinadas escolhas em detrimento de outras (LONG, 2007; WOORTMANN, 1990). Não são todos os integrantes que migram, nem são todos os anos que isso acontece. Woortmann (1990) destaca que as migrações

⁵ Segundo um dos técnicos do movimento, a frente de trabalho do MST diz respeito à organização dos trabalhadores do próprio movimento, iniciada nos anos 90, com o objetivo de captar recursos que pudessem promover o autossustento do acampamento até ocorrer o assentamento das famílias. Em Vacaria a primeira turma com os trabalhadores da frente de trabalho iniciou em 1994, quando existiam mais de 2.000 famílias acampadas no Rio Grande do Sul, iniciando uma parceria do Movimento com a maior empresa produtora de maçã da região.

cíclicas e sazonais não são resultados apenas de diferença de trabalho entre os vários momentos do ciclo agrícola, mas que dois aspectos importantes devem ser considerados: a periodicidade pela alternância entre pouco e muito trabalho no roçado e a disponibilidade de produtos para o consumo ou para venda, dependendo do ano ter sido bom ou fraco, ter tido bons períodos de chuva ou perdas pela estiagem, períodos de fartura e períodos de “precisão”.

As características sazonais dos sistemas agrícolas produtivos, tanto no local de origem quanto de destino desses agricultores, permitem uma janela de oportunidade de trabalho num período “ocioso”, impulsionando o potencial migrante. A busca por uma fonte de renda complementar capaz de suprir as necessidades básicas de produção e reprodução dos trabalhadores e suas famílias faz com que os mesmos apliquem de maneira diversa seus recursos e força de trabalho na atividade agrícola propriamente dita e/ou em atividades não agrícolas dentro ou fora da propriedade ou mesmo nos trabalhos temporários. Isso não implica necessariamente no abandono da atividade agrícola, da propriedade rural ou mesmo do trabalho no espaço urbano. As atividades e estratégias podem ser combinadas de tal forma que proporcionem diferentes possibilidades de geração de renda às famílias. No entanto, quando questionada sobre a possibilidade de viver somente do lote, a agricultora assentada da reforma agrária afirma:

Com certeza, eu não peguei projeto até agora, mas se tivesse como viver só de lá seria muito melhor. Pra dar uma "deslanchada" porque se o cara for se acomodar vai ficar sempre na mesma ou dependendo do governo pra tudo. **É uma maneira da pessoa viver com as próprias pernas porque ganhar um lote de terra e ficar esperando que o governo dê tudo**, não vai acontecer nunca. Vai que dá um ano ruim, uma enchente, uma seca, vai ficar fazendo o que? (TRABALHADORA Q, 2019).

Conforme relatado pela trabalhadora, são estratégias individuais e coletivas do Movimento, que visam torná-los menos dependentes de créditos via projetos governamentais e tentar viver com “as próprias pernas”, buscando maior autonomia. Tendo em vista a lógica implementada em muitos assentamentos de reforma agrária, foi uma lógica de engenharia que ignorou os atores sociais, suas trajetórias e suas aptidões. Esses novos vínculos são estabelecidos em contextos extremamente desfavoráveis do ponto de vista estrutural para as famílias acampadas e em processo de regularização fundiária dos assentamentos. Dadas as particularidades, uma condição é um assentamento localizado na região

metropolitana de Porto Alegre, com maior possibilidade de acesso a mercados. Outra, em realidades geograficamente afastadas dos principais centros de comercialização como, por exemplo, no interior da região da campanha, motivo pelo qual, segundo um empreiteiro, os municípios de São Gabriel e Santana do Livramento são as principais procedências dos trabalhadores assentados. Em relação ao trabalho na maçã, uma das lideranças do Movimento relembra como se deu a parceria entre a maior empresa de maçã brasileira e o MST e quanto ela foi fundamental para a estruturação dos assentamentos:

[...] em 94 quando viemos pra cá fomos correndo nas empresas arrumar serviço, mas quando nós falávamos que era do Movimento, todo mundo saltava. Algumas empresas nem receberam nós. A única empresa que recebeu foi a Maçã Ltda 2, o gerente do pomar. Nós tínhamos que abrir o jogo, somos do Movimento, somos muita gente, não tem trabalho nas regiões, temos que vir aqui. Na semana seguinte ele ligou: "Oh precisamos de 30 pessoas para nós experimentar". Tinha um acampamento lá em Júlio de Castilhos, fomos lá e escolhemos só os bons colhedores. Viemos aqui e não deu 4-5 dias e disseram pra trazer mais um ônibus, 40 pessoas. Aí tomamos conta do pomar. [...] Temos muitas famílias assentadas que conseguiram melhorar as estruturas de casa, graças às frentes de trabalho, e muitos se mantiveram nos acampamentos graças ao trabalho. Eles mesmos diziam: 'nós conseguimos chegar até o assentamento por causa das frentes, conseguia sair pra trabalhar e manter nossa família debaixo da lona'. Hoje ainda várias famílias que eu conheço e sei, continuam vindo trabalhar na maçã (EMPREITEIRO C, 2019).

E destaca também três características que os tornam diferenciados dos demais trabalhadores:

O nosso pessoal do Movimento sempre com destaque, ele (proprietário do pomar) dizia: o pessoal de vocês tem 3 vantagens: uma pela **organização** de vocês que vocês se organizam diferente, a frente de trabalho vem com as equipes certa, os caras que são responsáveis; a **disciplina** do pessoal de vocês, que desde a época do acampamento a gente tem um sistema disciplinar diferente; e o **rendimento** no trabalho, o pessoal de vocês é muito mais trabalhador do que qualquer outro (EMPREITEIRO C, 2019).

A discussão das estratégias das famílias agricultoras perpassa processos migratórios e busca contornar conflitos diretos, adaptando-se às condições produtivas e reprodutivas dos mesmos. Conforme Woortmann, esses deslocamentos “[...] não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência [...]” das

famílias (WOORTMANN, 1990, p. 37), e não necessariamente ser levado à proletarianização pela inserção em atividades assalariadas (MENEZES, 2002).

Outro fator que atualmente tem modificado as dinâmicas para os assentados são as “parcerias”⁶ feitas para o plantio de soja em pequenas áreas, aumentando assim a disponibilidade da mão de obra e elevando teoricamente o potencial migratório, visto que a época do cultivo da soja coincide com a da colheita da maçã. O Movimento encara outros dilemas sobre como sustentar-se economicamente e politicamente, enfrentando questões inerentes à própria ideologia, numa certa contradição às condições objetivas do mesmo, como o caso da oferta da força de trabalho para um setor colocado até então como explorador, problematizado por um dos protagonistas desde a formação das frentes em 1994:

Nós enfrentamos algumas restrições como: vamos trabalhar pros caras ricos do agronegócio? Por mais que seja um cara que tenha mais de 3.500 hectares de maçã, 5.000 hectares de lavoura, quase 5.000 hectares pra gado, a necessidade é nossa. Mas nós tínhamos que fazer as lutas também né. A marcha pela terra. Então nós tínhamos que ter um volume alto de pessoas aqui na maçã, mas também lá não podia abandonar as peleias né. E nós conseguimos sempre conciliar o trabalho com as lutas. Até hoje nós temos organizado as frentes de trabalho, claro que bem diferente de quando começou (EMPREITEIRO C, 2019).

Aí há um elemento interessante agregado, além da disponibilidade da mão de obra e da produção de alimentos, que é o movimento de luta pela terra. A força simbólica dessa metamorfose está no que Saffioti e Almeida (1995) denominam de um processo de des-re-construção e as multifacetadas dos sujeitos, como no exemplo de uma trabalhadora podendo ser agricultora, migrante e mulher ao mesmo tempo, carregando todas as identidades, sem uma hierarquização entre elas (SILVA, 1998). Deixando de purismos, aparecem complementaridades entre setores colocados até então como inconexos, o agronegócio e a agricultura familiar.

Embora se tenha proposto o agrupamento em três diferentes “categorias de atenção”, não significa que não exista uma sobreposição de categorias e um hibridismo entre estas diferentes categorias, mas isso permite perceber particularidades. Por exemplo, um assentado pode muito bem assumir uma

⁶ Colocada entre aspas, já que quando perguntados se o plantio em suas terras de lavoura era “arrendado”, imediatamente me corrigiram: “É parceria! Se falar em arrendamento o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) pode tomar o lote” (Grifos nossos).

trajetória dos “formigas”, possuindo uma regularidade migratória ao longo dos anos. A própria migração temporária pode se tornar permanente e vice-versa. No entanto, as consequências desses deslocamentos podem, por outro lado, acarretar desestruturações e gerar um efeito contrário ao previamente planejado (WOORTMANN, 1990).

Galizoni e Ribeiro (2019) exemplificam, através da obra de Antônio Cândido, a mobilidade e suas consequências para as famílias de agricultores caipiras na obra “Os parceiros do Rio Bonito”. Segundo o autor, existem dois lados da mesma moeda com a questão migratória, com situações que assumem sentidos diversos: por um lado, permite criar condições necessárias para a reprodução da família pelo recebimento de um salário; por outro, instabiliza as relações pela dispersão, preocupação e o temor de diversas ordens como traição, instabilidade familiar, não presença do pai na criação dos filhos (GALIZONI; RIBEIRO, 2019; GUEDES, 2012). Um caso relatado por um trabalhador me comoveu. “Nosso colega de trabalho, o Zé, durante a safra passada começou a desconfiar que a esposa estava tendo caso com outro homem. Largou o serviço aqui e chegou de surpresa. Quando viu a mulher com o homem, acabou matando a mulher”

Por outro lado, jovens filhos de agricultores que buscam a sua autonomia em relação aos pais encontram no trabalho temporário a possibilidade de acumular recursos, gastando o mínimo e poupando o máximo, o que lhes possibilita alcançar os objetivos estabelecidos como a construção da nova casa, fazer a festa de casamento, fazer a compra de animais ou mesmo de uma propriedade para trabalhar na agricultura. Ocorre uma espécie de ritual de passagem, um amadurecimento para a fase adulta, em que migração marca sobretudo uma distinção entre homens e rapazes (WOORTMANN, 1990).

Galizoni e Ribeiro (2019) mencionam que no local de destino desses migrantes as novas relações eram reformuladas nos termos do universo comunitário e passavam por adaptação às novas formas de vida: os locais de destino de migrações e os tipos de trabalho desenvolvidos eram instrumentos para compreender a história migratória de um determinado grupo social, e poderiam ser lidos como permanências, oportunidades e, no limite, recursos mobilizáveis.

8 NARRATIVAS IMAGÉTICAS: O COTIDIANO E AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA COLHEITA DA MAÇÃ

Ilustração 3 - Maçã e suas lidas



Fonte: Britto (2019)

Difícil fotografar o silêncio.
 Entretanto tentei. Eu conto:
 Madrugada a minha aldeia estava morta.
 Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre
 as casas.
 Eu estava saindo de uma festa.
 Eram quase quatro da manhã.
 Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
 Preparei minha máquina.
 O silêncio era um carregador?
 Fotografei esse carregador.
 Tive outras visões naquela madrugada.
 Preparei minha máquina de novo.
 Tinha um perfume de jasmim num beiral de um
 sobrado.
 Fotografei o perfume.
 Vi uma lesma pregada mais na existência do que
 na pedra.
 Fotografei a existência dela.
 Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.
 Fotografei o perdão.
 Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma
 casa.
 Fotografei o sobre.
 Foi difícil fotografar o sobre.
 Por fim cheguei a Nuvem de calça.
 Representou pra mim que ela andava na aldeia
 de braços com Maiakovski – seu criador.
 Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
 Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
 mais justa para cobrir sua noiva.
 A foto saiu legal.

(“O fotógrafo” de Manoel de Barros em “Ensaios fotográficos”. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000).

8.1 INCORPORANDO OS APORTES METODOLÓGICOS VISUAIS

“Entre a escrita e visualidade existem laços de cumplicidade necessários” afirma Etienne Samain em seu texto de análise sobre o trabalho de Mead e Bateson, intitulado *Balinese Character*. Nela propõe uma excelente articulação metodológica entre a escrita e as imagens do *ethos* balinês, buscando compreender a construção do que é ser uma criança em Bali, pelos comportamentos sociais e condutas que a diferenciam de outras crianças (SAMAIN, 2000). *Balinese character: a photographic analysis* é trazido por este

autor como obra mítica, pelo seu protagonismo em relação aos estudos da antropologia visual e etnografia e por sua “experimentação inovadora” pela época da publicação, e que permanece como importante referência nos estudos da antropologia (MEAD; BATESON, 1942).

De igual forma, embora Malinowski seja muito mais conhecido por suas obras escritas, dentre elas “*Os argonautas do pacífico Ocidental*”, uma das principais na antropologia, a utilização fotográfica teve papel importantíssimo nas suas três principais obras produzidas como resultado de sua imersão de aproximadamente quatro anos nas Ilhas Mailu e Trobriand, em 1914. Ao analisar essas questões na obra de Malinowski, Samain (1995) aponta pontos nevrálgicos de sentidos e interpretações entre texto e fotografia:

[...] o verbal e o pictórico (desenhos, esquemas e fotografias) são cúmplices necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. Tal osmose é capital para ele. O texto não basta por si só. A fotografia, também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação (SAMAIN, 1995, p. 34-35).

Bateson e Mead propõem a organização da obra iniciando por uma introdução, seguida de uma parte escrita que busca contextualizar as diversas pranchas fotográficas que seguem e que são organizadas em dez eixos temáticos. As 48 páginas da parte escrita refletem, por um lado, a capacidade da fotografia de transmitir algo que o texto não consegue expressar e, por outro, a necessidade de um comentário mínimo, de modo que na ausência deste, a leitura pode ser problemática, visto que um mínimo de coerência é necessário para organizar e orientar os elementos construtores da imagem (SAMAIN, 2004). Além do mais, aspectos relativos às informações técnicas reforçam a importância na captação das fotografias bem como da seleção para a obra.

Grande parte da obra se debruça sobre as pranchas fotográficas organizadas por um título que sintetiza a questão que se buscou retratar. A seguir há um comentário bastante resumido, mas denso e explicativo em relação ao conjunto das situações fotografadas nas quais Samain (2004) põe esse comentário enquanto uma “ideação” no sentido de conduzir o leitor a um “encadeamento de ideias” das imagens contrastadas ou em sequência. Por fim, um detalhado comentário relativo e específico a cada fotografia é proposto, de

modo a contextualizar o cenário em foco. Nele Bateson explica como se utilizaram dessa articulação para o falar das imagens:

[...] a justaposição de duas diferentes ou contrastando fotografias já é uma etapa em direção à generalização científica [...] A afirmação introdutória de cada prancha proporciona um extremo de generalidade, enquanto que as detalhadas legendas contêm uma combinação da descrição objetiva e da generalização científica (MEAD; BATESON, 1942, p. 53).

Esta metodologia na organização das fotografias permite ao leitor a liberdade e a possibilidade de iniciar a narrativa tanto pela leitura visual ao ponto que, a fotografia possuindo uma linguagem própria exerce por si a capacidade de construção de entendimento e conhecimento que interage com o leitor, quanto pela leitura verbal norteado pelo texto que “conduz a imagem, a dirige” (SAMAIN, 2004). Permite contrastar as possíveis limitações de cada uma, visitando e revisitando quando necessário. Nessa perspectiva, a imagem não é a mera ilustração do texto assim como o texto não tem o papel de explicação da imagem, mas ambos se complementam para enriquecer a reflexão sobre os temas em questão (GODOLPHIM, 1995).

A imersão etnográfica de Margareth Mead e Gregory Bateson em Bali, por quase três anos, resultou num acervo gigante de mais de 25 mil fotografias. Além de terem realizado um trabalho de campo intenso, o fato de estarem em dois pesquisadores alinhados possibilitou com que dividissem tarefas, visto que, segundo os próprios autores, o ato de fotografar perde muito o seu valor sem o relato verbal (BATESON; MEAD, 1942). Enquanto um instrumento coletor de dados brutos, raramente me era permitido elaborar anotações mais estruturadas quando fotografava, justamente por estar sozinho em campo, cabendo esta tarefa para o final do dia quando revisitava e analisava os registros. Neste sentido, a fotografia é um “suporte de memória do fato etnográfico, propiciando assim uma análise posterior mais minuciosa do contexto e da disposição de certos elementos não verbais e não verbalizáveis” (RODOLPHO *et al.*, 2004, p.4).

Diferente do proposto por André Alves (2004) no seu trabalho sobre os *Argonautas do Manguê*, no qual ele delega os aspectos metodológicos - baseado em Bateson e Mead - a partir das fotografias para então realizar o trabalho de campo, no caso da minha pesquisa o uso da metodologia no trabalho surgiu a

posteriori, quando eu questionava como organizar e sistematizar um número considerável de fotografias, de modo que tornasse possível, minimamente, uma harmônica conjugação das mesmas. Além da organização, o fato de me basear neste referencial metodológico - mesmo que já passados 70 anos da sua publicação – permite-me dar embasamento a uma “[...] intencionalidade anterior: captar uma situação etnográfica e sociológica. Essa fotografia precisa ser capaz de transmitir as peculiaridades dessa situação para uma terceira pessoa [...]” (GODOLPHIM, 1995, p. 174) nos determinados contextos e realidades analisadas.

8.2 USO E ORGANIZAÇÃO DAS IMAGENS NO TRABALHO DE CAMPO

Mesmo sem a existência de um roteiro prévio para as narrativas, as imagens permitem ao pesquisador sustentar e construir uma linha de pensamento e do processo construtivo. Assim, quando retornei do trabalho de campo, em abril de 2019, havia construído um acervo com cerca de 700 fotografias que retratavam, dentre outras questões, os distintos momentos do trabalho na colheita e os espaços de sociabilidade dentro e fora dos pomares entre os trabalhadores. Alguns “pontos-âncora” que me permitissem “estar afetado” pelas angústias, pesares, ambições desses trabalhadores se tornaram importantes para a captura das fotografias. Pude experimentar o fato de permanecer no “mundo de dentro” de três diferentes pomares, mundo este que abrange os espaços de dentro do pomar como: alojamentos, refeitórios, escritórios, transporte, momentos de lazer e descanso. Também no “mundo de fora”, que são espaços do município como um todo, fora do pomar, nos quais o fluxo de trabalhadores é constante durante a safra: Rodoviária, Sindicato, bares e praças da cidade.

Cabe destacar que a câmera assume posição comunicativa importante no trabalho de campo, transcendendo de olhar apenas nas diferenças entre o pesquisador e os grupos pesquisados (BARROS *et al.*, 1998). Ela funciona como ferramenta reflexiva sobre as situações, tanto para mim, proporcionando uma análise posterior mais atenta, quanto para os trabalhadores, ao mostrar as imagens, dado que as mesmas podem revelar aspectos de interesse por aqueles fotografados, na medida em que refletem e problematizam as suas próprias realidades (GURAN, 1998). Recordo quando mostrei uma fotografia para um tratorista após ele “banhar” as macieiras - assim chamado o ato da pulverização

por agrotóxicos - em que, se enxergando no meio da névoa pulverizada, associou a situação à intoxicação que havia tido na noite anterior: “Ontem banhei até as 10 horas da noite. Cheguei em casa e vomitei tudo depois da janta. Não usei EPI. Nem contei pra minha mulher senão ia levar mijada”. Portanto, seu uso não como mera ilustração, mas com a capacidade de ressaltar aspectos e momentos significativos da realidade estudada, como mencionado em *Balinese character*: “Nós utilizamos as câmeras no nosso trabalho de campo como um instrumento de registro, e não como um mecanismo para ilustrar nossas teses” (BATESON; MEAD, 1942; GURAN, 1998) e reconstituir a atmosfera das situações experimentadas “nas cores que elas se apresentavam, criar um ambiente de verossimilhança e, por conseguinte, de persuasão” (GODOLPHIM, 1995, p. 169).

Realizei algumas fotografias coloridas, no entanto a experiência obtida nos pomares com a incidência de luz intensa tornou a fotografia em preto e branco mais interessante do ponto de vista técnico e estético para o trabalho proposto ao ponto que delega uma grande importância às texturas, formas e expressões corporais (ALVES, 1998). O imaginário da maçã coberta pelo seu epicarpo vermelho intenso, brilhante e colorido é contrastado com a fotografia em preto e branco, com o intuito de ganhar maior poder de penetração e interpretação das situações pelo leitor (GURAN, 1992).

O primeiro passo foi a seleção do material que apresentasse elementos representativos dos processos sociais no cotidiano e portasse qualidade técnica cabível de representar determinadas ideias. Posteriormente foram impressas 140 fotografias em papel encerado de tamanho 10x15 centímetros, com as quais, para melhor visualização, montei um grande painel em tecido não-tecido (TNT) com cola reposicionável. Isso me permitiu ir constantemente remontando, já que a fotografia é a eclosão de significações, num fluxo contínuo de pensamentos capaz de suscitar ideias (SAMAIN, 2012) e resultando em 70 fotografias organizadas em dez grandes eixos temáticos. Pensar em eixos temáticos foi fundamental para lapidar uma coerência sólida neste conjunto, questão pela qual optei por reuni-las todas juntas neste capítulo à parte. A proposta é partir de uma visão do grande espaço e aos poucos mergulhar e desvendar os protagonistas existentes na execução do trabalho da colheita, os diversos espaços de socialização, permeados por problemáticas e virtudes. As pranchas são, nesta ordem, agrupadas em dez eixos temáticos, nomeadas de: O grande espaço; Mãos que

colhem, pés que migram; A diversidade dos trabalhadores na rotina do pomar; A cancha e os cancheiros; Entre viver no lugar de trabalho e trabalhar no lugar onde se vive; A vida em seus fluxos nos pomares; Maçã: mã? sã?; Entre-tempos de esperas e descansos; Maçã enquanto coisa; e Abertura oficial da colheita da maçã.

No que diz respeito a esse quebra-cabeças na organização imagética, são falados em “modelos de apresentação” para se referir aos diferentes aspectos que envolvem as pranchas fotográficas. Samain (2004) analisa a obra de Bateson e Mead e destaca primeiramente a disposição das imagens dentro de uma mesma prancha e como é o percorrer desse circuito visual: ora horizontal e linear como quando se lê um texto, ora na vertical e de cima para baixo, propondo que os olhos percorram de formas diferentes a narrativa. Além do mais, atenta-se ao número de imagens por prancha, no caso de *Balinese Character*, as 769 fotografias foram apresentadas em pranchas com, no mínimo, seis fotografias e no máximo treze, o que permitia que fossem visualizados maiores ou menores detalhes. Aliada à quantidade de fotografias por prancha, a composição entre diferentes tamanhos de fotografia e eventual montagem ou manipulação permite “brincar” de forma séria e coerente, abrindo infinitas possibilidades de criação.

Ao falar em “modelos de apresentação”, Samain (2004) destaca os componentes fotográficos que serão combinados e darão “elementos sógnicos capazes de despertar, sugerir ou revelar este ou aquele traço” abordando dois diferente modelos: o modelo sequencial e o modelo estrutural. Nos casos de pranchas sequenciais, pode-se obter resultados interessantes pela fluidez que permite deslizar na leitura, colocando em foco perante as mesmas cenas fotografias captadas em intervalos que variam em tempo, dando assim uma sensação de movimento (Ver prancha 8). Já no modelo estrutural, busca-se compor as pranchas através de uma proposta temática comum, agrupando imagens de lugares e momentos diferenciados que acaba por causar certo “estranhamento”, conduzindo o leitor a penetrar em cada uma das imagens, buscando identificar elementos que as conecte (Ver prancha 16). Assim sendo, a parte escrita que acompanha assume papel de fio condutor em que:

Uma e outra, à sua maneira e com a sua singularidade (ora enunciativa, ora ilustrativa, ora despertadora), complementam-se. A escrita indica e define o que a imagem é incapaz de mostrar. A fotografia mostra o que a escrita não pode enunciar claramente (SAMAIN, 2004, p. 61).

Buscando trazer a complexidade e as diferentes realidades desses trabalhadores em suas trajetórias de vida, as ferramentas da narrativa visual utilizadas e, metodologicamente organizadas, auxiliam ao trazer elementos que traçam paralelos com a escrita, surtindo efeito não simplesmente como complemento, mas como ferramenta de análise de questões sociológicas do vivenciado na realidade de indivíduos que são, muitas vezes, invisibilizados e, conseqüentemente, seu protagonismo é desconhecido dentro do sistema produtivo.

Num primeiro momento a atenção se voltava às mãos e aos pés dos trabalhadores. As mãos, pelo fato de representarem uma extensão do corpo, órgãos da razão e da comunicação - já que também falam - usadas por uns para assinar papéis que influenciarão um todo, por outros para levantar construções ou produzir alimentos. Para Aristóteles, “a alma é como a mão, pois a mão é o instrumento de todos os instrumentos”, neste caso a principal ferramenta de trabalho, representando uma das categorias analisadas. Já os pés, por representarem outra categoria tratada, que diz respeito ao processo migratório temporário, de deslocamentos constantes. No percorrer do trabalho de campo fui captando novos focos através da fotografia e trazendo a diversidade desses trabalhadores e suas relações de trabalho nos vários espaços do cotidiano. Se o corpo é dizível, busquei também torná-lo visível, carregando marcas e expressões materializadas em fragmentos que se enredam entre as distintas relações. Diferente dos métodos tradicionais de pesquisa, a fotografia “expõe o visível, mas, sobretudo, torna visível o que nem sempre é visto” (GURAN, 2011, p. 92).

Segundo Godolphim (1995, p. 167), a fotografia se mostra também “como um elemento de interação na devolução do material, estimulando a relação com o grupo estudado e abrindo um campo de diálogo, de expressão da memória e das reflexões dos informantes sobre as imagens devolvidas”. No entanto, pelo fato da pesquisa analisar um fenômeno temporário cuja grande parte de seus interlocutores são trabalhadores que se deslocam sazonalmente durante um período delimitado para a colheita, torna a seleção, análise conjunta do material e devolução difíceis de serem conciliadas. Eu gostaria de retornar na próxima safra

para discutir o material impresso com os trabalhadores, ouvir suas percepções e avaliar se as fotografias são, de fato, representativas para os interlocutores.

Portanto, desafiado a revelar o protagonismo dos trabalhadores através da linguagem visual num contexto em que os sistemas produtivos tendem a obscurecer as relações vividas e homogeneizar as pessoas que movimentam a engrenagem do desenvolvimento, a fotografia nesta pesquisa, assim como para Guran (1998), permite evidenciar formas de comportamento e relações sociais geralmente naturalizadas pela vida cotidiana, dando pistas para a compreensão daquilo que é guardado no mais impenetrável dos seres humanos. Eis aqui o esforço de apresentar um ensaio, uma tentativa de desenvolver um espaço de experimentação que demonstra o potencial das imagens, propondo outras linguagens na construção do conhecimento científico, nas quais é "o olhar do antropólogo que fixa a fugacidade do 'fato social', que capta a beleza, que identifica técnicas e tecnologias, que, enfim, nos dá a oportunidade de 'ver' e, espera-se, de admirar e amar aquilo que não é espelho [...]" (MAGALHÃES, 2002, p. 16). Diante de um mundo e de uma sociedade cada vez mais movidos e conectados pelas mídias digitais, o uso da fotografia nas pesquisas, no âmbito das ditas ciências "duras" ou "brandas", assume essa aproximação de uma linguagem mais acessível e horizontal entre pesquisadores e sociedade na construção do conhecimento. As pranchas a seguir revelam "trechos" que ligam as pontas do cotidiano do trabalho e abrem caminhos para novas discussões. Para melhor visualização e leitura das pranchas, recomenda-se a opção da exibição de duas laudas por página.

8.2.1 O grande espaço (Prancha 1)

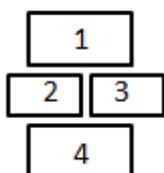
Ao olhar de longe, uma primeira “leitura do espaço” dá a impressão de um “mar” de macieiras, com telas enormes que cobrem pomares em grandes áreas, protegendo as plantas e frutas das possíveis perdas por granizo. Na medida em que se adentra em meio a esses grandes maciços frutícolas, cortados por estradas que se cruzam e descruzam feito labirintos, descortina-se a presença de trabalhadores temporários que circulam e se encontram em meio à imensidão dos pomares.

Dispostas em fileiras separadas numa distância de 4 metros entre linhas e 80 centímetros entre plantas, as macieiras formam um verdadeiro mosaico sobre as coxilhas vacarianas. Por demandar polinização cruzada entre as variedades, na época da floração - que ocorre de meados de setembro a outubro - são introduzidas de três a quatro colmeias de *Apis mellifera* por hectare, onde as principais variedades cultivadas, Gala e Fuji, são plantadas na proporção de 4 fileiras para 1, respectivamente, pelo fato desse tipo de polinização ser feita grande parte por abelhas.

Fotos 1 e 4 - A ocorrência frequente de granizo, principalmente durante o período de maturação da fruta, tem obrigado muitos pomicultores a cobrirem os pomares com tela antigranizo de diversas cores. Embora pesquisas busquem apontar a influência da cor da tela em relação à produtividade, ainda não se têm resultados consistentes quanto à influência, formando, assim, mosaicos coloridos pelo território. No caso retratado, são telas de cor branca que, além de fazerem a proteção contra o granizo, tornam o ambiente mais agradável de trabalhar no árduo verão pelo sombra fornecida.

Fotos 2 e 3 - Nesta imensidão frutícola, quando se adentra pelas estradas que cortam os pomares durante a colheita percebe-se a presença de várias turmas de trabalhadores, cochichos que permitem localizar as turmas que se deslocam colhendo de entrelinha a entrelinha, carregando seus “bocós”. O “bocó” é a sacola de fundo falso feito normalmente de algodão, fechada com fivelas que facilitam o descarregamento de forma mais suave, rolando os frutos lentamente. Nela os trabalhadores chegam colocar até 20 kg de maçã por vez.

Sequência





8.2.2 Mãos que colhem, pés que migram I (Prancha 2)

“La mano es la herramienta del hombre, su libro Diario, el instrumento que registra su temperatura espiritual y social. Por la forma en que se emplea y se da resultan clasificadas las vidas”

(Autor desconhecido)

Por trás de cada maçã são muitas as mãos pelas quais ela passa e por trás de cada mão são muitas as maçãs que passaram. São elas a principal ferramenta utilizada durante a colheita que, ao mesmo tempo, demanda que elas sejam ágeis, delicadas e resistentes. Mãos que chegam a colher mais de 15.000 frutos por dia, que vão buscar no mais alto da ponta das macieiras até cuidadosamente serem organizadas nas caixas. Mas de que seriam as mãos sem os pés?

Foto 1 - Às vezes é necessário se esticar o máximo para que as mãos alcancem os ramos mais da ponta, se contorcendo e contornando galhos para pegar a maçã da melhor maneira.

Foto 2 - Os mesmos pés que se deslocam de muito longe, vestem calçados que não são os mais recomendados, muitas vezes porque os trabalhadores não têm condições de adquirir calçados apropriados onde nem todas as empresas os fornecem.

Foto 3 - Para alguns tipos de trabalho no pomar é exigido o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), como luvas que mostram a importância da proteção pelo estado de uso.

Foto 4 - De acordo com um trabalhador, muitos preferem não usar os EPI's pelo excesso de calor e incômodo gerados. Mão que leva uma cicatriz de 9 pontos e uma semana de repouso sem poder trabalhar. O trabalhador não via a hora de retornar ao trabalho, mesmo estando afastado e recebendo salário.

Foto 5 - Mãos que cuidadosamente colocam as maçãs colhidas no “bocó”.

Foto 6 - Do “bocó” as maçãs são colocadas nos bins, que são caixas de madeira com capacidade para mais de 400 kg de maçã. Ali são pré-classificadas, eliminando frutos podres e fora de padrão. As mãos que cuidadosamente as separam aproveitam também para pitar um cigarro.

Sequência

1	2
3	4
5	6

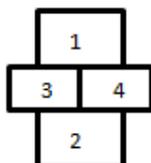


8.2.3 Mãos que colhem, pés que migram II (Prancha 3)

Fotos 1 a 4 - Sequência que mostra o processo cuidadoso, ágil e certo de classificação das maçãs. As frutas devem ficar até o nível que não ultrapasse o limite para que o “bins” que for colocado por cima não esmague as maçãs, causando um grande problema e foco de proliferação de bactérias caso as frutas forem destinadas ao armazenamento em câmaras frias. Nesse processo veloz as frutas são colocadas

individualmente e não roladas de um lado para outro para evitar as diversas batidas, gerando o que é chamado de “Dano mecânico” na fruta, uma espécie de hematoma. Todos os trabalhadores e trabalhadoras que trabalham na colheita, mais especificamente na classificação, são orientados a manterem as unhas bem curtas, evitando pequenas perfurações que se tornam vetor de entrada de bactérias e fungos.

Sequência





8.2.4 A diversidade dos trabalhadores na rotina do pomar I (Prancha 4)

Esta, junto com as próximas pranchas que seguem, busca adentrar no “mundo de dentro” do pomar, trazendo as muitas realidades de origens, culturas e tons na atividade de colheita, onde trabalhadores do interior do Rio Grande do Sul, indígenas, imigrantes, agricultores do MST e trabalhadores da cidade (con)vivem durante alguns meses, mas que carregam objetivos similares: a busca de melhorias de vida. O trabalho da colheita inicia cedo da manhã, com parada para o almoço e depois segue até o final da tarde. As equipes são reunidas em número que varia de 6 a 10 trabalhadores, normalmente colocados por afinidade ou quando não se conhecem e estão avulsos, as equipes são montadas pelo próprio monitor. O conjunto de equipes forma uma turma na qual há o monitor como o responsável pela supervisão e as diversas questões que envolvem a colheita e os trabalhadores. Cabe ao monitor verificar: se a fruta está sendo colhida no ponto de maturação desejada; seu tamanho correto; a presença de danos mecânicos ocasionados pela colheita incorreta e quando os frutos são despejados sem o devido cuidado; a produtividade por equipe; e os conflitos entre os trabalhadores. Portanto, existe a capacitação dos colhedores de primeira viagem e dos velhos marinhoiros, ensinando e relembrando os cuidados para uma colheita sã. Conforme um monitor são os próprios monitores que regem a orquestra que no período da colheita tudo deve estar bem afinado para que o andamento ocorra de forma harmônica. Eles também fazem a mediação entre questões que atinjam os trabalhadores e a empresa.

Foto 1 - Valmilianto dos Reis é agricultor e assentado em Santa Margarida do Sul (RS). Sobre o plantio em seu lote e o trabalho na maçã ele comenta: “Deixamos um monte de coisas plantadas lá: aipim, batata-doce, um monte de pé de arvoredo. Quando voltar vai tá na época de colher. Essa época não é de muito trabalho na roça, aí pra cá tem serviço”.

Foto 2 – Lauro, de Minas Gerais, trabalhou a vida toda como armador de ferragem e veio pela primeira vez a Vacaria.

Foto 3 - Antônio Nunes Vargas é assentado em São Gabriel (RS). Ele comenta que essa mistura de farinha e água que passa no rosto é pra não suar muito e para se proteger dos agrotóxicos. “Eu boto uma farinha de trigo pra não suar, desaparece, derrete tudo. Não é protetor. Aí não desce o suor e protege do veneno também. Essa poeira, quando ela seca fica aqui, mas quando tá molhada vai puxar tudo pra roupa”.

Foto 4 - Trabalhador temporário com origem na região das Missões, planalto do Rio Grande do Sul.

Foto 5 - “Bilaia”, de São Nicolau (RS), fazendo a conhecida “junta” das maçãs caídas no chão com o uso do balde e que serão destinadas à indústria para processamento. Do ponto de vista fitossanitário é importantíssimo que seja deixado o menor número possível de frutas a campo, visto que servirão de inóculo de doenças para o ciclo seguinte. Economicamente, o preço pago varia de R\$ 0,15 a 0,20 por quilo, relativamente pouco, mas com a quantidade coletada acaba se tornando economicamente viável para a empresa.

Foto 6 - Monitor Fernando, realizando anotações sobre o controle da produtividade das equipes.



Sequência

1	2
3	4
5	6

8.2.5 A diversidade dos trabalhadores na rotina do pomar II (Prancha 5)

Cada trabalhador recebe um boné com proteção para sol na nuca - tipo “árabe”-, um “bocó” para a colheita e um copo retrátil para água que fica pendurado na cintura. As tarefas na equipe são divididas entre aqueles que vão fazer a colheita da parte mais baixa da planta - normalmente são designados para a função mulheres ou trabalhadores mais velhos ou com alguma dificuldade de locomoção - na grande maioria essa equipe é composta por dois trabalhadores, um em cada fileira. Existem também os “escadistas”, responsáveis por colher as frutas localizadas nas partes mais altas das macieiras que podem ultrapassar seis metros de altura. As escadas são disputadas porque existe a preferência pelas mais levianas, já que os modelos mais antigos feitas em ferro pesam acima de 15 quilos. Equilibrando-se num sobe-desce os trabalhadores percorrem filas e filas de macieiras. Um deles chamou minha atenção durante a colheita e me disse que do jeito que eu fazia iria me cansar rápido: “Tu tem que subir na escada com o “bocó” vazio e descer com ele cheio, subir com maçã cansa muito”. Os que colhem no baixo têm um rendimento maior do que os “escadistas” por não gastarem tempo subindo e descendo escadas. Além desses colhedores, existe o responsável por recolher as sobras de maçãs do chão, normalmente podres, que serão destinadas para a indústria, principalmente para a fabricação de vinagre, suco e xarope. Neste caso, ao invés de usarem os “bocós” utilizam baldes de 20 litros.

As maçãs colhidas são depositadas cuidadosamente nos “bins”, dos quais um ou dois classificadores retiram as folhas trazidas junto e fazem uma pré-classificação de frutos que tenham alguma podridão, ausência de pedúnculo ou verdes. Esta tarefa é, em grande parte, realizada por mulheres. Conversando com uma classificadora, perguntei-lhe por que a classificação era feita por mulheres e ela me respondeu: “A Gente fica na classificação porque sabe né, a gente tem muito mais cuidado que os homens”. Para completar a equipe, o tratorista cobre os “bins” com plástico-bolha para proteger as maçãs e quem puxa a carreta com o que foi colhido, cabendo-lhe ficar atento à distância dos colhedores, para não ficar nem tão perto nem tão longe.

Fotos 1 e 2 - Equipes em pleno trabalho na colheita. Entre colher no baixo e na escada, os trabalhadores revezam e carregam seus “bocós” e escadas. São feitas de duas a três passadas durante a safra para colher as frutas no ponto de maturação desejado. A última passada é o chamado “rapa”, na qual todas as frutas, independente de tamanho e maturação, são colhidas em uma “operação de guerra”.

Sequência

1	2
3	4
5	6

Foto 3 - Jovem indígena da aldeia *Vuturu*, de Benjamin Constant (RS), trabalhando na escada durante a colheita.

Foto 4 - Trabalhadores terminando a colheita numa fileira e se encaminhando para entrar em outra.

Fotos 5 e 6 - As equipes variam de 6 a 10 trabalhadores, dependendo da quantidade de frutas e da demanda da empresa em colher. Maranhão, Piauí, Haiti, Rio Grande do Sul e Belém são algumas das origens destes trabalhadores da foto, demonstrando a intersecção de muitas realidades convivendo nos pomares. Além do mais, percebe-se que são homens, caracterizando um ambiente de trabalho extremamente masculino.



8.2.6 A cancha e os cancheiros (Prancha 6)

Enchidos os “bins” de maçãs, o tratorista os descarrega no local conhecido como “cancha”, que consiste numa estrutura protegida com telhado e sombrites nas laterais para a proteção do sol. Lá o trabalho é dividido entre a brutalidade do descarregar, os “bins” cheios e carregar os vazios, bem como a seleção e os encaixes milimétricos das maçãs antes de serem transportadas para as câmaras frias, onde serão armazenadas, ou então diretamente comercializadas. É também lá que são consertados os “bins” que possuem tábuas quebradas ou podres.

Quem trabalha na “cancha” se reconhece como “cancheiro” ou “cancheira”, visto que é um dos espaços em que a divisão sexual do trabalho salta aos olhos, cabendo aos homens a brutalidade do (des)carregar bins e às mulheres a delicadeza da seleção.

Foto 1 - Na parte de classificação e anotação das quantidades de “bins” é mais comum a presença feminina. Onde a trabalhadora indígena apoia a sua mão esquerda está uma etiqueta que carrega dados importantes como: variedade da maçã, data da colheita, monitor responsável e um número que permite rastrear a quadra na qual foi colhida.

Foto 2 - O local da cancha é protegido por sombrites nas laterais e o trabalho dos classificadores deve ser ágil, onde máquinas constantemente entram e saem carregando os “bins”.

Foto 3 - Quando não existe o sombrite para a proteção do sol, as canchas funcionam ao lado de árvores que fazem sombra. Zé é morador de Vacaria e já perdeu a conta de quantos anos trabalha na maçã.

Fotos 4 e 5 - Cada equipe possui seus próprios cancheiros. Na parte de conserto, carregamento e descarregamento trabalham de dois a três trabalhadores, sendo um trabalho extremamente pesado e bruto. Os “bins” são deslocados pelo tombamento constante até chegar ao local almejado.

Foto 6 - Saindo da cancha, os “bins” são empilhados em caminhões, numa espécie de quebra-cabeças, pelo tratorista. A habilidade de muitos deles permite que o trabalho seja feito de maneira incrivelmente rápida e precisa, sabendo-se do risco que é a queda de uma caixa pesando quase meia tonelada para os trabalhadores.

Sequência

1	4
2	5
3	6



8.2.7 Entre viver no lugar de trabalho e trabalhar no lugar onde se vive (Prancha 7)

O distanciamento geográfico entre os pomares e a cidade faz com que a maioria das empresas opte por montar toda a infraestrutura de alojamentos e refeitórios dentro da área dos pomares, criando-se uma rotina de trabalho que não varia muito entre café da manhã, trabalho, almoço, descanso, trabalho, janta e descanso. Após o retorno do trabalho no turno da tarde e antes do período da janta há um “tempo livre” maior que muitos aproveitam para subir a colina para buscar sinal de telefone e tentar contato com os familiares distantes. Os que ainda possuem energia formam times para o futebol no campo - normalmente ao lado dos alojamentos - ou também para cuidar da aparência e fazer o corte de cabelo. Os experientes no corte já levam consigo os equipamentos e tiram um “extra” nos momentos de folga, ao passo que os companheiros também se beneficiam do serviço.

O alojamento é organizado conforme a empresa. Aquelas nas quais eu pude permanecer variam de quartos para 8 até pavilhões para 50 trabalhadores, sempre dispostos em beliches. Alguns quartos dispõem de televisões trazidas ou compradas de forma compartilhada pelos trabalhadores e de potentes equipamentos de som, criando um espaço de sociabilidade. A lavagem das roupas de trabalho fica por conta dos trabalhadores, que aproveitam para fazer essa tarefa no domingo, dia em que o trabalho é opcional. A fila na hora de comer é disputada, onde alguns trabalhadores garantem lugar até meia hora antes de ser servido, os chamados “boca de rango”.

Foto 1 - O dormitório, ao fundo, é dividido em vários quartos. Neste caso eram 16 quartos, cada um com capacidade para dez trabalhadores. Compridas cordas formam varais imensos com as roupas de trabalho lavadas pelos trabalhadores.

Foto 2 - Os refeitórios também fazem parte do complexo do alojamento. O momento da alimentação é sagrado para os trabalhadores que buscam repor as energias gastas durante o trabalho. Existe uma logística para atender a todos, de modo que a cada 15 minutos chega uma nova turma e alguns refeitórios chegam a servir mais de 300 refeições. Arroz, feijão, massa e carne é o cardápio básico diário, variando entre carne bovina, suína e de frango. As mesas são dispostas formando grandes “ceias” silenciosas.

Fotos 3 e 4 - Alguns trabalhadores chegam a ficar 5 meses seguidos durante a safra. Assim, buscam também cuidar das aparências. Do cabelo raspado aos estilosos cortes da moda, o corte de cabelo é realizado

diariamente pelos “cabeleireiros” do pomar, formando inclusive filas. O pagamento muitas vezes é negociado para o dia do recebimento do salário, já que algumas vezes os trabalhadores não possuem dinheiro para o pagamento à vista.

Fotos 5 e 6 - Dispostos em beliches, os alojamentos são um local de socialização, formando algumas rodas de conversa. Além do mais, alguns trabalhadores chegam a fazer “vaquinhas” para comprar televisões que também viram centros de socialização, seja para assistir notícias ou jogos de futebol.

Fotos 7 e 8 - Retornando do turno da tarde, muitos trabalhadores chegam ainda com energia e vão direto para o campo de futebol. A maioria dos pomares possui um campo de futebol junto ao alojamento ou próximo dele, onde nos finais de semana são combinadas partidas, inclusive com times de outros pomares, criando assim pequenas competições. Os que não jogam ficam ao redor fazendo comentários e dando risadas.



8.2.8 A vida em seus fluxos nos pomares (Pranchas 8 a 10)

A imensidão formada pelos mosaicos de macieiras faz com que se formem verdadeiros labirintos com estradas que conectam as diferentes quadras - assim separadas as glebas das áreas - dentro do mesmo pomar. Dependendo da empresa, chega-se a um deslocamento de mais de 20 km dentro do mesmo pomar, fazendo com que haja um transporte que leve os trabalhadores dos alojamentos à quadra de colheita e vice-versa. Além dos trabalhadores alojados, existem os “fichados” que moram na cidade e se deslocam diariamente com o ônibus da empresa para o pomar.

É preciso ficar atento aos horários e aos ônibus, visto que os fluxos são constantes e fáceis de se confundir, assim como se antecipar caso se queira ter um assento. Num determinado dia passei do ponto onde iríamos almoçar e tive de aguardar o próximo horário. Os humores e ânimos são perceptíveis nos diversos horários do dia: pela manhã o silêncio predomina e as conversas são poucas dentro do ônibus. Na hora do almoço é uma correria para chegar logo no refeitório.

Fotos 1 a 3 - Itarci de Souza é de Vacaria e trabalha de motorista de ônibus, dentro do pomar levando e trazendo os trabalhadores que estão alojados na empresa, e fora no transporte dos trabalhadores que moram na cidade. Além de motorista também trabalha de mecânico na oficina da empresa e comenta que na época da safra “*é um agito, não para*”.

Fotos 4 a 6 - Os ônibus que chegam e saem, muitas vezes, vêm lotados de trabalhadores, tornando a entrada um desafio. Isto faz com que muitos sejam rápidos para garantir lugar sentados. No entanto, algumas vezes os ônibus chegam vazios.

Foto 7 - As múltiplas formas de se locomover pelo pomar: mesmo causando alguns estranhamentos, em alguns casos aproveitei para realizar os trechos em bicicleta. Isso me permitia maior autonomia para parar ou seguir quando algo me chamava atenção.

Foto 8 - Alguns trabalhadores se deslocam caminhando com parte de seus pertences pelo território. Conheci dois casos de trabalhadores que chegaram a Vacaria a pé, um vindo de Curitiba (PR) e o outro de São Paulo (SP), uma jornada de muitos desafios.

Foto 9 - Trecho em estrada de chão em movimento dentro do pomar.



1



2



3



4



5



6



7



8



9

8.2.9 Maçã: Má? Sã? I (Prancha 11)

Ao circular por dentro dos pomares, seja noite, seja dia, um barulho - vezes mais intenso, vezes menos - acompanha a quem transita no local de trabalho. São as turbinas dos pulverizadores operados pelos tratoristas que fazem o “banho” - assim chamado o ato da pulverização por agrotóxicos. Tratando-se de uma espécie consideravelmente sensível, a macieira é bastante suscetível ao ataque de fungos, insetos e bactérias, chegando a ultrapassar 40 aplicações durante o ano. *Glomerella*, *câncro*, *grapholitta*, *mosca-das-frutas* são alguns dos agentes não-humanos com os quais as batalhas são travadas. De acordo com o gerente de um dos pomares “Quando chove, então, não se pode esperar dois dias para “banhar”, se não a *glomerella* toma conta”.

Fotos 1 a 3 - Os mesmos tratoristas que trabalham nas equipes puxando as carretas durante a colheita, trabalham no pós-expediente na pulverização das macieiras. Muitas vezes adentram noite afora com a ajuda da iluminação dos faróis, aproveitando que durante a noite a temperatura é mais amena e o vento tem menor intensidade. Formam-se legítimas nuvens pelos pomares e

muitas vezes os trabalhadores sequer sabem os produtos que estão sendo aplicados. Dependendo da empresa, o trator possui cabine ou não, o que ajuda na proteção do trabalhador à exposição dos agrotóxicos. Há, porém, os que preferem os não cabinados porque permitem que o ar circule melhor, parecendo ter menos efeito acumulante sobre o trabalhador.

Sequência





8.2.10 Maçã: Má? Sã? II (Prancha 12)

Entrepósitos onde são feitos o abastecimento e a limpeza dos equipamentos se dispõem ao longo dos pomares e levam frases ressaltando as precauções e cuidados a serem tomados em relação aos agrotóxicos. Obviamente, deve (ou deveria) ser respeitado o período de carência, que é o intervalo de tempo entre a última aplicação do agrotóxico e a comercialização ou consumo do produto. O período varia de acordo com o princípio ativo, bem como os níveis dos princípios ativos variam de acordo com o país de destino da venda da maçã.

Portanto, são contradições existentes às próprias práticas da agricultura. Ao passo que se cria todo um aparato de marketing estimulando o consumo diário de maçã, enquanto fruta benéfica e saudável, por outro lado, safristas que diariamente trabalham na colheita estão diretamente em contato com os princípios ativos, seja respirando ou através da pele com substâncias que, a longo prazo, acarretam diversos problemas à saúde. Portanto, seriam estas frutas más ou sãs? Para que(m) e a que custos?

Fotos 1 a 3 - Os vários entrepósitos de recolhimento de embalagens utilizadas e de preparo e abastecimento das caldas nos

pulverizadores. As várias sinalizações indicam as mensagens dos riscos existentes.

Sequência

1

2

3



8.2.11 Entre-tempos de esperas e descansos (Pranchas 13 a 15)

Conforme já mostrado nas pranchas 8 a 10, os trabalhadores devem pegar o ônibus do alojamento e do refeitório para chegar até a quadra na qual se dará a colheita no dia e vice-versa. São nesses pequenos intervalos e na espera do motorista que se dá um espaço-momento de socialização, seja para conversar sobre o andamento da colheita, seja para fumar um cigarro. Algumas vezes o intervalo é mais prolongado, visto que após encher os “bins” o tempo existente até a chegada do ônibus não compensa, pois quando se inicia a encher o “bins” deve-se completá-lo até o fim, de modo a enviar a carga para a cancha onde estará protegida do sol intenso e do chamado “golpe de sol”, causando manchas claras que resultam numa aparência não desejada e perda de valor de mercado.

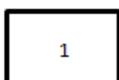
O momento pós-almoço é também sagrado para os trabalhadores. Alguns aproveitam para dar uma “esticada” nas sombras das árvores ou mesmo dentro do alojamento, buscando recompor as energias para o trabalho no período da tarde.

Fotos 1 e 2 - No calor do verão qualquer sombra é bem vinda. Após o almoço é momento de pausa e breve descanso, inclusive ao lado dos “bins” de maçã.

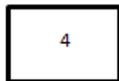
Fotos 5 e 6 - Reunidos no aguardo do ônibus para o almoço, aproveitam o intervalo para fumar cigarros de palha.

Fotos 3 e 4 - Enquanto esperam a chegada do ônibus para o almoço, trabalhadores escoram-se nas ferramentas de trabalho, suas escadas.

Sequência

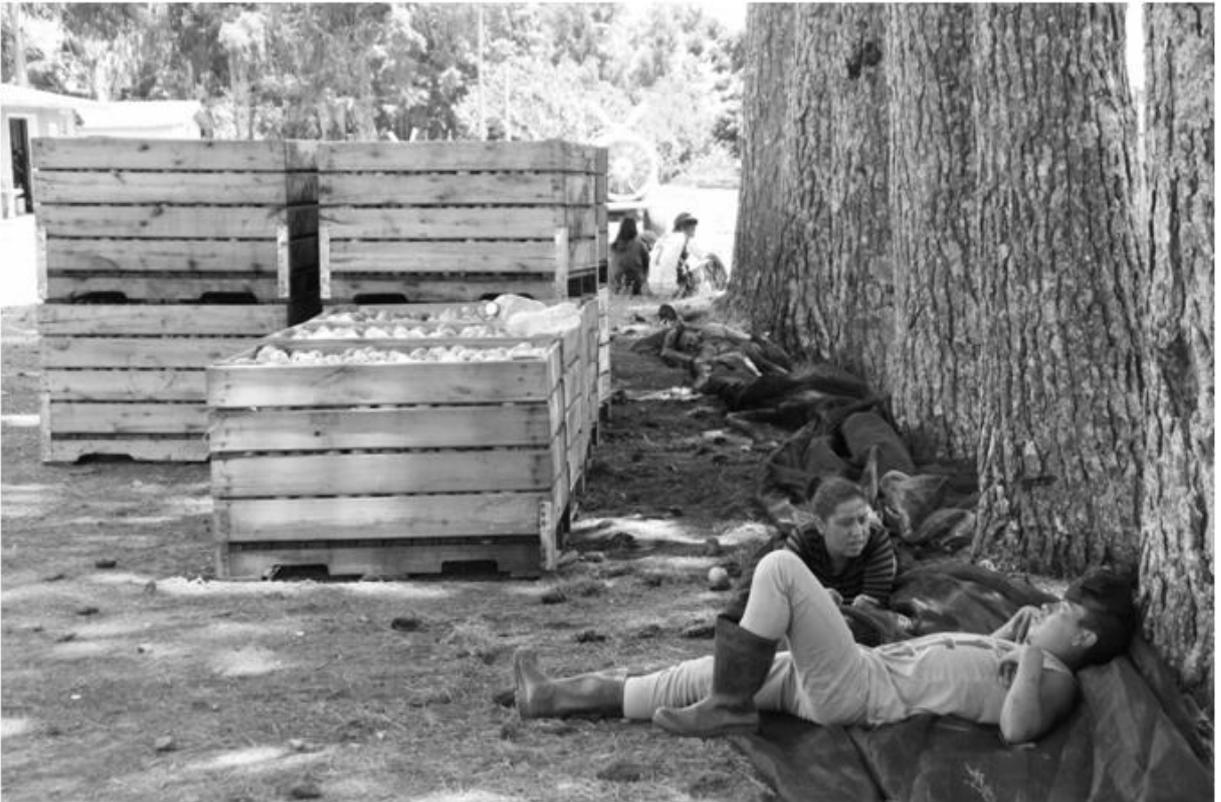


Sequência



Sequência









8.2.12 Maçã enquanto coisa (Prancha 16)

A maçã se estabelece de tal maneira na região ao ponto de se tornar um símbolo. Mas assim como todas as simbologias, cada pessoa o enxerga a partir de seu entendimento e de seu modo de vida, fazendo dela os mais diversos usos. Mais do que tudo, a maçã é uma importante fonte de renda para diversos trabalhadores, sendo para muitos - em suas palavras - "o ganha pão de cada dia". No entanto, a maçã cria possibilidades para se tornar várias outras "coisas", de um monumento às vistas de quem chega a Vacaria ao divertimento do malabarismo entre as mãos dos trabalhadores, a criatividade numa rotina de trabalho dia após dia é livre para se pensar.

Foto 1 - Monumento que está numa das avenidas de acesso da cidade faz referência à "Capital Nacional da Maçã", embora Vacaria seja atualmente ao 2º município maior produtor nacional da fruta.

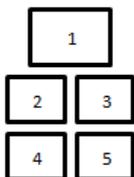
Foto 2 - Éderson Campos brinca no malabarismo com as três maçãs juntadas do chão.

Foto 3 - As maçãs podres e fora de padrão também têm seu uso e são muitas vezes colhidas do chão. Seus principais usos são para a indústria na fabricação de vinagre e de uma espécie de xarope concentrado da fruta, muito comercializado com o Japão.

Foto 4 - O ato de "fumar na maçã" também é bem conhecido. Perfura-se a fruta de ponta a ponta, transformando-a numa espécie de cachimbo e em uma das pontas se coloca o cigarro e na outra se fuma para dar um "gostinho".

Foto 5 - A fé é também um sentimento bastante presente entre os trabalhadores. Na entrada dos alojamentos de uma das empresas um Cristo de quase um metro, feito de cimento e de braços abertos, abençoa os trabalhadores que se achegam para fazer seus pedidos. Sobre a sua cabeça foi colocada uma maçã, madura e perfeita, parecendo uma espécie de "Padroeiro" dos trabalhadores.

Sequência





8.2.13 Abertura oficial da colheita da maçã (Prancha 17)

Anualmente, durante o início da safra da maçã em Vacaria, autoridades se reúnem para discutir as demandas do setor para os próximos anos, principalmente questões de políticas públicas e renegociação de dívidas. Após a solenidade da abertura oficial de 2019, empresários, prefeitos, governador, secretário da agricultura, deputados, senadores e presidentes de associações se deslocaram a uma propriedade para serem fotografados por uma dezena de fotógrafos e repórteres que buscavam o melhor enquadramento para suas notícias e mídias sociais. A fotografia pode tornar um relato mais rico em detalhes, no caso de um pescador, pode comprovar o tamanho do peixe em sua mão. Se o mesmo comprou o peixe para a foto, talvez aqui pouco importa, já que a foto também “pode confirmar uma mentira significativa”, uma encenação (RODOLPHO *et al.*, 2004).

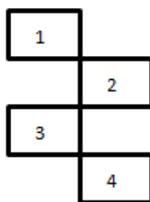
Ao fundo montou-se um cenário com um grupo de trabalhadores portando “bocós” com escritos: “Maçã Gaúcha + Empregos” e com “bins” já colhidos com as maçãs mais selecionadas que também perfaziam o segundo plano, já que pouco entraram em cena. Portanto, quem e o que está no foco? Quem está por cima? Quem está por baixo?

Fotos 1 a 3 - O atual Secretário de Agricultura e o Governador do estado do RS participando da abertura da colheita da maçã, recepcionados por uma massa de empresários e fotógrafos. Cada qual portando um “bocó”, tiveram uma pequena aula de colheita e posteriormente foram erguidos com a ajuda de um trator dentro de um “bins” para a solenidade de colheita. Pode não parecer, mas consistiu numa atuação bastante rápida,

durando em torno de 20 minutos, mas o suficiente para o registro e sua posterior divulgação nas principais mídias.

Foto 4 - Alguns dos trabalhadores que portavam “bocós” novinhos, com escritos fazendo referência à importância da maçã na geração, ficaram à parte num pano de fundo da encenação.

Sequência





9 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RETICÊNCIAS

As mudanças pelas quais os espaços, rural e urbano, vêm passando nos tempos atuais imprimem muitos desafios para a compreensão das dinâmicas que os envolvem, dado que estes - mais ou menos claramente - são reflexos de uma série de fatores que tangem a discussão do desenvolvimento. A parte conclusiva desta dissertação visa trazer um apanhado dos principais aspectos e considerações a respeito do trabalho, retomando as questões e os objetivos traçados pela pesquisa e apontando pontos que suscitam discussões futuras.

No trabalho na maçã e dos trabalhadores temporários em Vacaria foi possível perceber, através de uma breve retrospectiva e de relatos dos interlocutores, fatores como o acesso a incentivos fiscais federais e municipais, que permitiram o sucesso da fruticultura temperada no âmbito econômico. Os incentivos, ao mesmo tempo que promovem atividades econômicas, criam assimetrias e dinâmicas migratórias, fazendo com que polos distantes interatuem no espaço em busca de estratégias de reprodução social.

Os diversos desafios que o município de Vacaria vem encarando têm sido tratados de maneira paliativa, sem a devida compreensão e responsabilidade que as empresas contratantes possuem para com os trabalhadores. As empresas do ramo frutícola buscam, na lógica capitalista, aumentar sua produtividade e rentabilidade dentro dos limites da legalidade. Porém, o processo que promove essas disparidades está inscrito nas opções de desenvolvimento econômico que priorizam polos considerados dinâmicos da economia, fazendo com que os contrastes territoriais se tornem mais expressivos.

Na circulação pelos diferentes “espaços-movimento” tive a oportunidade de visibilizar externalidades presenciadas nos bastidores da rodoviária municipal, que para além de chegadas e partidas de trabalhadores, serve como arena de contratações pelos empreiteiros, abrigo de trabalhadores que não têm condições e recursos para retornar aos seus municípios, bem como espaço de lazer, descontração, prostituição e drogadição nas suas redondezas. Assim, ela é um espaço atrativo, mas ao mesmo tempo de repulsa do ponto de vista social, ao lançar cruamente tantas externalidades invisíveis aos responsáveis pelo poder público. Conforme Saramago, é necessário aguçar "a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam" (SARAMAGO, 1995, p. 4), pondo-se no desafio de observar

e retratar uma erupção de heterogeneidades, assimetrias e conexões entre pessoas e lugares.

Assim como a rodoviária, os alojamentos e o espaço de trabalho são universos que, na vivência continuada, permitiram a construção da relação em campo capaz de “estar afetado” pelo experienciado, pelo envolvimento e o engajamento na própria rotina do trabalho da colheita, aprofundando a análise sobre as relações de trabalho em espaços como alojamentos, refeitórios e pomares. As estratégias metodológicas - para além das entrevistas semiestruturadas - abrem um campo de possibilidades na interação direta com as pessoas e seus cotidianos, passando a “prosear” histórias, em narrativas sobre seus modos de vida, escolhas, significados e anseios.

As relações de trabalho aplicadas e vivenciadas pelos trabalhadores sazonais no contexto da colheita da maçã, em Vacaria, analisadas nesta dissertação, demonstram que as relações de poder aparecem como dispositivos disciplinares capazes de moldar indivíduos: “micro penalidades”, “listas negras”, “ganchos” e rankings são práticas disciplinares que se estabelecem no âmbito das relações de poder nos pomares e que estão alicerçadas em técnicas basilares do controle do tempo, da organização do espaço e da vigilância. Portanto, a própria disposição por um distanciamento geográfico do sistema de alojamentos se coloca como mecanismo de controle e de vigilância mais efetivo. Pois, se tem a sensação constante de estar sendo vigiado e que as próprias macieiras têm “ouvidos”, além da vantagem de redução de custos em relação ao transporte, controle de faltas e disponibilidade permanente dos trabalhadores para as empresas. É dessa forma que se aplica o sistema panóptico, numa arquitetura organizacional na qual se impõem tarefas para uma multiplicidade de trabalhadores.

Esse mesmo sistema de controle, conforme observei, possibilita o surgimento de pequenas práticas de resistência informais, mobilizando trabalhadores com o intuito de reivindicar questões que tangem a própria qualidade de vida dentro dos alojamentos nos pomares. Entre elas está o direito básico de acesso a estruturas de banheiro e de alimentação, motivando a organização de movimentos de confronto direto para reivindicar acesso a chuveiros com água quente e condições mínimas de higiene ou para exigir o pagamento correto de seus salários. De forma mais ampla e organizada, o Sindicato dos Trabalhadores e Assalariados Rurais é a entidade que

representa a classe trabalhadora nas conquistas das reivindicações trabalhistas que se mostram presentes até hoje no âmbito do trabalho temporário.

Desta maneira foi possível constatar que muitas das práticas observadas estão amparadas em questões trabalhistas e legitimam processos “naturalizados”. Um deles são as responsabilidades da empresa com o trabalhador, de prover transporte de ida e volta, independentemente de sua origem, mas como muitos chegam “por conta”, sequer têm conhecimento sobre seus direitos. Esse fato leva muitos “empreiteiros” a atuarem alinhados na contratação “a distância”, fazendo o agenciamento das turmas por contato telefônico ou no recrutamento dos que chegam “avulsos” no município. Assim, criam-se uma série de hierarquias dispostas nas relações entre trabalhadores e demais agentes que são pouco claras, e que põem o “empreiteiro” numa ambiguidade de identidade: por um lado é o braço direito dos trabalhadores, aquele que “dá” emprego, que batalha por melhorias e está presente para auxiliar na resolução de possíveis conflitos; por outro, deve agradar a empresa com o trabalho executado pelas turmas de trabalhadores recrutados, bem como se aproveita de diversos aparatos para ganhar o máximo sobre cada trabalhador, ficando responsável pela gerência das “cantinas” montadas dentro dos pomares para a venda de produtos básicos superestimados.

Ao tratar os trabalhadores como “todos iguais” - não no sentido na igualdade perante sujeitos, mas no sentido desse anonimato identitário, percebi o quanto o estranhamento ou a “sociologia do estranho” (MARTINS, 1993) é pautada e nutrida por condições anômicas da vida humana. Como o próprio autor afirma, é preciso inverter as perspectivas: o que é tratado como o estranho neste contexto, desprovido de objetivos e identidade, é o mesmo que anos atrás - ou nem tanto - teve seus modos de vida em suas aldeias ou lotes alterados pela chegada do “desenvolvimento”, pressionado pela expansão dos monocultivos que forçaram esse deslocamento também para terras “estranhas”.

Cabe frisar que seria de suma importância a organização de uma base de dados mais persistente e representativa em relação aos deslocamentos dos distintos trabalhadores pertencentes a diversas origens, no sentido de acompanhar as mudanças nas dinâmicas territoriais ao longo dos anos e estimular ações mais certeiras em relação à elaboração de políticas públicas e outras, a partir do conhecimento da realidade empírica e mobilidades contemporâneas baseadas em aspectos que envolvem diferentes estratégias.

Destaco que o acesso a informações fundamentais para questões quantitativas e qualitativas em relação aos trabalhadores sazonais foi gentilmente cedido para uso na pesquisa pela Polícia Civil de Vacaria. Desde 2014 ela organiza a Operação Safra, criada pela demanda do setor frutícola devido ao grande número de pessoas que se deslocam para a cidade de Vacaria e região durante a colheita da maçã e pelo histórico de tragédias em pomares, inclusive com incêndios e mortes relatados. As empresas se responsabilizam por fornecer, previamente e ao longo da safra, a relação dos trabalhadores com informações gerais sobre os mesmos, para que se possa conferir possíveis antecedentes criminais e pendências jurídicas. Embora os relatos apontem que o número de foragidos tenha diminuído nos últimos anos com a Operação, muitas informações “não oficiais” e que não são divulgadas mereceriam ser tema de futuras investigações. Esse é mais um dispositivo de registro instalado que integra o sistema que conforma a arquitetura de controle do panoptismo.

Por essa complexidade, triangulando dados fornecidos pela Polícia Civil com o que foi observado a campo, percebi que a origem de cerca de 70% dos trabalhadores sazonais é da Região Sul e 63% do total têm origem no próprio estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente na região de Vacaria e municípios limítrofes, na região da campanha e na região das missões. Uruguaiana e Santana do Livramento, na região da campanha, são municípios que contribuem com significativa origem dos trabalhadores migrantes, correspondendo ao território de expansão do cultivo da soja. A região das missões é também bastante representativa no que diz respeito às principais origens dos trabalhadores temporários do Estado, com histórico de divisão das propriedades entre os membros da família em menores porções de área, dificultando as perspectivas de produção em relação ao aspecto fundiário, fato que acaba tendenciando a busca de empregos fora das propriedades.

Existe também um percentual considerável - que pelos relatos vêm aumentando - de trabalhadores provenientes das demais regiões, com destaque para o estado do Mato Grosso do Sul, de onde tem aumentado as frentes de trabalhadores indígenas. Em se tratando das especificidades da produção de maçãs e das etnias indígenas, percebe-se um grande aumento na representatividade dessa mão de obra nos últimos anos, provenientes principalmente da região Centro-Oeste, fruto de parcerias entre a Fundação do Trabalho de Mato Grosso do Sul, que atua

em conjunto com o Ministério Público do Trabalho e a Fundação Nacional do Índio, fazendo a intermediação com as empresas. Questões que estão fundamentadas, mais profundamente, na construção social do “bom trabalhador”, já que carregam características “boas” e “preferidas”, como tem sido analisado por Motta (2020) em suas pesquisas: constância, permanência, fidelidade e obediência, vem sendo alcançadas pela contratação da mão de obra indígena. Aliado a isto, compreende-se a preferência dos gerentes dos pomares na contratação de trabalhadores “de fora”, por ser mais improvável que um trabalhador vindo de regiões mais distantes retorne antes do fim do contrato, pois isto implicaria em custos de passagem para o mesmo. Diferentemente, para os trabalhadores “locais” basta retornar para casa, motivo de maior rotatividade dentre eles. Para reduzir a rotatividade dos trabalhadores são criadas formas de “bonificação” pelos empregadores para incentivar e contornar a taxa de evasão, numa valoração do esforço empenhado na colheita, medida em quantidade de “bins” extras.

Sem o intuito de limitar a discussão existente sobre categorias de trabalhadores migrantes, busquei através do trabalho de campo, deixar aflorar o que carregam e quem são estes viventes, identificando alguns padrões que permitem que eles sejam agrupados em três “categorias de atenção” de trabalhadores que carregam características semelhantes de trajetórias, estratégias, objetivos e realidades próprias: os trabalhadores “do trecho”, categoria assim denominada pelos próprios trabalhadores, encontram-se em contínuo deslocamento, trabalhando hora na colheita, hora na construção civil, hora no comércio, mantendo-se através de “bicos”. Muitas vezes esses estão associados a estigmas de que estar no “trecho” é estar passando necessidades, de que são como pessoas em situação de rua. No entanto, os próprios interlocutores afirmam que, pelo contrário, pode estar relacionado a um modo de levar a vida em que a busca por liberdade e o fato de poder conhecer novos lugares são aspectos relevantes constituindo uma espécie de “espírito errante”. Da mesma maneira, estar no “trecho” representa um processo de amadurecimento, de um ritual de passagem e de conhecer o mundo. É ter a “mandinga” para encarar as dificuldades da vida.

A segunda categoria é composta pelos “formigas”, que se caracterizam por estabelecer uma constância na época da safra, numa estratégia e trajetória bem delimitadas na obtenção de recursos: trabalham no inverno para no verão se esconder, ou seja, trabalham durante os meses da colheita no verão e no inverno

permanecem nos seus locais de origem, cuidando de seus lotes e mantendo-se com o que foi arrecadado na maçã.

E a terceira categoria é conformada pelos “assentados”, que possuem uma trajetória de trabalho com a terra, são agricultores familiares pertencentes às antigas frentes de trabalho do MST, que encontraram nestes trabalhos temporários alternativas para estruturarem seus lotes nos assentamentos, numa estratégia de menor dependência de políticas e projetos.

Observei também alguns padrões quanto à questão da divisão sexual do trabalho, sendo disposta pelos atributos de gênero socialmente construídos, relacionados aos trabalhadores e suas funções a serem executadas, associando o homem ao trabalho pesado da colheita, gerência e liderança no pomar, e a mulher a trabalhos de mais atenção, como a classificação de frutas e a sistematização de dados.

Cabe mencionar que ao longo do trabalho de campo e da escrita me deparei com algumas limitações tanto pessoais como concernentes às próprias características do processo estudado, e que tentei dentro do possível contorná-las. No entanto, dois aspectos fogem, em parte, do meu alcance: um deles é a restrição de tempo e espaço imposta por algumas empresas, controlando a circulação no “mundo de dentro” e, conseqüentemente, influenciando o acesso a alguns dados e situações envolvendo os trabalhadores. O outro aspecto diz respeito à sazonalidade do processo analisado, ou seja, o desafio de estar minimamente preparado para aproveitar a “janela” de colheita, de 45 a 60 dias para ir a campo - já que a variedade Gala, de maior representatividade em área, tem a sua maturação num intervalo de tempo muito curto, demandando uma intensidade enorme de mão de obra num breve período - e coletar as informações sobre a vida e o trabalho cotidiano de um universo extremamente complexo.

Diante das reflexões tratadas ao longo da pesquisa visualizo temáticas que merecem ser aprofundadas, que não eram do escopo desta dissertação: como agricultores familiares - das então frentes de trabalho do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra - e trabalhadores indígenas, que nesse processo firmaram parcerias com a cadeia produtiva da maçã, estabelecerão suas estratégias num cenário de expansão do agronegócio e de acirramento de conflitos socioambientais? Outro aspecto pertinente diz respeito à contaminação de agrotóxicos pelos trabalhadores, principalmente numa conjuntura de ampla

aprovação de novos princípios ativos e falta de sistemas de monitoramento de seus efeitos na saúde dos trabalhadores. Por fim, por mais distante, o errante caminhante que perfaz e compõe este mosaico de registros escritos e visuais, carrega histórias de um trecho invisibilizado que apenas se torna visível no belo fruto que estampa nas gôndolas da cidade. De forma sintética, percebi também que os incentivos fiscais dirigidos para grandes empresas aprofundam disparidades regionais e não promovem processos de organização social que tornem as relações mais justas e equitativas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Arlene Medeiros; SLOMP, Giron Loraine. GIROTTO, Magali Giuseppina Paim (org.). **Lembranças de Vacaria**. Secretaria Municipal de Educação, 2013.

ANGROSINO, Michael. **Etnografía y observación participante en investigación cualitativa**. Madrid: Ediciones Morata, 2012.

ANJOS, Flávio Sacco dos; CALDAS, Nádia Velleda; COSTA, Maria Regina Caetano. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 44., 2006, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. Fortaleza: SOBER, 2006. Disponível em: <https://ageconsearch.umn.edu/record/145057/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

ANUÁRIO BRASILEIRO DA MAÇÃ 2018. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2018. 56 p. Disponível em: <https://issuu.com/abpmclubedamaca/docs/2018ma>. Acesso em: 08 mai. 2019.

ALVES, André; SAMAIN, Etienne. **Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado**. Campinas: Ed. Unicamp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DOS PRODUTORES DE MAÇÃ - AGAPOMI. **Evolução da área, produção de maçãs e câmaras frias no Rio Grande do Sul e Vacaria (2003 - 2019)**. Vacaria, 2019. Disponível em: <http://agapomi.com.br/informacoes/dados-estatisticos/>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Vacaria dos Pinhais**. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

BARROS, Alfredo *et al.* A grafia da luz na narrativa etnográfica. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (org.). **Ensaio (sobre o) fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográficos**. São Paulo: Record, 2000.

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. **Balinese character: A photographic analysis**. New York: New York, 1942.

BERGER, Enrique Matias; MINGO ACUÑA ANZORENA, Maria Elena. La desvalorización del trabajo agrícola. **Iluminuras**: Porto Alegre, v. 20, n. 51, jan./jul. 2012, p. 104-132. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/31046/19287>. Acesso em: 15 set. 2019.

BLANCO, Gustavo; ARCE, Alberto; FISHER, Eleanor. Becoming a region, becoming global, becoming imperceptible: Territorialising salmon in Chilean Patagonia. **Journal of Rural Studies**, v. 42, p. 179-190, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0743016715300346>. Acesso em: 25 mai. 2019.

BOLDRINI, Ilse Job. Campos sulinos: caracterização e biodiversidade. In: Araújo, E. L. *et al.* (org.). **Biodiversidade, conservação e uso sustentável da flora do Brasil**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, p. 95-97.

BRACAGIOLI NETO, Alberto. **Brasiguaios**: trajetórias migratórias e luta pela terra. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Rural - PPGSR, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 1991.

BRASIL. Senado Federal. Subsecretaria De Informações. **Lei nº 5.106 de 02 de setembro de 1966**. Dispõe sobre os incentivos fiscais concedidos a empreendimentos florestais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L5106.htm. Acesso em: 14 jun. 2018.

CARDOSO, Ruth. **A aventura de antropólogos em campo ou como esperar escapar das armadilhas do método**. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra Antropologia, 1986.

CARRIÇO, Antônio. Além do descanso: os lugares da “folga” no trabalho em padarias. Rio de Janeiro: **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo**, v. 2, n. 3, 2018. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/lat/article/view/350>. Acesso em: 02 jul. 2019.

CLIFFORD, James. **Routes: Travel and translation in the late twentieth century**. Harvard University Press, 1997.

CUNHA, Lauro Pereira da. **Índios Botocudos nos campos de cima da serra (RS)**. Porto Alegre: Criação humana - Evangraf, 2017.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, n. 4, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, v.1, 1995. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. **A produção de frutas no Brasil**. São Paulo, 2019.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 14, 2012, Florianópolis. **O município de Vacaria: ocupação e alteração da paisagem.** Florianópolis: **Anais do XIV Encontro Estadual de História - Tempo, memórias e expectativas**, 2012. Disponível em: <http://www.anpuh-sc.org.br/encontro2012/uploads/simposio-08-trabalho-04.pdf>. Acesso em: 03. ago. 2018.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Trad. Paula de Siqueira Lopes. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005 [1990]. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3476/serafetado.pdf?seque>. Acesso em: 25 mai.2019.

FEDRIZZI, Tiago Zilles; BRACAGIOLI, Alberto. Movidos pela maçã: percepções da colheita junto aos trabalhadores sazonais. In: Reunião de Antropologia do Mercosul, 13, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: RAM, 2019. Disponível em: http://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/site/anais2?AREA=6#php2go_top. Acesso em: 31 mar. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Grafreyal, 1988.

FREY, Willy. **Fraiburgo: berço da maçã brasileira**. Curitiba: Vicentina, 1989.

GALIZONI, Flávia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. Ouvindo silêncios: Daniel Hogan, o mundo rural e a natureza. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 36, Jun, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100250. Acesso em: 10 dez. 2019.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 45, p. 116-130, dez. 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>. Acesso em: 14 jun.2019.

GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social**. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: MCT - CNPq, 1990.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, cap. 1, p.1-19.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes antropológicos**, v. 1, n. 2, p. 161-185, 1995. Disponível em: <https://renatoathias.files.wordpress.com/2008/03/havisual.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Trad. Mathias Lambert. Sabotagem: 1988.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

GUEDES, André Dumans. **O trecho, as mães e os papéis**: Etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

GUEDES, André Dumans. Abrir no mundo, rasgando o trecho: mobilidade popular, família e grandes projetos de desenvolvimento. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 21, n. 21, p. 137-152, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53916>. Acesso em: 23 set.2019.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 7, n. 10, p. 77-106, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/9215/7841>. Acesso em: 08 ago.2019.

GURAN, Milton. **A “fotografia eficiente” e as Ciências Sociais**. Sobre o fotográfico. Porto Alegre: Prefeitura da Cidade de Porto Alegre, p. 87-99, 1998.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio Fundo Editora, 1992.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOFFMAN, Marcelo. “O poder disciplinar”. *In*: TAYLOR, Dianna (org.). **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Trad. Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 41-57.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo agropecuário 2006. Estabelecimentos agropecuários e contratação de trabalhadores temporários. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>. Acesso em: 16 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/vacaria.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

KLANOVICZ, J. **Natureza corrigida**: uma história ambiental dos pomares de macieira no sul do Brasil (1960-1990). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. 2007.

KUPLICH, Tatiana Mora; CAPOANE, Viviane; COSTA, Luis Fernando Flenik. O avanço da soja no bioma Pampa. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 31, p. 83-100, 2018. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/4102/3978>. Acesso em: 29 jan.2020.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LAZZAROTTO, Danilo. História do Rio Grande do Sul. 3ª edição. **Sulina, Porto Alegre**, 1978.

LIMA, Filipe Augusto Xavier et al. A reprodução socioeconômica na Agricultura Familiar: uma análise da pecuária extensiva na Capela do Caravágio - RS. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 20, n. 3, p. 94-129, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6547888>. Acesso em: 09 dez.2018.

LONG, Norman. **Sociología del desarrollo**: una perspectiva centrada en el actor. México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social: El Colegio de San Luis. 2007.

LOPES, Fabíola et al. Evolução do uso do solo em uma área piloto da região de Vacaria, RS. **Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental**, Campina Grande, v. 14, n. 10, p. 1038-1044, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-43662010001000003&script=sci_arttext. Acesso em: 23 out.2019.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. Roberto Machado (Org. e trad.) Rio de Janeiro: Graal, 2015.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. Texto e Imagem: recompondo a relação entre antropologia e fotografia. In: FURTADO, Lurdes G. (org.). **Iconografia da pesca ribeirinha e marítima na Amazônia**. Belém: Museu Goeldi, 2002.

MALINOWSKI, Bronislow. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores), 1978.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 407-424, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 set. 2019.

MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo Coutinho. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Editora Caetés, 1987.

MARTINS, José de Souza. **A chegada do estranho**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MARTINS, José de Souza. O vô das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 45-61.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas - LECH, 1981.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Nead, 2010.

MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida severina: e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MENEZES, Maria Aparecida de. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes**. RJ: Relume Dumará, JP: Ed. UFPB, 2002.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In THIOLLENT, Michel. (org.) **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3. ed. São Paulo: Editora Polis, v. 5, p. 191-212, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, p. 7-80, 2001.

MOTTA, Graziela. **Trabalho assalariado e trabalhadores indígenas nos pomares de maçã no Sul do Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

MOTTA, Graziela. A migração de trabalhadores indígenas e algumas resistências. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho, 16, 2018, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA. Disponível em: <file:///C:/Users/Note/Downloads/ABET,%20migra%C3%A7%C3%B5es%20GT%2010%20texto%20final.pdf>. Acesso em: 21 Dez.2019.

NASCIMENTO, Luciana de Cassia Nunes *et al.* Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. Brasília: **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 1, p. 228-233, Fev. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000100228&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 mar. 2020.

NEIBURG, Federico. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias: Apresentação à edição brasileira. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 6-9.

OLIVEIRA, Vanderlei de Souza. **As relações de trabalho na colheita da maçã em Vacaria (RS): da autonomia camponesa ao controle do capital.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Convênio UNESP, INCRA, Pronera. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Presidente Prudente, 2011. Disponível em: http://ceget.fct.unesp.br/assets/site/pdf/Vanderlei_de_Souza_e_Oliveira.pdf. Acesso em: 29 set. 2018.

OXFAM BRASIL. **Frutas doces, vidas amargas:** a história dos trabalhadores por trás das frutas que comemos. Informe OXFAM Brasil. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://oxfam.org.br/setor-privado-e-direitos-humanos/por-tras-do-preco/frutas-doces-vidas-amargas>. Acesso em: 10 dez. 2019.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Ligia de O. O.; OLIVEIRA, Márcia Gardênia. **Um toque de clássicos. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 2002.**

QUINTAS, Fátima. A crônica antropológica: literatura e ciência. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 33-41, 2000. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14798/11234>. Acesso em: 2 set. 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** São Paulo: Record Editora. 1990, [1938].

RECHENBERG, Fernanda. Etnografia na rodoviária: fluxos e trajetórias sociais em um espaço cosmopolita. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua:** estudos de antropologia Urbana. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013. p. 231-243.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Um projeto antropológico: o estudo da memória do trabalho na cidade moderno-contemporânea. In: DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Etnografias do trabalho narrativas do tempo**, p. 16-51, 2015.

RODOLPHO, Adriane *et al.* Inventariando a grafia da luz nas dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-UFRGS. **ILUMINURAS**, v. 5, n. 11., 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9195/5289>. Acesso em: 23 out.2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão:** Veredas. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

ROSSI, Esther Mayara Zamboni; MORETTO, Samira Peruchi. O município de Vacaria: ocupação e alteração da paisagem In: XIV Encontro Estadual de História, 2012, Florianópolis.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero:** poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter Ltda., 1995.

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, p. 41-73, 1997. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2020.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. **Como pensam as imagens. Campinas, SP: Editora da Unicamp**, p. 21-36, 2012.

SAMAIN, Etienne. Balinese character (re) visitado. In: ALVES, André. **Os argonautas do mangue**. Campinas: Editora UNICAMP, 2004. Capítulo introdutório.

SAMAIN, Etienne. Os riscos do texto e da imagem: em torno de Balinese character (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, n. 14, p. 63-88, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90617>. Acesso em: 20 Nov.2019.

SAMAIN, Etienne. "Ver" e "dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes antropológicos**, v. 1, n. 2, p. 23-60, 1995. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-1995-Ver-e-dizer-Malinowski.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Hucitec, 1997.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. Editora Companhia das Letras, 1995.

SATO, Leny; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. São Paulo: **Psicologia USP**, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 mar. 2020.

SCHMITT, Claudia Job. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. **Sociologias**, v. 13, n. 27, p. 82-112, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222011000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 21 out. 2018.

SELGAS, Fernando José García. Posthumanismo(s) y ciencias sociales: una introducción. **Política e Sociedad**, v. 45, n. 3, p. 7-15, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277273604_Posthumanismos_y_ciencias_sociales_una_introduccion. Acesso em: 26 out.2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação [online]**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, Ago. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 mar. 2020.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

SOUZA, Maurício Rodrigues de. Uma questão de método: origens, limites e possibilidades da etnografia para a psicologia social. São Paulo: **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 307-316, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642014000300307&script=sci_arttext. Acesso em: 22 nov.2019.

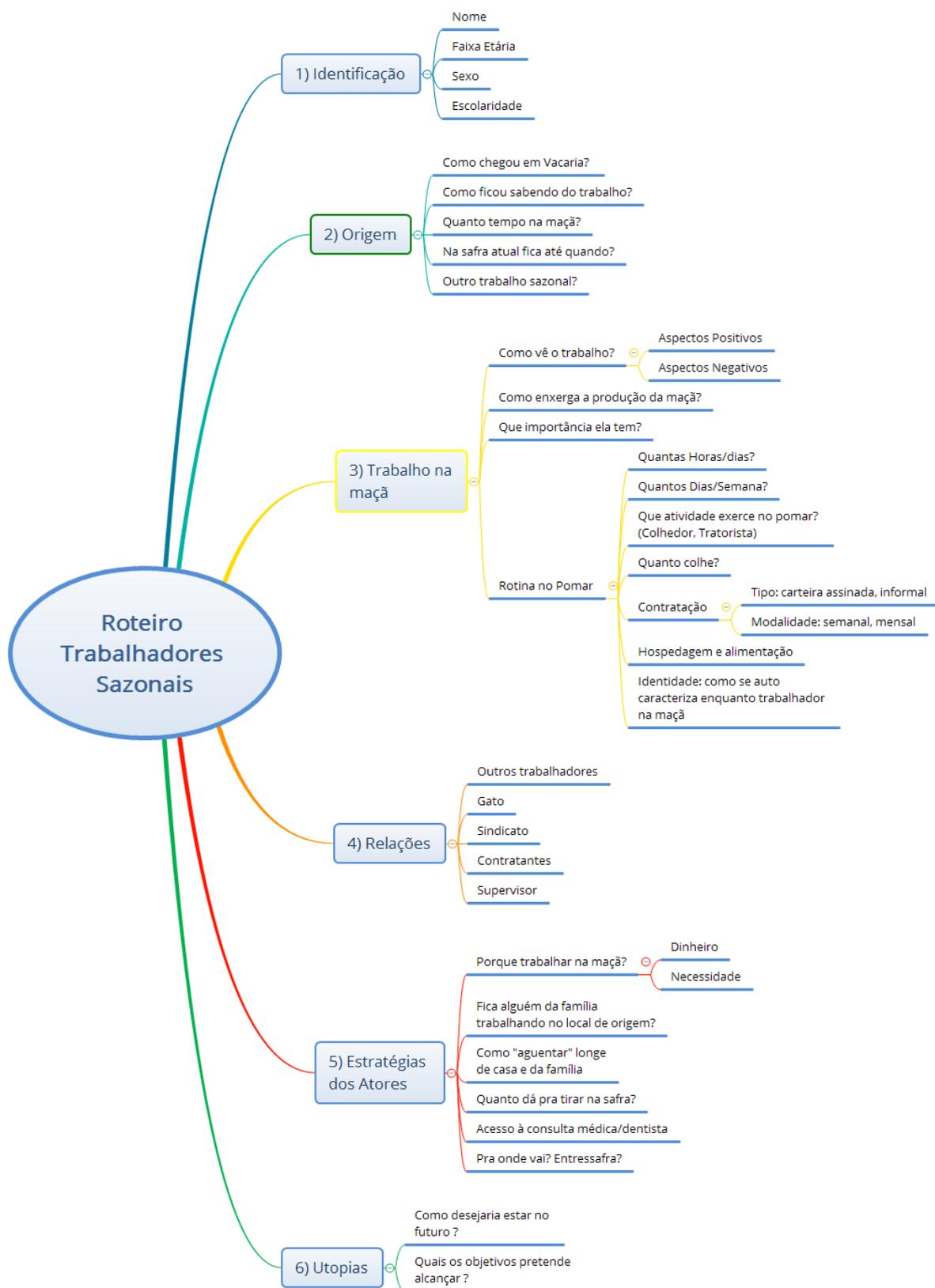
THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica investigação social e enquete operária**. 3.ed. São Paulo: Editora Polis, 1982.

VACARIA. Câmara Municipal. **Lei Orgânica Municipal nº 888 de 1975**. Autoriza doação de área ao grupo liderado por Albert Mahler, Paul Evrard e Carlos Alberto de Abreu para empresa a ser constituída na Área Industrial de Vacaria, 08 de maio de 1975. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br;rio.grande.sul;vacaria:municipal:lei:1975-05-08;888>. Acesso em: 16 set. 2018.

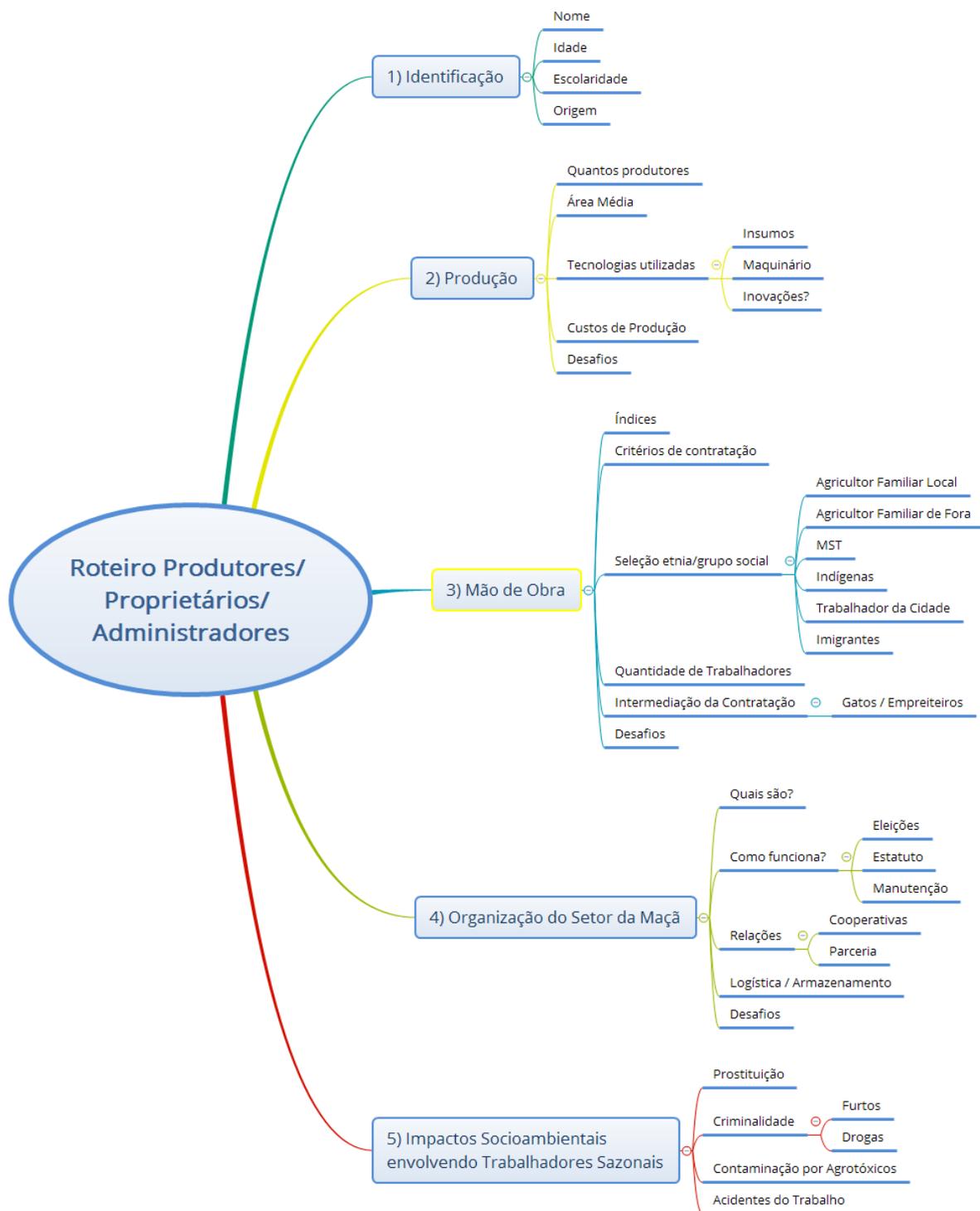
VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. v. 1. 149 p.

WOORTMAN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.7, n.1, p. 35-53, 1990. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/546>. Acesso em: 09 abr. 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DOS TRABALHADORES SAZONAIS



APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA DOS PRODUTORES



APÊNDICE C - RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS COM LOCAL E DATA DA ENTREVISTA, ORIGEM E TRABALHOS PRECEDENTES

	Entrevistado	Local da Entrevista	Data da Entrevista	Origem	Trabalhos precedentes
1)	Trabalhador A	Pomar Maçã Ltda 1	17/01/19	Porto Alegre (RS)	Pedreiro
2)	Trabalhador B	Rodoviária	23/01/19	Alegrete (RS)	Construção civil
3)	Trabalhador C	STR	31/01/19	Santana do Livramento (RS)	Pedreiro, colheita da uva
4)	Trabalhador D	Pomar Maçã Ltda 1	05/02/19	Minas Gerais	Armador de ferragem; construção civil
5)	Trabalhador E Kaingang	Pomar Maçã Ltda 1	05/02/19	Liberato Salzano (RS) - Aldeia Rio da Várzea	Capataz na lavoura de milho e soja; colheita da laranja
6)	Trabalhador F	Pomar Maçã Ltda 1	09/02/19	Santa Maria (RS)	Construção; supermercado
7)	Trabalhador G	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Minas Gerais	Garçom; Cozinheiro; Vendedor.
8)	Trabalhador H	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Haiti	Construção civil; Indústria
9)	Trabalhador I	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Belém (PA)	Mecânico de motocicleta
10)	Trabalhador J	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Garauns (PE)	Servente; Limpeza; Pomar de uva, pêssego; Lavoura de cana, tomate
11)	Trabalhador K	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Curitiba (PR)	Construção civil
12)	Trabalhador L	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Barreirinhas (MA)	Oficina mecânica; Motorista na zona rural; Pomar de laranja; Lavoura de cana.
13)	Trabalhador M	Pomar Maçã Ltda 2	12/02/19	São Paulo (SP)	Cabeleireiro
14)	Trabalhador N	Pomar Maçã Ltda 2	17/02/19	Recife (PE)	Açougue; Mercado
15)	Trabalhador O	Pomar Maçã	21/03/19	São Gabriel	Agricultor MST

		Ltda 3		(RS)	
16)	Trabalhadora P	Pomar Maçã Ltda 3	21/03/19	General Câmara (RS)	Agricultora MST
17)	Trabalhadora Q	Pomar Maçã Ltda 3	21/03/19	São Gabriel (RS)	Agricultora MST
18)	Monitor A Kaingang	Pomar Maçã Ltda 1	05/02/19	Benjamin Constant (RS)	Agricultor; artesanato; lavoura de alho, cenoura, uva, laranja.
19)	Monitor B	Pomar Maçã Ltda 2	11/02/19	Vacaria (RS)	Pomar de maçã
20)	Extensionista Emater A	Vacaria	25/08/18	-	Agrônomo
21)	Extensionista Emater B	Vacaria	22/01/19	-	Ex-Secretário da Agricultura de Vacaria; Extensionista Emater
22)	Ex-Prefeito A	Vacaria	25/08/18	Vacaria (RS)	Técnico Agrícola; Extensionista Emater
23)	Empresário A	Escritório Pomar Maçã Ltda 1	26/08/18	Vacaria (RS)	Agrônomo
24)	Empresário B	Sede AGAPOMI	29/03/19	Vacaria (RS)	Agrônomo
25)	Empreiteiro A	Pomar Maçã Ltda 1; Caminho do pomar	05/02/19	São Nicolau (RS)	Colheita da maçã; pendão do milho
26)	Empreiteiro B	Pomar Maçã Ltda 2	15/02/19	Júlio de Castilhos (RS)	Subgerente de banco; administrador hospitalar; Contabilidade
27)	Empreiteiro C	STR	13/02/19	Tupanciretã (RS)	Agricultor; capataz no pendão do milho, feijão.
28)	Funcionário Público A	Secretaria do Desenvolvimento Social	19/02/19	Vacaria (RS)	-
29)	Funcionário Público B	Ministério do Trabalho e Emprego	26/02/19	Vacaria (RS)	Fiscal do trabalho; Auditor.

APÊNDICE D - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM**MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu, _____, portador da Cédula de Identidade nº _____, inscrito no CPF sob nº _____, residente na cidade de _____, AUTORIZO o uso de minha imagem em fotos ou vídeo, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho de pesquisa do mestrado acadêmico envolvendo os trabalhadores da colheita da maçã em Vacaria-RS.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) home page; (II) trabalhos científicos; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Vacaria, _____ de _____ de 2019.

Assinatura